FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

ANO 104 ★ Nº 34.972 QUARTA-FEIRA, 1º DE JANEIRO DE 2025 R$ 7,90

2024 termina 1,5°C mais quente e acende alerta climático

Prestes a ser confirmado como o ano mais quente da história da humanidade, 2024 será também o primeiro a registrar média de temperatura acima de 1,5°C em relação aos níveis pré-industriais. A marca é simbólica por atingir o limite estabelecido no Acordo de Paris, em 2015. Cientistas alertam para a necessidade urgente de parar de utilizar combustíveis fósseis na Terra. **Ambiente A22**

Itamaraty terá ano desafiador com Trump, Brics e COP

No ano em que sedia a cúpula dos Brics e a Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas, o Brasil precisará administrar a relação com os EUA sob Donald Trump. O republicano vai jogar duro nos acordos bilaterais e influenciar a agenda desses eventos. **Mundo A16**

Crise das emendas racha governo, Câmara e Senado

Alvo de disputa entre Executivo, Legislativo e Judiciário em 2024, a execução das emendas parlamentares gerou discórdia no governo Lula (PT) e um racha entre Câmara e Senado no penúltimo dia do ano. Ontem, Lula sancionou lei com travas a emendas em 2025. **Política A6**



Adek Berry/AFP

Celebrações pela chegada de 2025 ocupam ruas ao redor do mundo

Na contagem regressiva em Pequim, na China, homem usa óculos e chapéu para dar as boas-vindas ao ano novo **Mundo A16**



Wilson Too, campeão da São Silvestre

Miguel Schincariol/AFP

Otimismo do brasileiro com ano novo é de 47%, menor nível desde 2020

É a primeira vez em cinco anos que a perspectiva positiva sobre a economia do país fica abaixo de 50%; inflação é um dos motivos

O otimismo do brasileiro para o ano que inicia caiu para o menor patamar desde 2020, mostra pesquisa Datafolha sobre a situação econômica do país. Menos da metade (47%) afirma que a população terá uma situação melhor neste calendário.

É a primeira vez em cinco anos que o indicador fica abaixo de 50%. Em dezembro de 2023, o otimismo era de 61%. Para os entrevistados, há expectativa de que a inflação piore em 2025. Essa perspectiva saltou de 51% há um ano para 67% agora.

O instituto ouviu 2.002 pessoas nos dias 12 e 13 de dezembro. A margem de erro é de dois pontos percentuais. **Mercado A10**

61% dos brasileiros acham que o país está no caminho errado, diz Datafolha **Mercado A10**

Marcelo Viana

2025, ano que é um quadrado perfeito

Um amigo me apontou que 2025 é um quadrado perfeito ($2025=45^2$), o que não acontecia há muito tempo. É, ainda, o produto e a soma de dois quadrados. Que isso signifique um ano perfeito. **A22**

esporte

SOBERANO, QUÊNIA DOMINA SÃO SILVESTRE

Agnes Keino, 36, e Wilson Too, 33, vencem a 99ª edição da corrida em São Paulo; brasileira fica em 3º **A23**

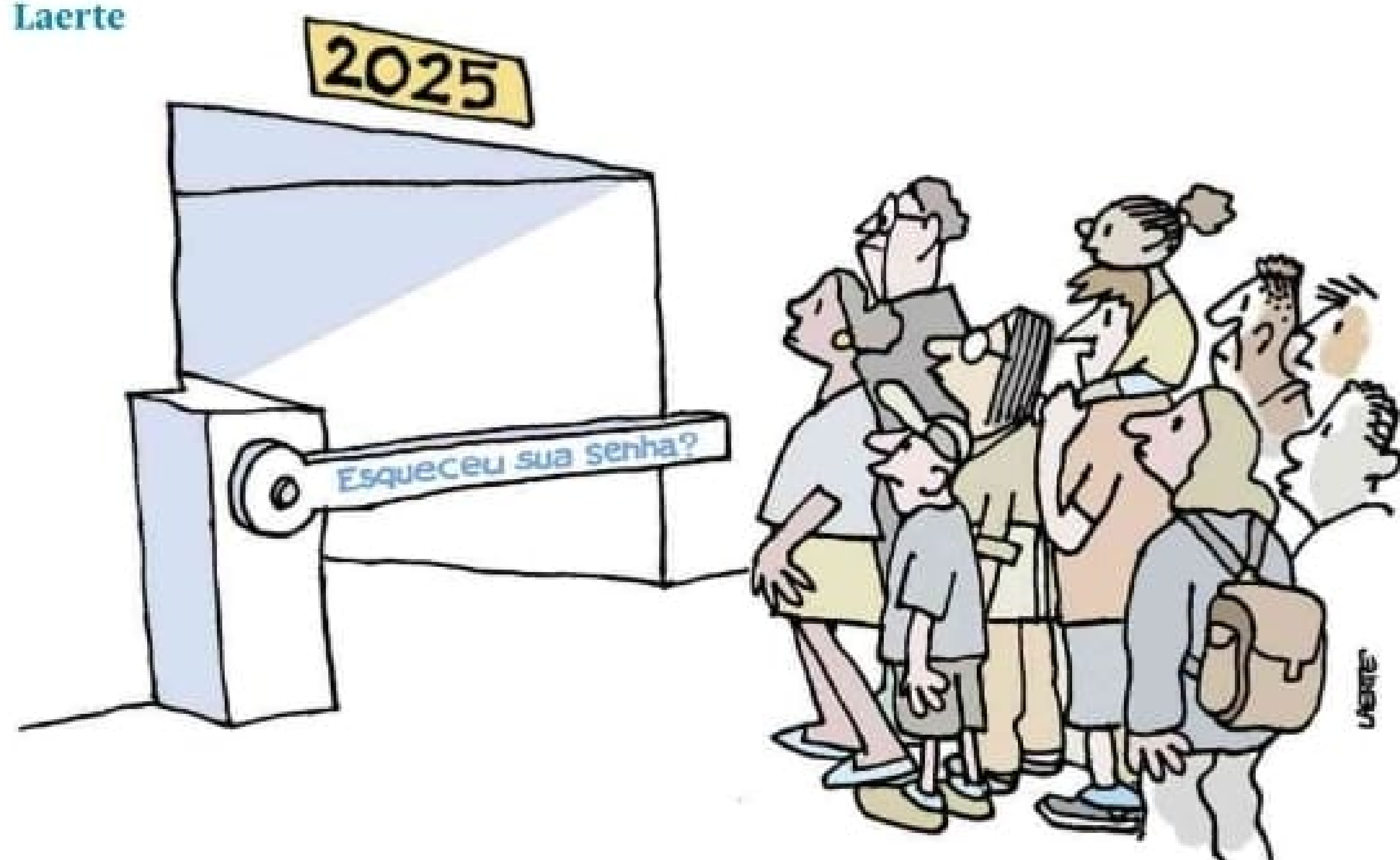
corrida

Colunistas compartilham suas previsões para 2025 **A24**

equilíbrio

Metas de ano novo precisam de planejamento **B11**

Laerte



EDITORIAIS A2

Más escolhas projetam dificuldades neste ano Sobre riscos políticos e econômicos.

Rumores sobre o ocaso da democracia são exagerados A respeito de eleições no mundo.

ISSN 1414-5723

9 771414 572049

Eufrázio

opinião

EDITORIAIS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Más escolhas projetam dificuldades neste ano

Ação contra Bolsonaro no Supremo, descontrole fiscal do governo Lula e aberração das emendas no Congresso elevam riscos, que exigem medidas técnicas e cautelosas por parte dos três Poderes

O ano de 2025, marco do primeiro quarto do século 21, começa sob a perspectiva de desafios não triviais para a política e a economia brasileiras. Compõe esse quadro uma combinação de escolhas infelizes nos dois polos do espectro ideológico, desajustes institucionais e contingências.

A conta da irascibilidade de Jair Bolsonaro (PL) durante o período em que governou o país caminha para ser explicitada no Supremo Tribunal Federal. Espera-se para os meses iniciais do ano uma denúncia do procurador-geral da República contra o ex-presidente por tentativa de golpe de Estado.

A ação que provavelmente se sucederá não deveria desviar-se nem sequer um milímetro do devido processo legal. Uma coisa é apontar o inegável pendor autoritário de Bolsonaro, outra bem diferente é decidir se as condutas apresentadas pela acusação justificam condenação criminal.

Para tanto será necessário assegurar a ampla defesa, observar à risca os ritos processuais e sustentar as decisões em base estritamente técnica. Seria desastrosa uma reincidência da corte no padrão oscilatório que marcou o caso judicial do então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Tampouco contribuirá para a normalização institucional a continuidade das ações heterodoxas do tribunal constitucional. O Supremo acaba de renovar a validade do inquérito das chamadas fake news, apesar de promessas de seu presidente de que essa anomalia estaria chegando ao fim.

Do lado petista, o ano que se inicia promete ser de desgaste em razão da opção irresponsável, contrária à praxe, de inaugurar o terceiro mandato de Lula com o pé no acelerador do gasto público. Dólar e juros em disparada, e a inflação em alta, privaram precocemente o governo de alternativas que não sejam custosas.

Manter a gastança precipitará ajuste selvagem pelos preços, o que implica cavalgada da carestia, afetando sobretudo os pobres. Aplicar um freio substancioso na despesa, de longe a melhor saída, reduzirá o impacto social e político da correção, sem necessariamente evitá-lo.

A chegada de Donald Trump à Casa Branca, que aumentará a imprevisibilidade geopolítica e acentuará medidas inflacionárias como a elevação de tarifas de importação e de barreiras à imigração, recomenda a países como o Brasil ainda mais cautela no manejo da política econômica.

Devido a desarranjos institucionais e contingências, 2025 se descortina como ano de maiores obstáculos do que 2024. Suavizar essa previsão dependerá da qualidade e da tempestividade das ações de autoridades e representantes da população

A aberração em que se transformou o regime das emendas no Congresso Nacional também prejudicará a boa condução dos assuntos públicos. A cobrança correta do STF de transparência nos desembolsos mal arranha a essência do problema, que embota a governabilidade no sistema presidencialista.

Por essas razões, 2025 se descortina como um ano de maiores obstáculos do que 2024. Suavizar ou mesmo inverter essa previsão dependerá em boa medida da qualidade e da tempestividade das ações de autoridades e representantes da população.

Rumores sobre o ocaso da democracia são exagerados

Vitórias como as de Trump e Putin aumentam percepção de avanço do autoritarismo, mas, com metade da população global indo às urnas em 2024, regimes baseados na liberdade política mostram força

Mais de 70 países, nos quais reside a metade da população do planeta, realizaram pleitos nacionais para definir o poder central em 2024. O simples fato de haver tanta gente indo às urnas sinaliza, parafraseando Mark Twain, que os rumores sobre o ocaso da democracia são exagerados.

A título de comparação, em 1970, pelos critérios do V-Dem, 53% das nações do globo eram autocracias fechadas (ditaduras plenas). As democracias liberais e democracias eleitorais não passavam de 24%. Já em 2023, apenas 19% dos países eram autocracias fechadas, e as democracias liberais ou eleitorais somavam 51%.

Reconhecer o enorme avanço não implica fechar os olhos para ameaças, que existem e vivem um período de alta. A sensação que se tem ao analisar os resultados dos pleitos de 2024 é a de que o autoritarismo avançou.

O principal motivo dessa percepção é a sólida vitória de Donald Trump. Dos anos 90 até a primeira década deste século, os EUA foram o país que mais propugnou pela expansão da democracia em escala global. É preocupante vê-los sob a liderança de um presidente que não tem o menor compromisso com a democracia, nem interna nem externamente, e desconfia-se mesmo de que poderá voltar a golpeá-la, como fez em janeiro de 2021.

Outras vitórias que contribuem para a percepção negativa foram as de Vladimir Putin na Rússia e a de Nayib Bukele em El Salvador, que vai ganhando imitadores no continente. A Venezuela poderia entrar nessa lista, mas nesse caso de eleição fraudada não se pode responsabilizar o eleitor.

Na Europa ocidental, a extrema direita obtém avanços importantes, mas não venceu o principal pleito que disputou —as legislativas antecipadas na França.

Em muitas situações, há nuances a considerar. Na Índia, por exemplo, o líder com tendências autoritárias, Narendra Modi, conseguiu obter seu terceiro mandato consecutivo, mas viu sua maioria emagrecer. Terá agora de fazer um governo de coalizão. O autoritarismo avançou (novo mandato) ou recuou (maioria mais magra)?

A alternância de poder é a essência da democracia. Há motivo para preocupação só quando vitoriosos ou derrotados atuam contra as instituições ou tentam moldá-las para atender a seus interesses

A situação perder para a oposição, com alternância entre grupos mais à esquerda e mais à direita, é a essência da democracia. Há motivo para preocupação só quando vitoriosos ou derrotados passam a atuar explicitamente contra as instituições ou tentam moldá-las para atender a seus interesses particulares.

Isso tem acontecido com mais frequência. Contudo, ao fim e ao cabo, não foram tantas as nações que deixaram de ser democracias nos últimos anos.

FOLHA DE S.PAULO ★★★

UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias

DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila

SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito

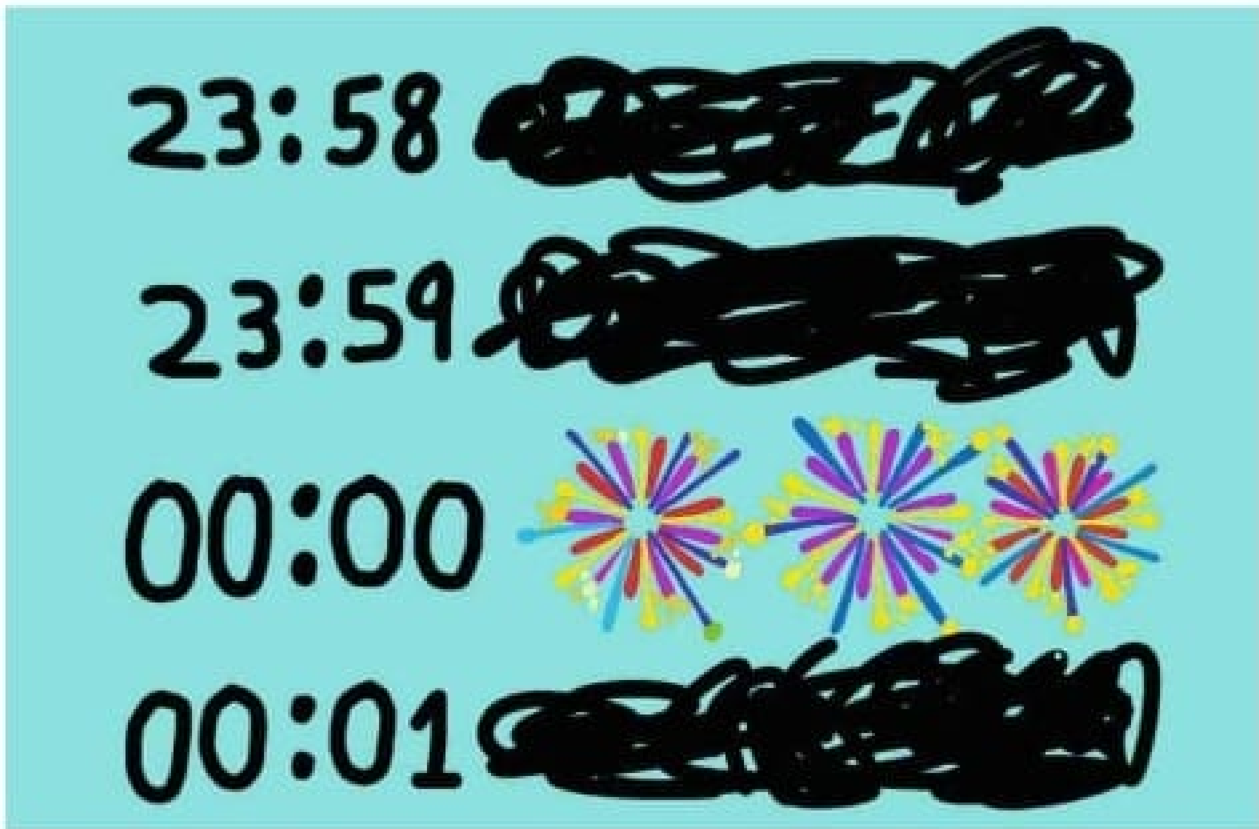
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)

DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu

DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio (*financeiro, planejamento e novos negócios*), Anderson Demian (*mercado leitor e estratégias digitais*), João Cestari (*tecnologia*) e Marcelo Benez (*comercial*)

CIRCULAÇÃO FOLHA (VERIFICADO POR PWC)
860.629 - Fechamento 1º Semestre de 2024
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa.
Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/

Pedro Vinicio



Eufrázio

COLUNISTAS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Desarranjo político

Hélio Schwartsman

SÃO PAULO Como já escrevi aqui algumas vezes, por mim não existiriam as famosas emendas parlamentares ao Orçamento. Elas são uma forma pouco democrática de perpetuar incumbentes em seus cargos, atomizam e tiram a eficácia dos gastos públicos e ainda relegam vastas áreas do país (aquelas que não são reduto eleitoral de nenhum congressista) à penúria. Vários países vivem bem sem elas.

Mas as emendas são também o modo de repartição do poder entre Executivo e Legislativo que acabou se impondo ao longo da última década. É um arranjo subótimo, mas não dá simplesmente para eliminá-lo sem colocar outra coisa no lugar.

Idealmente, coalizões de governo seriam formadas em cima de parentesco ideológico entre as legendas e de propostas concretas para a administração. Subidealmente, viria a distribuição de ministérios e cargos de segundo e terceiro escalão a partidos aliados ao presidente.

A picotagem das verbas disponíveis para investimento desponta como um distante terceiro lugar. Só não é pior do que os esquemas manifestamente ilegais de compra de parlamentares, que são, em bom português, corrupção. Nós os vimos em ação de forma escancarada no mensalão e no petrolão. Mas roubar e deixar roubar em nome da governabilidade não é uma invenção do PT.

O fato de as emendas serem uma forma degradada de manter coalizões estáveis de modo nenhum autoriza os parlamentares a faltarem com a transparência na alocação desses recursos. A opacidade só favorece a fraude e contribui para piorar o que já é ruim.

Nesse contexto, me parecem corretas as decisões do ministro Flávio Dino, do STF, que cobram do Congresso uma contabilidade mais aberta. Quando se trata de verbas públicas, transparência não é um opcional. Parlamentos surgiram justamente para controlar para onde ia o dinheiro dos impostos recolhido pelos soberanos.

Receio, porém, que não será por meio de decisões judiciais que resolveremos a contento a questão. A falta de transparência é só um dos problemas das emendas. Uma solução mais estável passa por repactuar a divisão dos poderes.

helio@uol.com.br

Jimmy Carter e a diplomacia da convicção

Bruno Boghossian

BRASÍLIA Em fevereiro de 1976, o general Ernesto Geisel recebeu Henry Kissinger. O presidente brasileiro disse ao secretário de Estado americano que estava incomodado com o que era dito sobre o Brasil nos EUA: "Nossa imagem é uma imagem de ditadura e violência. Isso não corresponde à realidade do Brasil moderno".

A ditadura não tinha problemas com o governo do republicano Gerald Ford, que seguia uma doutrina que tratava o regime como aliado contra o comunismo. Na conversa, Kissinger disse a Geisel que questões domésticas eram uma preocupação do Brasil, num sinal de que os americanos não criariam tensões sobre a violação de direitos humanos.

O secretário também afirmou estar convencido de que Ford seria reeleito. Geisel concordou, demonstrando um certo alívio. Os dois estavam errados. Nove meses depois, o democrata Jimmy Carter venceu a disputa pela Casa Branca. Nos anos seguintes, a presidência americana passaria a perturbar as ditaduras da região.

Carter levou para a diplomacia convicções que rompiam com um excesso de pragmatismo da Guerra Fria. Antes da eleição, numa entrevista à revista Playboy, ele citou a ditadura brasileira e disse que o governo americano não deveria abrir mão de princípios morais "em troca de vantagens temporárias". No discurso de posse, afirmou que o país não poderia ser indiferente à violação de direitos humanos em outros países.

A mensagem também foi entregue em mãos. Em 1977, segundo relato de Elio Gaspari, a primeira-dama Rosalynn Carter levou a defesa da democracia a Geisel e indicou que havia ficado para trás a época em que os EUA apoiavam "de forma irrestrita" qualquer regime anticomunista, "por mais repressivo que fosse".

No ano seguinte, o próprio Jimmy Carter driblou o assunto em conversa com o Geisel, mas depois se reuniu com opositores que denunciavam prisões arbitrárias e a tortura, como dom Paulo Evaristo Arns.

Carter perdeu as eleições de 1980. Deixou o poder com a graça de poucos derrotados e construiu uma carreira como ex-presidente, mantendo a convicção da defesa da democracia, da paz e dos direitos humanos. Morreu no domingo (29), aos 100 anos.

Você vive ou só paga boletos?

Mariliz Pereira Jorge

RIO DE JANEIRO As duas maiores personalidades de 2024, para mim, são Antonio Cicero e Jout Jout. Os fãs do primeiro talvez não conheçam a segunda e vice-versa. Mas a história dos dois, em universos tão particulares, parecia ligada por um fio invisível que conecta pessoas que de verdade amam a vida.

O filósofo optou por suicídio assistido quando entendeu que o Alzheimer o privaria de viver como gostava, com a companhia de amigos, de seus livros e da produção de novos ensaios e poemas. A estrela do YouTube desapareceu das redes há cerca de dois anos e, apenas recentemente, contou que mora num vilarejo de chão de terra batida no interior do país, sem TV, sem wi-fi, sem ser reconhecida, sem explorar sua experiência com a maternidade, só agora revelada.

Não há gente mais afortunada do que aquelas fiéis aos prazeres, cada vez mais atropelados por necessidades inventadas, urgências desimportantes, que ocupam todos os pequenos e grandes espaços do que costumávamos chamar de vida. Ler, comer, dormir, ouvir música, conversar, filosofar. Antonio, com a chancela da Academia Brasileira de Letras e de fãs que ainda abrem os braços para cantar que fazem um país. Jout Jout, com o carimbo de milhões de seguidores inspirados por seu jeito simples de descomplicar inseguranças, paranoias, relações.

Estou vivendo ou só pagando boletos? Desesperador quando um meme resume a sua condição existencial. Este ano, eu me vi inúmeras vezes em situações em que estava ocupada demais para viver, cansada demais para encontrar amigos, com preguiça demais para cuidar do corpo e da cabeça. Como se a vida e a saúde fossem infinitos e pudessem ser adiados até que tenhamos tempo.

Antonio Cicero me lembrou que a vida pode ser mais breve do que planejamos. Assim como Jout Jout, ou Julia, seu nome fora das redes, nos mostra que a verdadeira ostentação é poder fazer escolhas que nos devolvam o significado de outro meme, desvirtuado num mundo de influenciadores: viver no simples. Que em 2025, possamos encontrar a felicidade no básico e que não nos falte vida para poder desfrutá-lo.

P.S. Obrigada pela companhia. Dou férias ao leitor.

O que se pode chamar de liberalismo?

'Clássico' faz parecer antiquado, o que é incorreto, e 'libertarianismo' nunca ficou claro para a maioria dos norte-americanos

Deirdre McCloskey

Economista, é professora emérita de economia e história na Universidade de Illinois, em Chicago. Escreve às quartas

Criei um rótulo para o que sou e o que quero que você se torne para podermos ter êxito na construção de uma boa sociedade. Até recentemente, eu o chamava de liberalismo "verdadeiro". Isso insulta meus muitos bons amigos que se dizem liberais. Ele diz: "Eu sou verdadeiro. Você, infelizmente, é falso". "Liberal verdadeiro" tem o mesmo problema. Você nem é real. Uma espécie de fantasma!

Agora, é claro que eu realmente acredito que esses meus queridos amigos "liberais" são, em certo sentido, falsos e não reais. Não é que eles sejam insinceros em sua afirmação de que são liberais, mas que estão enganados em como o chamam. E não é uma questão de "mera" retórica. A retórica tem grandes consequências na política.

Em particular, muitos dos meus amigos "liberais" acreditam no oposto do liberalismo. Tudo começou após o breve pico da ideologia liberal no início do século 19, como na Constituição espanhola de 1812 ao declarar que o "princípio servil" seria abolido. Não haveria mais senhores. Um liberalismo "novo" ou "social" foi introduzido na década de 1880 na Grã-Bretanha, o lar do liberalismo. E ainda está entre nós. Ele diz: "Vamos usar os poderes do Estado para coagir as pessoas a ajudar os pobres e, ao mesmo tempo, coagir os próprios pobres". Por exemplo, a eliminação de favelas era vista como Novo Liberalismo. "Vou derrubar suas casas", dizia ele aos pobres, "porque é bom para vocês."

Nos EUA, até a década de 1960, favelas foram derrubadas para construir superestradas cortando o centro das cidades. Não causa surpresa que rodovias fossem usadas para segregar

Nos EUA, até a década de 1960, favelas foram derrubadas para construir superestradas cortando o centro das cidades. Não causa surpresa que rodovias fossem usadas para segregar negros de brancos, como em Chicago. E assim por diante. "Torne ilegal pagar a você menos do que um alto salário mínimo", assim, se os patrões acharem que você não vale tanto, você ficará sem emprego.

Como chamar o liberalismo de Adam Smith, Mary Wollstonecraft e do antigo J.S. Mill, e depois pessoas como Milton Friedman? O que é chamado de liberalismo "clássico", ou "libertarianismo" nos EUA, ambos têm seus próprios problemas. "Clássico" faz o liberalismo parecer antiquado, o que é incorreto. E "libertarianismo" nunca ficou claro para a maioria dos norte-americanos, embora suas políticas sejam o que a maioria deles quer.

Minha avó, nascida na década de 1890, tinha um princípio clássico-libertário: "Faça o que você quiser, mas não assuste os cavalos". No entanto, alguns autointitulados libertários nos EUA hoje em dia são tão coercitivamente contra qualquer socialismo que se inclinaram para o fascismo e apoiam Trump. Incrível. Eles assustam os cavalos, e certamente a mim.

Qual é o meu novo rótulo? Liberalismo "suficiente". Quero dizer, uma igualdade de permissão, não igualdade de renda ou de oportunidade —ambas as quais envolvem coerção e, de qualquer forma, são inatingíveis, mesmo grosseiramente. Mas podemos começar a dar permissão às pessoas, amanhã, retirando os milhões de regulamentações que obstruem a economia dos EUA e do Brasil. Uma mulher pode se tornar piloto de avião, um negro pode conseguir um emprego na África do Sul, pessoas pobres podem viver onde podem pagar o aluguel, sem que o Estado intervenha, como fez, para segregar as pessoas pobres em favelas.

Sem senhores, sem coerções. É o suficiente.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias
debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Paz e prosperidade

Em 2024, o Brasil fez o sexto maior ajuste fiscal do mundo, sendo o terceiro maior entre os países emergentes, segundo dados do FMI

Fernando Haddad
Ministro da Fazenda

O Brasil encerrou mais um ano de crescimento econômico expressivo, com avanços na condição de vida da nossa população, mais igualdade de renda e mais oportunidades. Uma agenda legislativa robusta permitiu reformas fundamentais, que melhoraram a competitividade do país, enquanto milhões de brasileiros encontraram novas oportunidades de trabalho, gerando renda e prosperidade.

Não há fórmula única para o crescimento econômico, mas a tranquilidade é um ingrediente essencial. É ela que permite às pessoas trabalharem em paz, dedicarem-se aos seus sonhos e prosperarem com o apoio da sociedade. Foi ela que ajudou o Brasil a fechar 2024 com o menor nível de desemprego da história, mais 3,5 milhões de empregos gerados, uma indústria de transformação em crescimento após anos de retração e exportações vigorosas, mesmo diante de desafios climáticos em diversas regiões. É um cenário em que os investimentos voltam a crescer, sinalizando aumento de produtividade e um futuro promissor.

A tranquilidade, no entanto, é construída diariamente, com diálogo, atenção às necessidades do próximo e muito trabalho. Cumprir metas fiscais, por exemplo, exige dedicação constante. Atingir o resultado primário proposto, como conseguiremos em 2024, é indispensável para manter a economia estável.

Em 2024, o Brasil fez o sexto maior ajuste fiscal do mundo, sendo o terceiro maior entre os países emergentes, segundo o FMI.

Mesmo com os gastos extraordinários para apoiar o povo gaúcho, atingido pelas enchentes, o déficit primário em 2024 será de apenas 0,4% do PIB — um dos melhores resultados em uma década. Diferente de outros casos em que o ajuste fiscal veio acompanhado de desemprego, recessão e perda de direitos, o Brasil ajustou suas contas promovendo crescimento e empregos.

O controle do gasto público é um fator determinante nesse processo. Após a recomposição das políticas sociais e o pagamento de passivos de políticas equivocadas ou irresponsáveis do período passado, o gasto público vem se aquietando. O gasto primário voltou aos níveis pré-Covid e deve seguir caindo gradualmente. Além disso, as medidas aprovadas pelo Congresso em dezembro darão maior fôlego ao arcabouço fiscal.

Nosso crescimento é sólido, fruto do trabalho de todos. O PIB brasileiro crescerá 3,5% em 2024, mesmo com um impulso fiscal de -1,3% do PIB, o quinto menor do mundo.

Programas como o Pé-de-Meia, que visa combater a evasão escolar e qualificar a educação, o Acredita, que democratiza o acesso ao crédito, e o Desenrola, que permitiu a milhões de brasileiros saírem da inadimplência, reforçam nossa confiança no crescimento econômico com inclusão social.

Este Brasil que cresce e gera oportunidades tem como alicerces a disciplina fiscal, as reformas estruturais e o potencial humano de nossa gente. Nossas conquistas são o escudo contra as crescentes incertezas globais

O mercado de trabalho também se transformou: a participação feminina na força de trabalho voltou a crescer e a proporção de pessoas com ensino superior duplicou em relação a 2002. Isso exige que avancemos na taxa de investimento e aproveitemos os ganhos da reforma tributária para estimular a produtividade e integrar mais brasileiros à força de trabalho formal.

Outro marco é a transformação ecológica, impulsionada pelo apoio estratégico do BNDES e pelo mercado de capitais, que já redefine setores como energia renovável, biocombustíveis, minerais críticos e restauração florestal.

Nosso país assume papel de liderança na transição para uma economia sustentável, alinhando crescimento econômico a cuidado ambiental. A sanção do mercado de carbono pelo presidente Lula coloca o país em um patamar e desenvolvimento sustentável alinhado aos padrões socioambientais estabelecidos pela OCDE.

Este Brasil que cresce e gera oportunidades tem como alicerces a disciplina fiscal, as reformas estruturais e o potencial humano de nossa gente. Nossas conquistas são o escudo contra as crescentes incertezas globais e demonstram que estamos dispostos a tomar todas as medidas necessárias para manter a economia nos trilhos, com previsibilidade, estabilidade e instituições fortes e autônomas.

Que 2025 seja um ano de ainda mais paz e prosperidade para o Brasil. Feliz ano novo a todos!

Economia, política, filosofia, o Pix e o pão

A certa altura, os pobres, todos com fome e sono, interrompem os debates e se dispersam, indo à busca de algo para comer e de um lugar para dormir

Luiz Guilherme Piva
Economista pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mestre (Universidade Federal de Minas Gerais) e doutor (Universidade de São Paulo) em ciência política e autor de "Ladrilhadores e Semeadores" (Editora 34) e "A Miséria da Economia e da Política" (Manole)

A economia tem uma lei, a da oferta e da procura, pela qual, se alguém tem um produto que poucas pessoas querem comprar pelo preço pedido, ou o tem numa quantidade maior do que o número de interessados àquele preço, ele deve reduzir esse preço. Sinal de que estaria cobrando acima do razoável para se remunerar, mesmo que seja algo essencial, como roupa, pão, água e moradia. Isso do lado da oferta.

Do lado da procura, se alguém tem um produto que muitas pessoas querem comprar pelo preço pedido, ou o tem numa quantidade menor do que o número de interessados àquele preço, ou, ainda, se um pequeno número de pessoas está ávido por comprá-lo, ele pode subir seu preço, ainda que acima do razoável para se remunerar, e mesmo que seja algo essencial, como roupa, pão, água e moradia.

A maioria pobre da população, na sua precariedade teórica e alimentar, quando se põe a debater epistemologia, conceitua tal imperativo como ganância.

Segundo outro axioma econômico, se todos os indivíduos exercerem de forma absolutamente livre suas atividades (o ofício de padeiro é um dos citados), buscando satisfazer unicamente seu próprio interesse, sem pensar em mais ninguém, eles produzirão o bem comum, gerando bem-estar material para a sociedade e a riqueza das nações.

A população pobre reflete se tal postulado é uma doxa ou conhecimento científico — e acaba se dividindo, a partir da própria palavra grega doxa, em ortodoxos e heterodoxos.

Os primeiros creem que, desde que um modelo matemático, isolado em laboratório, comprove a premissa teórica, não importa que ela não se verifique na realidade, e a miséria do entorno vira uma sombra na caverna.

Os segundos, sentindo o mal-estar que eles, pobres, como maior parte da sociedade, sofrem, acham que os ortodoxos estão adotando apenas a parte do axioma pela qual eles mesmos devem exercer de forma totalmente livre suas atividades para satisfazer unicamente seus interesses.

Um dos maltrapilhos lembra que esse axioma contraria uma teoria anterior, que diz que os indivíduos, se deixados livres para fazer o que quiserem, acabarão, dada a escassez de recursos, num estado de guerra de todos contra todos, e que por isso é preciso haver uma autoridade que regule as atividades humanas, garanta a paz e o desenvolvimento.

Para alguns, uma autoridade para coibir a ganância e prover melhorias materiais é repressão econômica, política e psicológica; para outros, sem repressão não há civilização

Nesse ponto há um aprofundamento da discussão fenomenológica e alguns dos miseráveis propugnam por um acordo geral para criar tal autoridade (inexistente para eles), de modo a coibir a ganância e prover melhorias materiais; porém surgem correntes que contestam, dizendo que isso é repressão econômica, política e psicológica, ao que outras replicam afirmando, propedeuticamente, que sem repressão não há civilização.

Mas a essa hora, já acalorados, os pobres, todos com fome e sono, interrompem os debates e se dispersam, indo à busca de algo para comer e um lugar para dormir.

Alguns encontram um sopão e um abrigo. Outros não, e roncam os pulmões e o estômago nas calçadas. São poucos, de melhor sorte, os que conseguem uns trocados nos sinais, o que é cada vez mais difícil com o Pix, e se dirigem à primeira padaria.

Mas o preço do pão está acima da sua capacidade de pagamento. E, se eles, com seu dinheiro engruvinhado, insistirem muito, o preço subirá mais um pouco.

É a lei.

opinião

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias
debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Paz e prosperidade

Em 2024, o Brasil fez o sexto maior ajuste fiscal do mundo, sendo o terceiro maior entre os países emergentes, segundo dados do FMI

Fernando Haddad
Ministro da Fazenda

O Brasil encerrou mais um ano de crescimento econômico expressivo, com avanços na condição de vida da nossa população, mais igualdade de renda e mais oportunidades. Uma agenda legislativa robusta permitiu reformas fundamentais, que melhoraram a competitividade do país, enquanto milhões de brasileiros encontraram novas oportunidades de trabalho, gerando renda e prosperidade.

Não há fórmula única para o crescimento econômico, mas a tranquilidade é um ingrediente essencial. É ela que permite às pessoas trabalharem em paz, dedicarem-se aos seus sonhos e prosperarem com o apoio da sociedade. Foi ela que ajudou o Brasil a fechar 2024 com o menor nível de desemprego da história, mais 3,5 milhões de empregos gerados, uma indústria de transformação em crescimento após anos de retração e exportações vigorosas, mesmo diante de desafios climáticos em diversas regiões. É um cenário em que os investimentos voltam a crescer, sinalizando aumento de produtividade e um futuro promissor.

A tranquilidade, no entanto, é construída diariamente, com diálogo, atenção às necessidades do próximo e muito trabalho. Cumprir metas fiscais, por exemplo, exige dedicação constante. Atingir o resultado primário proposto, como conseguiremos em 2024, é indispensável para manter a economia estável.

Em 2024, o Brasil fez o sexto maior ajuste fiscal do mundo, sendo o terceiro maior entre os países emergentes, segundo o FMI.

Mesmo com os gastos extraordinários para apoiar o povo gaúcho, atingido pelas enchentes, o déficit primário em 2024 será de apenas 0,4% do PIB — um dos melhores resultados em uma década. Diferente de outros casos em que o ajuste fiscal veio acompanhado de desemprego, recessão e perda de direitos, o Brasil ajustou suas contas promovendo crescimento e empregos.

O controle do gasto público é um fator determinante nesse processo. Após a recomposição das políticas sociais e o pagamento de passivos de políticas equivocadas ou irresponsáveis do período passado, o gasto público vem se aquietando. O gasto primário voltou aos níveis pré-Covid e deve seguir caindo gradualmente. Além disso, as medidas aprovadas pelo Congresso em dezembro darão maior fôlego ao arcabouço fiscal.

Nosso crescimento é sólido, fruto do trabalho de todos. O PIB brasileiro crescerá 3,5% em 2024, mesmo com um impulso fiscal de -1,3% do PIB, o quinto menor do mundo.

Programas como o Pé-de-Meia, que visa combater a evasão escolar e qualificar a educação, o Acredita, que democratiza o acesso ao crédito, e o Desenrola, que permitiu a milhões de brasileiros saírem da inadimplência, reforçam nossa confiança no crescimento econômico com inclusão social.

O mercado de trabalho também se transformou: a participação feminina na força de trabalho voltou a crescer e a proporção de pessoas com ensino superior duplicou em relação a 2002. Isso exige que avancemos na taxa de investimento e aproveitemos os ganhos da reforma tributária para estimular a produtividade e integrar mais brasileiros à força de trabalho formal.

Este Brasil que cresce e gera oportunidades tem como alicerces a disciplina fiscal, as reformas estruturais e o potencial humano de nossa gente. Nossas conquistas são o escudo contra as crescentes incertezas globais

Outro marco é a transformação ecológica, impulsionada pelo apoio estratégico do BNDES e pelo mercado de capitais, que já redefine setores como energia renovável, biocombustíveis, minerais críticos e restauração florestal.

Nosso país assume papel de liderança na transição para uma economia sustentável, alinhando crescimento econômico a cuidado ambiental. A sanção do mercado de carbono pelo presidente Lula coloca o país em um patamar e desenvolvimento sustentável alinhado aos padrões socioambientais estabelecidos pela OCDE.

Este Brasil que cresce e gera oportunidades tem como alicerces a disciplina fiscal, as reformas estruturais e o potencial humano de nossa gente. Nossas conquistas são o escudo contra as crescentes incertezas globais e demonstram que estamos dispostos a tomar todas as medidas necessárias para manter a economia nos trilhos, com previsibilidade, estabilidade e instituições fortes e autônomas.

Que 2025 seja um ano de ainda mais paz e prosperidade para o Brasil. Feliz ano novo a todos!

Economia, política, filosofia, o Pix e o pão

A certa altura, os pobres, todos com fome e sono, interrompem os debates e se dispersam, indo à busca de algo para comer e de um lugar para dormir

Luiz Guilherme Piva
Economista pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mestre (Universidade Federal de Minas Gerais) e doutor (Universidade de São Paulo) em ciência política e autor de "Ladrilhadores e Semeadores" (Editora 34) e "A Miséria da Economia e da Política" (Manole)

A economia tem uma lei, a da oferta e da procura, pela qual, se alguém tem um produto que poucas pessoas querem comprar pelo preço pedido, ou o tem numa quantidade maior do que o número de interessados àquele preço, ele deve reduzir esse preço. Sinal de que estaria cobrando acima do razoável para se remunerar, mesmo que seja algo essencial, como roupa, pão, água e moradia. Isso do lado da oferta.

Do lado da procura, se alguém tem um produto que muitas pessoas querem comprar pelo preço pedido, ou o tem numa quantidade menor do que o número de interessados àquele preço, ou, ainda, se um pequeno número de pessoas está ávido por comprá-lo, ele pode subir seu preço, ainda que acima do razoável para se remunerar, e mesmo que seja algo essencial, como roupa, pão, água e moradia.

A maioria pobre da população, na sua precariedade teórica e alimentar, quando se põe a debater epistemologia, conceitua tal imperativo como ganância.

Segundo outro axioma econômico, se todos os indivíduos exercerem de forma absolutamente livre suas atividades (o ofício de padeiro é um dos citados), buscando satisfazer unicamente seu próprio interesse, sem pensar em mais ninguém, eles produzirão o bem comum, gerando bem-estar material para a sociedade e a riqueza das nações.

A população pobre reflete se tal postulado é uma doxa ou conhecimento científico — e acaba se dividindo, a partir da própria palavra grega doxa, em ortodoxos e heterodoxos.

Os primeiros creem que, desde que um modelo matemático, isolado em laboratório, comprove a premissa teórica, não importa que ela não se verifique na realidade, e a miséria do entorno vira uma sombra na caverna.

Os segundos, sentindo o mal-estar que eles, pobres, como maior parte da sociedade, sofrem, acham que os ortodoxos estão adotando apenas a parte do axioma pela qual eles mesmos devem exercer de forma totalmente livre suas atividades para satisfazer unicamente seus interesses.

Um dos maltrapilhos lembra que esse axioma contraria uma teoria anterior, que diz que os indivíduos, se deixados livres para fazer o que quiserem, acabarão, dada a escassez de recursos, num estado de guerra de todos contra todos, e que por isso é preciso haver uma autoridade que regule as atividades humanas, garanta a paz e o desenvolvimento.

Para alguns, uma autoridade para coibir a ganância e prover melhorias materiais é repressão econômica, política e psicológica; para outros, sem repressão não há civilização

Nesse ponto há um aprofundamento da discussão fenomenológica e alguns dos miseráveis propugnam por um acordo geral para criar tal autoridade (inexistente para eles), de modo a coibir a ganância e prover melhorias materiais; porém surgem correntes que contestam, dizendo que isso é repressão econômica, política e psicológica, ao que outras replicam afirmando, propedeuticamente, que sem repressão não há civilização.

Mas a essa hora, já acalorados, os pobres, todos com fome e sono, interrompem os debates e se dispersam, indo à busca de algo para comer e um lugar para dormir.

Alguns encontram um sopão e um abrigo. Outros não, e roncam os pulmões e o estômago nas calçadas. São poucos, de melhor sorte, os que conseguem uns trocados nos sinais, o que é cada vez mais difícil com o Pix, e se dirigem à primeira padaria.

Mas o preço do pão está acima da sua capacidade de pagamento. E, se eles, com seu dinheiro engruvinhado, insistirem muito, o preço subirá mais um pouco.

É a lei.

Eufrázio

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor
leitor@grupofolha.com.br

Disputa de poder

"Crise das emendas causa racha no governo e entre Câmara e Senado" (Política, 31/12). O Congresso atual não é formado por representantes do povo, mas por aproveitadores inconsequentes.
Carla C. Oliveira (São Paulo, SP)

*

"Desacato à lei na casa das leis" (Dora Kramer, 30/12). Existe algum conceito para poderes que desobedecem as leis, inclusive a Constituição? E um processo? Seria uma degradação institucional? Uma crise? Um apodrecimento sistêmico? Um esgarçamento do tecido institucional? Uma democracia aguenta a corrosão de seus pilares por quanto tempo? Isto ainda é democracia no sentido clássico?
Maria Ester de Freitas (Guarujá, SP)

*

É só o Congresso respeitar a lei da transparência na aplicação dos recursos públicos que a crise acaba. Parabéns ao STF e que o governo faça a mesma coisa.
José Walter da Mota Matos
(Pouso Alegre, MG)

Expansão do Bolsa Família

"Sete em cada dez brasileiros são favoráveis à ampliação do Bolsa Família, indica Datafolha" (Mercado, 30/12). O governo deveria analisar com rigor a política de renda básica universal.
Daisy Santos (Aracaju, SE)

*

Tornou-se um importante instrumento de controle social. Sem ele o país corre risco de convulsão social. Deve ser mantido e ampliado.
Nacib Hetti (Belo Horizonte, MG)

*

O que se pede é eficiência, produtividade, resultados! Valorização baseada em mérito! Acabar com penduricalhos e promover por avaliação externa! Topam? Mas o que querem é o salário sem contrapartidas!
José Prado (Uberaba, MG)

Distribuição de recursos

A queda da ponte entre Tocantins e Maranhão ("O colapso da ponte Juscelino Kubitschek de Oliveira e os desafios na gestão dessas vias no Brasil", Mercado, 30/12) simboliza o descaso e a falta de transparência com o dinheiro público. Onde o urgente dá lugar para negligências. O ministro Dino tem razão, essa "balbúrdia" causa danos à nação e revolta os contribuintes.
Ângela Luiza S. Bonacci
(São José dos Campos, SP)



Arthur Lira e Rodrigo Pacheco durante cúpula dos presidentes dos parlamentos do G20 Gabriela Biló · 7.nov.24/Folhapress

Panorama

"O estado de São Paulo avança na direção certa" (Opinião, 29/12). A única coisa que vi avançar em SP no seu governo é a truculência da PM com cidadão honesto, pobre e trabalhador! Queremos uma segurança pública que não enxergue o cidadão como inimigo!
Eliaquim Almeida
(Rio de Janeiro, RJ)

*

Acho importante as mídias abrirem espaço pelo menos uma vez ao ano para o governador ou prefeito poderem expor suas realizações. Nós, pagadores de impostos, temos esse direito. Fiquei sabendo de muitas realizações que não tinha ideia. Agora cabe aos jornalistas fazerem matérias comprovando o que foi dito pelo governador. É assim que podemos formar melhor nossa opinião.
Cesar Costa (São Paulo, SP)

Ofícios

São todos importantes, como diz docemente a crônica de Bia Braune ("Neste fim de ano, que jornalistas e jornaleiros estejam na mesma página", 29/12). Já fui vendedor de jornais e tinha até freguesia cativa. A evolução para ser cronista se dá pela leitura de textos e de mundo. A crônica faz uma conexão com o importante texto-denúncia de Bianca Santana ("Jornalismo não é crime", 29/12), lembrando que a notícia precisa ser dada com respeito e responsabilidade.
Adilson Roberto Gonçalves
(Campinas, SP)

*

Que texto bonito e emocionante, também cresci indo na banca de jornal no domingo com o meu pai para comprar o jornal e gibis.
Cristina Lima (Santos, SP)

Reflexão

"Na virada do ano, fico imaginando como será a vista para cá embaixo" (João Pereira Coutinho, 30/12). Nossa natureza humana, presa ao ciclo dos dias e ao relógio, conspira contra essa perspectiva. Mas a noção de eternidade, com sua promessa de ordem e sentido, nos atrai. Na noite da virada, entre taças de champanhe e abraços esperançosos, somos todos filósofos temporários. Contamos os segundos para o ano novo, mas há algo em nós que intui que o tempo não se dobra à nossa contagem. Ele é eterno.
Alexandre Marcos Pereira
(Ribeirão Preto, SP)

*

Bela crônica de fim e começo de ano. Valeu! Digo feliz ou próspero ano novo?
Raymundo de Lima (Maringá, PR)

Boas-festas

A **Folha** agradece e retribui os votos de boas-festas recebidos de Luis Eduardo Souza Flamini.

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

OPINIÃO (25.DEZ., PÁG. A2) O editorial "Governos têm o dever de conter a dengue em 2025" afirmou incorretamente que o método Wolbachia usa uma bactéria para limitar a procriação do mosquito. A bactéria bloqueia o vírus transmitido pelo mosquito.

PRIMEIRA PÁGINA (31.DEZ.) Em parte das edições, a palavra rendimentos foi incorretamente grafada em "Com alta do dólar, bitcoin e ações dos EUA lideram rendimentos em 2024".

ATMOSFERA

São Paulo

Hoje 19º 31º

0h 6h 12h 18h 24h

Amanhã 18º 28º

	Hoje	
Rio	21º	31º
Brasília	19º	28º
Ribeirão	18º	28º

	Amanhã	
Rio	20º	29º
Brasília	18º	27º
Ribeirão	18º	29º

Fonte: www.climatempo.com.br

ABRE E FECHA

Serviços abertos ou fechados em São Paulo nesta quarta (1º), Dia da Confraternização Universal

Serviço	Qua (1º)
Bancos	Fechados
Correios	Fechados
Procon-SP	Fechado
Agências da Previdência Social (INSS)	Até 14h
Assistências Médicas Ambulatoriais	7h às 19h
AMAs/UBSs integradas	7h às 19h
AMAs de Especialidades (AMAs-E)	Fechadas
Hospitais Dia (HD)	Fechados
Hospitais Municipais (HMs)	Abertos
Prontos-socorros Municipais (PSMs)	Abertos
Unidades de Pronto Atendimento (UPAs)	Abertas
Centros de Atenção Psicossocial (Caps) IV	Abertos
Laboratório de Análises Toxicológicas	Aberto
Centro de Controle de Intoxicações (CCI)	Aberto
Centros de Cuidados Odontológicos (CCOs)	Fechados
Hospitais veterinários Leste e Sul	7h às 17h
Hospitais veterinários Norte e Oeste	Fechados
Fab Lab Livre SP	Fechados
Descomplica	Fechado
Centros esportivos	Fechados
Centros Educacionais Unificados (CEUs)	Fechados
Subprefeituras	Fechadas

Fontes: Prefeitura de SP, Febraban, Correios, Procon-SP e INSS

ACERVO FOLHA

Leia mais em acervo.folha.com.br

HÁ 100 ANOS | 1º.JAN.1925



Folha da Noite

Balladilha para o dia de hoje

A MÃO DO AUTOMOVEL

Contos arabes...

DIVERSÕES

Fascistas italianos se reúnem em Florença e destroem jornal

Milhares de fascistas, envergando camisas pretas, partiram de várias cidades da Itália e estão se concentrando em Florença a fim de realizar manifestações contra a oposição ao governo de Benito Mussolini. Esses fascistas invadiram a redação do jornal Nuovo Giornale, quebraram os móveis, danificaram os equipamentos, inutilizaram as prensas e fizeram disparos de armas. Na Itália, jornais têm sofrido perseguições, com as edições sendo apreendidas.

FOLHA DE S.PAULO UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

EDIÇÃO DIGITAL ILIMITADA	R$ 29,90 (plano mensal)		
EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM	R$ 49,90 (plano mensal)		
EDIÇÃO IMPRESSA	**VENDA AVULSA**		**ASSINATURA SEMESTRAL***
	seg. a sáb.	**dom.**	**Todos os dias**
SP	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 1.170,90
MG, PR e RJ	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 1.199,90
DF e SC	R$ 8,90	R$ 11	R$ 1.521,90
ES, GO, MT, MS e RS	R$ 9,90	R$ 12	R$ 1.912,90
AL, BA, PE, SE e TO	R$ 14,90	R$ 15,50	R$ 2.064,90
Outros estados	R$ 15,90	R$ 16,50	R$ 2.563,90

* À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

REDAÇÃO SÃO PAULO
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

OMBUDSMAN
ombudsman@grupofolha.com.br
0800-015-9000 (das 14h às 18h)

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3224-3090 | 0800-775-8080

Eufrázio

política

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Névoa suprema

O ministro Luiz Fux começou a divulgar em outubro sua agenda de compromissos no site do STF, o que leva a 5 o número de membros da corte que adotam a medida, ao lado de Luís Roberto Barroso, Edson Fachin, Cármen Lúcia e Cristiano Zanin. Os outros 6, ou seja, a maioria, seguem sem dar publicidade aos compromissos. Em 2024, integrantes do tribunal foram alvo de críticas por encontros com empresários e políticos e participação em eventos no Brasil e no exterior, muitas vezes sem transparência.

FORÇA MAIOR Segundo o STF, não há exigência legal para divulgação da agenda, e cada ministro decide se a torna pública ou não. Muitos dos integrantes da corte dizem que não publicam suas atividades por questões de segurança, dadas as ameaças que sofrem, sobretudo de bolsonaristas.

NA NA NI... O Ministério da Cultura repreendeu formalmente a Prefeitura de SP por tentar usar verba da Lei Aldir Blanc para financiar projetos do município na área. No cerne da desavença estava o desejo da Secretaria Municipal da Cultura de bancar quatro editais de fomento à cultura, em áreas como capoeira, cultura da periferia e samba, no valor total de R$ 12,4 milhões, com recursos da legislação federal.

...NA NÃO Em ofício enviado na sexta (27) à secretária Regina Santana, o ministério diz que recursos da lei podem ser usados apenas de forma complementar aos do município em projetos. "[A verba] visa fortalecer os sistemas municipais e estaduais de cultura ampliando seus recursos, e não substituindo-os", afirma a pasta.

DSCLP Em nota, a Secretaria da Cultura afirma que desistiu de usar os recursos da Lei Aldir Blanc em editais municipais, após a manifestação de contrariedade do ministério.

FRASE DO DIA
PAULA CORADI

Se o [Arthur] Lira foi dormir triste neste final de ano, então a gente dorme feliz

Da presidente nacional do PSOL, partido que foi o responsável por ir ao STF contra a liberação de emendas sem transparência, o que obrigou o presidente da Câmara a interromper suas férias para tratar da crise

TOMA AÍ... Os deputados estaduais de SP Carlos Giannazi (PSOL) e Eduardo Suplicy (PT) apresentaram emendas de R$ 2,5 milhões e R$ 8,8 milhões respectivamente para aumentar os recursos para a TV Cultura previstos na proposta enviada pelo governo Tarcísio de Freitas (Republicanos). Elas não foram acatadas pelo relator, Alex Madureira (PL), que destinou somente R$ 10 para a emissora pública.

...TEUS R$ 10 Segundo parlamentares, Madureira escolheu o valor simbólico somente para criar a rubrica, possibilitando assim que o governo suplemente o orçamento, caso deseje futuramente. Procurado pelo Painel, ele não se manifestou.

RETROCEDER NUNCA... Embora tenha perdido a Prefeitura de Araraquara (SP) na eleição municipal, o PT promoverá um ato na cidade para marcar os dois anos do 8 de janeiro, a exemplo do que fez no primeiro aniversário. Era lá que Lula estava quando a manifestação golpista ocorreu, e foi na cidade que ele obteve as primeiras informações sobre a balbúrdia e tomou medidas para restabelecer a ordem.

...RENDER-SE JAMAIS Já os bolsonaristas não preveem nenhum evento relativo ao segundo aniversário dos ataques. "O dia 8 é uma lembrança ruim para nós", afirma a deputada federal Carla Zambelli (PL-SP). Ela diz que melhor seria fazer algo no dia 9 de janeiro, data na qual os aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro tentam criar o dia Dia Nacional do Preso Político. Um projeto com esse teor tramita na Câmara.

Com Guilherme Seto e Danielle Brant


Pacheco, presidente do Senado, e Lira, da Câmara, durante evento com Lula Pedro Ladeira - 21.ago.24/Folhapress

Crise das emendas causa racha no governo Lula e entre Câmara e Senado

Pagamento de mais de R$ 4 bi em emendas parlamentares de comissão ficou para 2025 após AGU não recomendar execução

Catia Seabra e Marianna Holanda

BRASÍLIA Alvo de disputa entre Executivo, Legislativo e Judiciário ao longo de todo 2024, a execução das emendas parlamentares foi fonte de discórdia dentro do governo Lula (PT) e alimentou um racha entre Câmara e Senado no penúltimo dia do ano.

A consequência do vaivém é que os mais de R$ 4 bilhões em emendas que os parlamentares esperavam ver liberados ainda em 2024 ameaçam não sair do papel. Para compensar, auxiliares de Lula costuram um acordo com parlamentares para que os recursos reforcem o caixa dessas verbas.

Na tarde de segunda-feira (30), a AGU (Advocacia-Geral da União) divulgou um parecer para orientar os ministérios sobre a execução de emendas a partir de uma decisão da véspera do ministro Flávio Dino, do STF (Supremo Tribunal Federal).

Optando por uma interpretação cautelosa, conforme descrito no próprio parecer, o órgão recomendou o não pagamento até o esclarecimento do que apontou como "dúvida razoável". Posteriormente, pediu ao STF esclarecimento sobre a decisão.

A análise da AGU foi classificada como restritiva por técnicos de ministérios e do Palácio do Planalto, que trabalhavam com a possibilidade de liberação de R$ 1,7 bilhões em emendas de comissão que haviam sido empenhadas até 23 de dezembro —o que, na avaliação deles, estaria alinhado com a decisão de Dino.

Sob comando de Alexandre Padilha, a SRI (Secretaria das Relações Institucionais) chegou a divulgar o valor dessas emendas e os ministérios contemplados, sem, no entanto, sugerir o descumprimento do parecer da AGU.

Acompanhando a decisão do ministro do STF, o texto da Advocacia-Geral também apontou para nulidade do ofício em que 17 líderes partidários, inclusive o petista Odair Cunha (MG), assumiram a paternidade de emendas de comissão de R$ 4,2 bilhões.

Líderes partidários veem uma ação coordenada entre Dino, que foi ministro de Lula, e o governo no sentido de reduzir na marra o peso das emendas parlamentares no orçamento federal. A mesma suspeita levou o petista a receber os presidentes do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), no Palácio do Planalto para negar qualquer tipo de acordo.

O parecer da AGU foi concebido em meio a rumores de que Dino iria proferir uma decisão ainda mais rigorosa sobre a execução do orçamento. Em alguns ministérios, chegou-se a discutir o cancelamento das emendas. Depois, a orientação foi apenas a de suspensão até nova decisão do STF.

Também na segunda, a Advocacia do Senado apresentou um recurso em que defende a legalidade das emendas de comissão. Seu texto é o desdobramento de um mal-estar ocorrido quando, em petição ao STF, a Câmara argumentou que os senadores adotavam as mesmas práticas para autores de emendas de comissão.

A petição foi encaminhada ao STF cinco dias depois do cancelamento de uma reunião no Senado convocada com objetivo de legitimar suas emendas de comissão.

Na reunião da Comissão de Desenvolvimento Regional seriam aprovadas as emendas apadrinhadas por líderes da Casa. Era uma tentativa de validar a lista e afastar a ideia de que ela tivesse sido definida sem aprovação prévia das comissões do Senado.

Mas, segundo relatos, a reunião foi cancelada a pedido de deputados, para fortalecer o argumento de que as duas casas legislativas adotavam estratégia comum.

Só que, cinco dias depois, a Advocacia da Câmara questionou a ausência do Senado no "diálogo" com o Judiciário. A alegação incomodou senadores, e as emendas do Senado acabaram bloqueadas.

Nesta segunda, em sua petição, o Senado lembrou que seus líderes assumiram, individualmente, a paternidade das emendas. Na Câmara, 17 líderes se responsabilizaram coletivamente por elas.

A advocacia da Casa pediu que fossem autorizadas suas emendas, comprometendo-se, caso necessário, a submetê-las à futura aprovação das comissões.

Em sua decisão sobre essa manifestação, Dino disse que os senadores estão "um degrau acima" na questão da transparência, mas que igualmente agiram fora da lei ao definir as emendas de comissão pelos líderes partidários.

Já na terça (31), após outro pedido da AGU, Dino liberou o empenho de emendas destinadas a cumprir o piso constitucional da saúde, mas determinou que a execução poderá ocorrer somente após ratificação do Congresso.

Exigiu ainda a indicação de seus autores até março.

Lula sanciona LDO com travas para emendas e veto a fundo partidário maior

Lula sancionou nesta terça (31) a LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias) para 2025 com vários vetos, incluindo trava a emendas parlamentares. O presidente também vetou crescimento do fundo partidário, alegando não ser "condizente com o regime fiscal sustentável". O texto passou no Congresso no dia 18, após cinco meses de atraso. O Orçamento não foi aprovado e, assim como os vetos, será analisado pelos parlamentares em fevereiro.



Manifestação em frente ao Masp (Museu de Arte de São Paulo) contra a censura nas artes e em defesa da liberdade de expressão, em 2017 Marlene Bergamo · 19.out.17/Folhapress

Liberdade de expressão tem limites, mas que não estão claros na legislação

Direito fundamental tem restrição no Brasil quando esbarra em racismo, bullying, crimes contra honra e ataque à democracia, mas também conta com zona cinzenta

Ana Gabriela Oliveira Lima

SÃO PAULO A liberdade de expressão é um direito fundamental garantido no artigo 5º da Constituição. Seu objetivo é assegurar que todos possam emitir opiniões e ideias sem retaliação.

A Carta Magna protege a liberdade de manifestação do pensamento, vedado o anonimato. Além disso, determina que "é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença".

O tema também é pensado à luz da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948.

O artigo 19 do documento determina que "todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras".

O direito, entretanto, tem limites quando esbarra em crimes estabelecidos pela legislação. Alguns exemplos no Brasil são casos de racismo, bullying, crimes contra a honra e ataque à democracia, segundo Pierpaolo Cruz Bottini, advogado e professor da Faculdade de Direito da USP.

Há, entretanto, zonas cinzentas que podem chegar aos tribunais. O debate fica mais complexo pela amplitude de casos.

Para Paulo Henrique Cassimiro, professor de ciência política da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), é importante compreender que a reflexão sobre o tema não é apenas jurídica.

"A disputa pelo que é liberdade e o que é uma violência à liberdade é fundamentalmente política. Um grupo que se considerou censurado vai argumentar que está defendendo uma posição de liberdade, enquanto o grupo que defendeu a censura vai considerar que está defendendo a dignidade daqueles que foram ofendidos", afirma.

Ele acrescenta que o tema é espaço frutífero para a reprodução de lógicas políticas polarizadas.

Especialistas ligados à liberdade de expressão também argumentam que falta no Brasil debate mais sólido para garantir o direito. Eles citam o tema 837, que está em julgamento no STF com repercussão geral, como oportunidade para definir esses parâmetros.

Veja casos recentes que mobilizaram a opinião pública a respeito sobre liberdade de expressão.

*

Jornalista condenado por postagens sobre Israel

O jornalista Breno Altman foi condenado no fim de outubro a pagar indenização de R$ 20 mil por postagens sobre a guerra entre Israel e Hamas consideradas como racistas contra judeus.

Altman, que é judeu, diz que sua postura não é antissemita, mas contra o genocídio em Gaza.

Na condenação, o juiz interpretou haver racismo em 5 de 20 postagens que constavam na ação civil da Conib (Confederação Israelita do Brasil) por causa de frases como "não importa a cor dos gatos, desde que cacem os ratos" e da caracterização de judeus sionistas como "pequeno-burgueses apodrecidos por doutrina racista, medrosos, racistas etc".

Na seara criminal, a Polícia Federal concluiu que o jornalista não cometeu crime ao fazer postagem usando a palavra "ratos".

Para Raísa Cetra, diretora executiva da ONG Artigo 19, a condenação de Altman ilustra o "caso clássico" de restrição a jornalistas, categoria das mais atacadas quando o tema é assédio judicial.

Segundo Pierpaolo Cruz Bottini, professor da Faculdade de Direito da USP, o caso exemplifica "essa tênue divisão entre liberdade de expressão e ofensa à honra ou incitação ao ódio".

Dino retira livros jurídicos com trechos homofóbicos

O ministro do STF Flávio Dino determinou no fim de outubro a retirada de livros jurídicos com texto homofóbico e misógino.

As obras continham trechos que diziam, por exemplo, que a Aids "somente existe pela prática doentia do homossexualismo". O magistrado entendeu que o caso, de discurso de ódio, não era protegido pela liberdade de expressão.

Ele permitiu que as obras fossem oferecidas novamente ao público com a condição de que fossem retirados os trechos incompatíveis com a Constituição e determinou indenização de R$ 150 mil por danos morais coletivos.

O material foi contestado pelo Ministério Público depois de alunos da UEL (Universidade Estadual de Londrina), no Paraná, o encontrarem na biblioteca da instituição. O pedido de retirada abrangia cinco livros da Editora Conceito Editorial Ltda, mas Dino entendeu que não cabia a um deles a restrição.

O Ministério Público também pediu a destruição dos livros. O caso chegou ao STF por meio de recurso. Em 2016 a ação havia sido negada pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região, que compreendeu que as obras não tinham potencial para disseminar o ódio.

Para Charlene Nagae, advogada e cofundadora do Instituto Tornavoz, associação que oferece defesa jurídica em processos envolvendo liberdade de expressão, não ficou claro se a decisão do ministro acatou, por exemplo, o pedido de destruição dos livros. Ela fala que as obras realmente pareciam incitar a discriminação, o que é vedado constitucionalmente, mas que a decisão de retirar livros de circulação é "sempre difícil", inclusive operacionalmente.

> **"A disputa pelo que é liberdade e o que é uma violência à liberdade é fundamentalmente política. Um grupo que se considerou censurado vai argumentar que está defendendo uma posição de liberdade, enquanto o grupo que defendeu a censura vai considerar que está defendendo a dignidade daqueles que foram ofendidos**
>
> **Paulo Henrique Cassimiro**
> professor de ciência política da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Monark condenado à prisão por ofensa a Dino

Em outubro, o youtuber Bruno Monteiro Aiub, conhecido como Monark, foi condenado a mais de um ano de prisão e pagamento de indenização de R$ 50 mil por injúria contra Flávio Dino.

A condenação fez referência a falas do influenciador sobre o então ministro da Justiça de Lula, que foi chamado de "autoritário do caramba", "gordola" e "merda".

A juíza Maria Isabel do Prado, da 5ª Vara Federal de São Paulo, entendeu que o youtuber extrapolou a liberdade de expressão.

Para Charlene Nagae e Raísa Cetra, a condenação à prisão é desproporcional. Nagae afirma que as cortes internacionais de direitos humanos falam, há anos, sobre a desproporcionalidade da existência dos crimes contra a honra, que, em sua opinião, precisam ser repensados no Brasil.

política

Carter foi um grande presidente

Suas virtudes e a inflação derrubaram-no

Elio Gaspari
Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada

Faltando poucas semanas para o retorno de Donald Trump à Casa Branca, lá se foi Jimmy Carter. Tinha 100 anos e governou os Estados Unidos de 1977 a 1981. Batido por Ronald Reagan, teve um só mandato. Assumiu empunhando a bandeira da democracia e dos direitos humanos, mas foi moido por uma inflação de 9,9% e por suas virtudes de homem simples.

O balanço de sua presidência acompanhou os necrológios que lhe deram os créditos negados na eleição de 1980. O Brasil deveu a Carter o corte do cordão umbilical que ligava a ditadura ao beneplácito de Washington.

Em 1971, quando o general Emílio Médici visitou Washington, o presidente Richard Nixon disse: "Nós sabemos que, para onde for o Brasil, para lá irá o resto da América Latina". Dois anos depois, os militares governavam o Uruguai e o Chile. Em 1976, foi a vez da Argentina.

Carter governou o pequeno estado da Geórgia e sua experiência nacional era nula. Em março de 1976, numa palestra no Council of Foreign Relations, associou seu futuro político à defesa dos direitos humanos, mas ninguém prestou atenção. Meses depois, deu nome a um dos bois: "O Brasil não tem um governo democrático. É uma ditadura militar. Em muitos aspectos, é altamente repressiva para os presos políticos. Nosso governo deve corresponder ao caráter e aos princípios morais do povo americano, e nossa política externa não pode contorná-los em troca de vantagens temporárias".

A charanga da ditadura orientou-se pela sabedoria convencional. Aquilo era conversa de candidato. Ele se elegeu, botou na área de direitos humanos do Departamento de Estado a enfermeira Patricia Derian, militante histórica da luta dos negros americanos e como alto funcionário de delegação na ONU, o professor Brady Tyson. Nos anos 60, ele havia sido convidado a deixar o Brasil. Se isso fosse pouco, Carter, que se dizia engenheiro nuclear (coisa que nunca foi), opunha-se a um acordo assinado pelo Brasil com a Alemanha. Se ele fosse em frente, seriam construídas centrais nucleares e também uma usina de reprocessamento de urânio.

A coreografia prenunciava uma estudada irrelevância: todos de pé. Carter convidou d. Paulo para acompanhá-lo ao aeroporto e, sentados, conversaram por boa meia hora

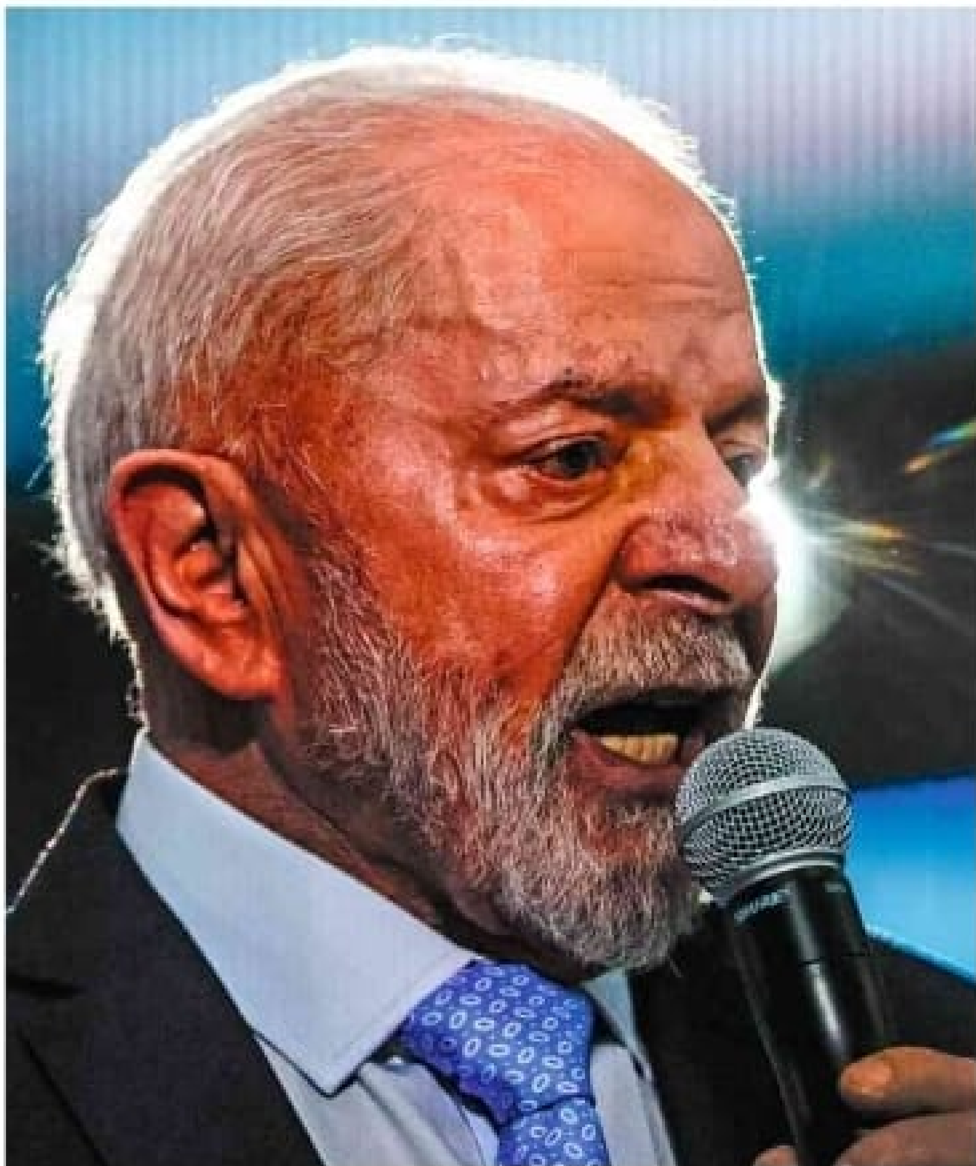
Carter desossou o Acordo Nuclear e, em 1977, mandou ao Brasil sua mulher, Rosalynn. Passando pelo Recife, ela entrevistou-se, ao vivo e a cores, com dois missionários americanos que viviam com os pobres da cidade e haviam sido presos.

Em março de 1978, foi a vez de Carter vir ao Brasil. Teve uma recepção cordial, porém fria. Como ele queria ouvir pessoas da sociedade civil, marcou-se um encontro, no Rio, depois de encerrada a parte oficial da visita. Carter encontrou-se, entre outros, com o presidente da OAB, Raymundo Faoro, com o diretor de O Estado de S. Paulo, Julio de Mesquita Neto, e com o cardeal d. Paulo Evaristo Arns. A coreografia da conversa prenunciava uma estudada irrelevância: todos de pé.

O esquema falhou. Carter convidou d. Paulo para acompanhá-lo ao aeroporto e, sentados, conversaram por boa meia hora.

Nota de pé de página: Anos depois, quando Carter e Geisel haviam deixado os governos, ele voltou ao Brasil. Tentou marcar um encontro e não conseguiu. Ligou para Teresópolis, onde vivia o ex-presidente, e ele não atendeu. Era o troco devido por ter mandado a mulher para sabatiná-lo.

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros
SEG. Camila Rocha TER. Joel Pinheiro da Fonseca
QUA. Elio Gaspari QUI. Conrado H. Mendes
SEX. Marcos Augusto Gonçalves SÁB. Demétrio Magnoli



O presidente Lula (PT) durante evento Gabriela Biló - 26.nov.2024/Folhapress

Lula será presidente mais velho a deixar cargo na história do Brasil; veja ranking

Petista já supera Michel Temer e se aproxima de marca em meio a dúvida sobre 2026; ele nega impacto da idade e exalta sua saúde

Arthur Guimarães de Oliveira

SÃO PAULO No fim deste mandato, em dezembro de 2026, o presidente Lula (PT) estará com 81 anos e será o mais velho a deixar o comando do país na história da República brasileira. O petista se aproxima da marca em meio a dúvidas sobre sua reeleição.

Aos 79 anos, Lula já é o mais velho a ocupar o Palácio do Planalto. Antes, quem detinha o título era Michel Temer (MDB), que assumiu após o impeachment de Dilma Rousseff (PT) e governou o país até 2018, à época com 78 anos.

No outro extremo do espectro etário, Fernando Collor (então no PRN), que caiu em meio a um processo de impeachment em 1992, permanece como o mais jovem a encerrar um mandato presidencial no Brasil, aos 43 anos.

Ocupando a Presidência pela terceira vez, Lula nasceu em 27 de outubro de 1945 em Garanhuns, interior de Pernambuco. Encerrou o primeiro mandato, em 2006, aos 61 anos, e deixou o cargo em 2010, ao final do segundo mandato, com 65 anos.

A saúde de Lula pode ser objeto de debate nas próximas eleições.

O presidente teve um acidente doméstico em outubro em que sofreu uma queda no banheiro e bateu a cabeça. O episódio o levou, meses depois, a fazer uma cirurgia de emergência após hemorragia intracraniana, deixando-o internado por alguns dias.

Nas eleições nos Estados Unidos, o presidente Joe Biden, então com 81 anos, abandonou a disputa pela reeleição após questionamentos sobre a sua saúde e a capacidade de liderar o país.

Quando indagado sobre o pleito de 2026, o presidente brasileiro afirma que "governar não é jogar futebol, governar não é praticar esportes, ou seja, não é o problema da juventude que vai resolver o problema da governança".

Lula vem repetindo ao longo do mandato que está bem de saúde e afirma em diversos momentos que está com "tesão de jovem".

Um dos políticos mais próximos de Lula, o senador Jaques Wagner (PT-BA) disse em entrevista à **Folha**, há alguns dias, que o presidente "é um cara muito bem conservado" para 79 anos. Afirmou ainda que, se ele resolver concorrer novamente, a questão da saúde não será um problema.

Atrás de Lula e de Temer pelo critério de idade no fim do mandato, estão os ex-presidentes Getúlio Vargas (72 anos), Ernesto Geisel (71 anos) e Fernando Henrique Cardoso (71 anos).

Idades de presidentes em final de mandato na era republicana

Presidente	Idade
Deodoro da Fonseca (1889-1891)	64
Floriano Peixoto (1891-1894)	55
Prudente de Morais (1894-1898)	57
Campos Sales (1898-1902)	61
Rodrigues Alves (1902-1906)	58
Afonso Pena (1906-1909)	61
Nilo Peçanha (1909-1910)	43
Hermes da Fonseca (1910-1914)	59
Venceslau Brás (1914-1918)	50
Delfim Moreira (1918-1919)	50
Epitácio Pessoa (1919-1922)	57
Artur Bernardes (1922-1926)	51
Washington Luís (1926-1930)	60
Getúlio Vargas (1930-1945)	63
José Linhares (1945-1946)	60
Eurico Gaspar Dutra (1946-1951)	67
Getúlio Vargas* (1951-1954)	72
Juscelino Kubitschek (1956-1961)	58
Jânio Quadros (1961)	44
João Goulart (1961-1964)	45
Castelo Branco (1964-1967)	69
Costa e Silva (1967-1969)	69
Emílio G. Médici (1969-1974)	68
Ernesto Geisel (1974-1979)	71
João Figueiredo (1979-1985)	67
José Sarney (1985-1990)	59
Fernando Collor (1990-1992)	43
Itamar Franco (1992-1994)	64
Fernando H. Cardoso (1995-2002)	71
Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010)	65
Dilma Rousseff (2011-2016)	68
Michel Temer (2016-2018)	78
Jair Bolsonaro (2019-2022)	67
Luiz Inácio Lula da Silva* (2023-2026)	81

*segunda presidência



A governadora de Pernambuco Raquel Lyra (PSDB) Divulgação/Governo de Pernambuco

Raquel Lyra PSDB é um partido de história e entregas para o país, mas foi ficando pequeno

Governadora de Pernambuco reconhece problemas de tucanos, mas diz que mudança de sigla não é prioridade; ela empurra para 2026 definições sobre sua legenda e apoio à reeleição do presidente Lula

ENTREVISTA

José Matheus Santos

RECIFE A governadora de Pernambuco, Raquel Lyra (PSDB), enaltece as parcerias firmadas pela sua gestão com o governo Lula (PT). No entanto, evita declarar apoio à reeleição do petista nas próximas eleições. "O governo federal está agindo para ajudar os estados. 2026 a gente trata em 2026."

Em meio a especulações sobre sua saída do PSDB, afirma que esse debate não é uma prioridade. "Neste momento, sou candidata a ser a melhor governadora que Pernambuco puder ter." Ela diz que o atual partido precisa "se reencontrar com a sua história e seus valores" e não quis responder se o PSD é um possível destino.

*

Como a senhora avalia a condução do inquérito da trama golpista conduzido pelo STF? Houve algo muito sério no Brasil no dia 8 de janeiro de 2023. Teve uma culminância de um processo que não começou ali. Qualquer um que atente contra a democracia precisa ser investigado e, eventualmente, punido, sempre dado o direito ao contraditório e à ampla defesa para as pessoas terem o direito a um devido processo legal.

A sra. é a favor ou contra uma anistia aos condenados do 8 de janeiro? Essa é uma decisão do Congresso Nacional. Se houver um julgamento que observe os valores constitucionais e o devido processo legal e se houve violação a princípios democráticos e crime, as pessoas serão punidas.

Como avalia a atuação do ministro Alexandre de Moraes? Não sou eu que vou avaliar a forma de trabalho do ministro. Se houver qualquer tipo de discussão, que se faça no âmbito do STF.

Quais são os principais erros do governo Lula até agora? Posso falar dos principais acertos. Do ponto de vista da nossa relação com o presidente, com o governo federal, o governo federal está de braços abertos para Pernambuco. A gente sofreu muito ao longo dos últimos anos, porque não conseguiu estabelecer essa relação. E é a partir dela que estamos conseguindo trazer investimentos importantes e concluir obras paralisadas.

Há uma preocupação de analistas econômicos com a situação fiscal do país e houve uma escalada do dólar. A sra. acha que o governo federal precisa ajustar a condução da economia? O equilíbrio fiscal é fundamental para permitir que o Brasil possa crescer. É importante, sim, que haja revisão de gastos, que haja decisões importantes, não só na captura de mais receita, mas também no corte no custeio da máquina pública. Os juros estão altos, dólar alto, a inflação ainda está contida, mas a economia reage crescendo. Mas é sustentável esse crescimento da economia? Não. Torço e trabalho naquilo que for possível para que o Brasil possa crescer.

A sra. tem contestado a conduta do PSDB de fazer oposição ao governo Lula, mas o partido segue na oposição no Congresso. Suas posições não têm encontrado eco? O PSDB é um partido de história e entregas para o país, mas foi ficando pequeno ao longo do tempo e isso revela que algo está errado. O que precisamos fazer, o que o PSDB precisa fazer, é se reencontrar com a sua história e seus valores. A gente precisa ter partidos e instituições fortes que possam enfrentar o jogo democrático.

Que variáveis a senhora vai levar em conta para decidir por qual partido vai disputar a eleição de 2026? Só eu sou porta-voz de mim mesma, sempre serei. Isso é importante porque há muita especulação sobre posições possíveis. Sou grata ao PSDB, sempre fui. Mas nesse momento eu sou candidata a ser a melhor governadora que Pernambuco puder ter. Para qualquer lugar que eu vá ou fique, sempre defenderei os mesmos valores.

> “ **O que precisamos fazer, o que o PSDB precisa fazer, é se reencontrar com a sua história e seus valores. A gente precisa ter partidos e instituições fortes que possam enfrentar o jogo democrático**

Raquel Teixeira Lyra Lucena, 46
Governadora de Pernambuco, é formada em direito pela UFPE. É procuradora do estado e foi delegada da PF e deputada estadual de 2011 e 2016 pelo PSB. Em 2016, filiou-se ao PSDB e foi eleita prefeita de Caruaru, reeleita em 2020. É filha do ex-governador João Lyra Neto (PSDB), que governou o estado em 2014 pelo PSB

A senhora acha que define quando? No tempo certo, mas também não é o principal assunto para uma governadora.

Pode ser o PSD? Acho que eu não estou conseguindo ultrapassar essa discussão [na entrevista].

Tem possibilidade da sra. apoiar a reeleição do presidente Lula? O que nós temos hoje é um governo federal alinhado com o governo do estado do ponto de vista institucional. As coisas estão acontecendo no nosso estado e eu sou grata, porque existe uma decisão política por trás disso para apoiar Pernambuco. Digo que isso não é só em Pernambuco. A gente percebe que seja de situação ou de oposição, o governo federal está agindo para ajudar os Estados. 2026 a gente trata em 2026.

Pesquisa Quaest de dezembro mostra seu governo com aprovação de 54% e desaprovação de 42%. A senhora está satisfeita com esses números? É importante enxergar onde é que a gente ainda não chegou. Também fazemos reflexões no governo. Chegaremos ao ano que vem com o pé no acelerador. Acho que a gente entrega hoje tudo aquilo que foi possível construir dentro da situação em que pegamos Pernambuco em janeiro de 2023.

A mesma pesquisa mostra que sua aprovação é melhor no interior: 39% de avaliação positiva e 21%, negativa, número melhor do que no Recife, com 20% de avaliação positiva e 55% negativa. Em que o governo falhou na capital? A região metropolitana do Recife tem 42% da população pernambucana e tem desafios complexos: redução da desigualdade, água, mobilidade. A gente está enfrentando esses temas. Não tem erro nem acerto. É trabalhar para garantir as entregas que a gente se comprometeu. Nunca fiz uma eleição pensando na outra.

A sra. acha que a aprovação expressiva do prefeito João Campos no Recife traz dificuldade para o governo estadual? Se eu estivesse enxergando só índice de popularidade, a gente não teria chegado até aqui. Diziam que jamais uma prefeita do interior poderia chegar ao governo de Pernambuco.

No começo do ano, o presidente da Assembleia, Álvaro Porto (PSDB), fez críticas ao seu discurso na abertura do ano legislativo. Depois, a relação de vocês ficou amena. A sra. perdoou as críticas? Sempre busquei fazer tudo numa relação de muito respeito. Não sou uma governante que busca adeptos impondo medo. Tudo que faço é fruto de construção de diálogo. Quero dizer que tudo que apresentei à Assembleia Legislativa foi aprovado. Vou continuar trabalhando desse jeito, e qualquer episódio diferente disso não será feito através de palavras minhas.

Otimismo do brasileiro com ano novo é o menor desde 2020, diz Datafolha

Menos da metade dos entrevistados acha que situação da população vai melhorar em 2025; 25% apostam que será pior

Fábio Pupo

BRASÍLIA O otimismo do brasileiro com o ano novo caiu para o menor patamar desde 2020, de acordo com pesquisa de opinião feita pelo Datafolha sobre a situação da economia do país. Pela primeira vez em cinco levantamentos, menos da metade dos entrevistados (47%) afirma que a população terá uma situação melhor no novo calendário. Os números são acompanhados de uma maior expectativa de que a inflação será ainda maior em 2025. Além disso, uma fatia maior prevê um enfraquecimento do poder de compra dos salários.

O otimismo com o novo ano alcançava 61% dos entrevistados em dezembro passado. Percentual similar (60%) foi registrado no fim de 2022, logo após a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

As expectativas também eram melhores na época da pandemia. Em dezembro de 2020, ano que havia sido mais afetado pela Covid-19, 58% dos entrevistados achavam que a situação melhoraria no exercício seguinte. No fim de 2021, após a chegada das vacinas e a reabertura de atividades, o indicador saltou para 73%.

No levantamento mais recente, o grupo mais pessimista cresceu para o maior tamanho em cinco anos. Os que apostam que o próximo exercício será pior para a população representavam 18% do total um ano atrás e agora são 25%. Os dados mostram que quando a pergunta é direcionada a como estará a situação pessoal do entrevistado (em vez da população em geral), os percentuais são mais otimistas.

Do total, 60% creem que terão um 2025 melhor, 21% acham que vai ficar como está e 16% esperam uma piora. Um ano atrás, os otimistas eram 70%, os que não viam mudança totalizavam 13% e os mais pessimistas somavam 14%.

O mais recente levantamento do Datafolha foi feito nos dias 12 e 13 de dezembro de 2024 —cerca de duas semanas após o governo apresentar um pacote de ajuste fiscal considerado por economistas como insuficiente para sanar as preocupações com as contas públicas e em meio a patamares recordes do dólar. Além disso, o Banco Central, no dia 11, havia acabado de elevar a taxa básica de juros em 1 ponto percentual, para 12,25% ao ano, e sinalizar mais dois aumentos de igual valor no começo do ano que vem.

Foram realizadas 2.002 entrevistas em todo o Brasil, distribuídas em 113 municípios. A margem de erro é de 2 pontos percentuais para mais ou para menos, e o nível de confiança é de 95%.

A pesquisa também mostra um salto no pessimismo com o nível dos preços. O percentual dos entrevistados que veem a inflação piorando daqui para frente saiu de 51% um ano atrás para 67% agora. O IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), que encerrou 2023 em 4,62%, deve chegar ao fim de 2024 em 4,91%, segundo projeções do boletim Focus.

Em determinados recortes, a aceleração se mostra mais alta. Os preços do grupo de combustíveis, por exemplo, subiram 8,78% em 12 meses terminados em novembro de 2024 (mais recente dado disponível). Alimentos e bebidas, 7,63%. Saúde e cuidados pessoais, 6,06%. O IGP-M (Índice Geral de Preços – Mercado) ficou em 3,18% ao fim do ano passado e agora deve mais que dobrar, para 6,57%.

De acordo com o Datafolha, a maior parte dos entrevistados não vê os salários avançando no mesmo ritmo da alta dos preços. A parcela dos que acham que o poder de compra vai diminuir saiu de 30% do total um ano atrás para 39% agora. Outros 31% apostam que vai ficar como está (eram 33%) e 27% acham que vai aumentar (eram 34%).

Por outro lado, há menor pessimismo com o desemprego. O percentual dos que acham que o indicador vai aumentar saiu de 46% em março para 41% agora.



Para 39%, poder de compra do salário vai cair

O Datafolha também mostra uma queda na confiança sobre a capacidade de compra dos brasileiros. Os que acham que o poder de compra dos salários vai diminuir somavam 30% do total um ano atrás e agora são 39% (contra 31% apostando que vai ficar como está e 27% achando que vai aumentar).

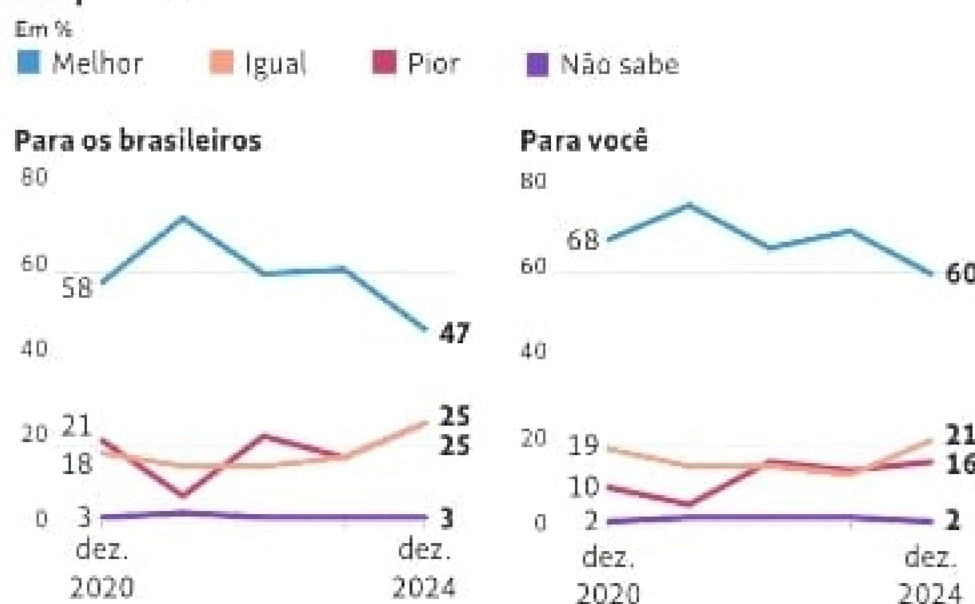
Outra pergunta mostra queda do entusiasmo da população no futuro próximo. Ao serem questionados sobre como estará a situação do país nos próximos meses, apenas 33% acreditam em uma melhora. É a primeira vez desde junho de 2022 que os mais otimistas deixam de liderar as respostas a essa questão.

A maior parte, 37%, respondeu que a situação ficará como está. Já os que apostam em uma piora estão há um ano em número crescente e agora somam 28%.

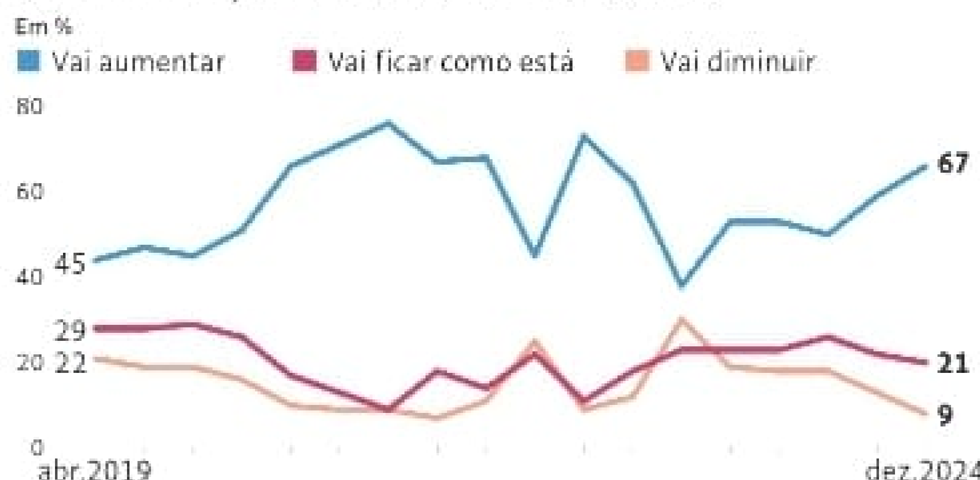
Para 45%, a situação econômica do país piorou nos últimos meses —contra 35% um ano atrás. Já a fatia dos que acham que a situação melhorou caiu de 33% para 22% no mesmo intervalo.

Pesquisa mostra menor otimismo com situação do país, embora haja maior confiança na situação pessoal

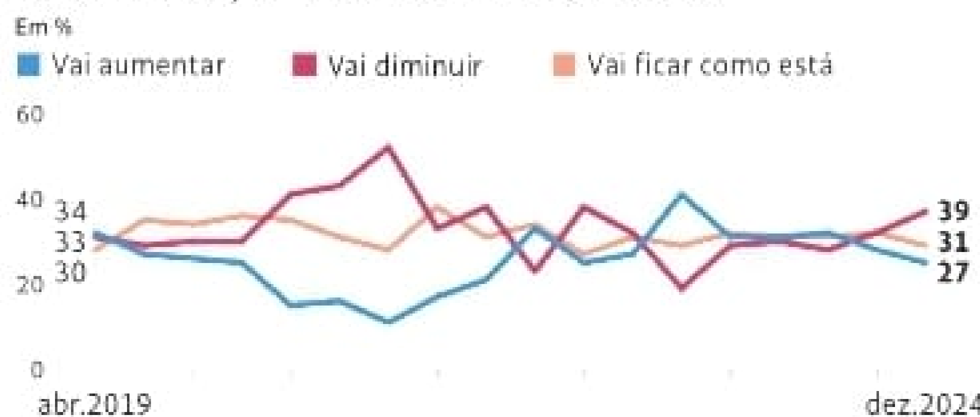
Na sua opinião, 2025 será um ano melhor, pior ou igual do que 2024?



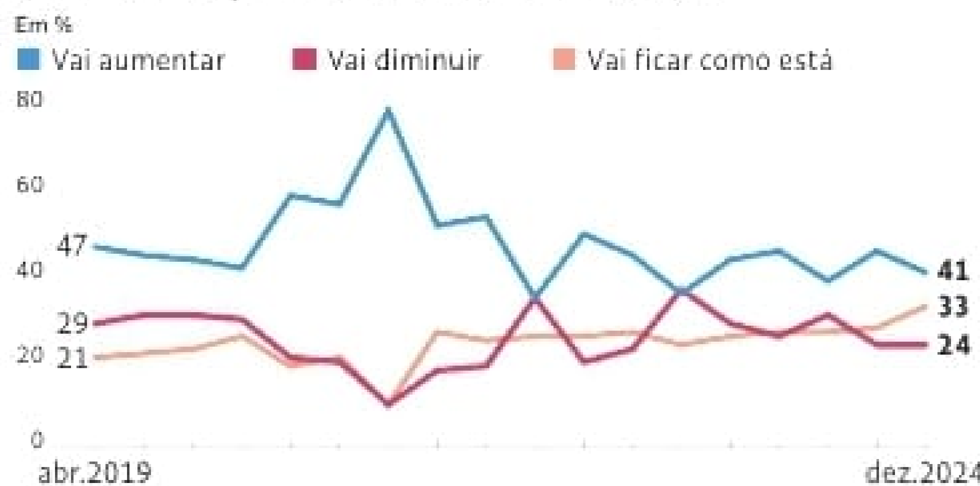
Na sua opinião, daqui para frente a inflação vai aumentar, diminuir ou ficar como está?



Daqui para frente o poder de compra dos salários vai aumentar, diminuir ou ficar como está?



Na sua opinião, daqui para frente o desemprego vai aumentar, diminuir ou ficar como está?



Fonte: Datafolha (foram realizadas 2.002 entrevistas de 12 a 13 de dezembro de 2024, em todo o Brasil, distribuídas em 113 municípios. A margem de erro é de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%)

Seis em cada dez enxergam economia brasileira no caminho errado

BRASÍLIA A economia brasileira está no caminho errado, de acordo com 61% das pessoas ouvidas pelo Datafolha em pesquisa de opinião. Do total, apenas 32% dos entrevistados veem a trajetória como correta e 6% não sabem responder.

Os que discordam do rumo atual são maioria em 70 de 80 possíveis recortes sobre o perfil dos entrevistados. Os insatisfeitos alcançam percentuais ainda mais altos entre pessoas mais jovens e que concluíram o ensino superior.

No recorte etário, 71% dos entrevistados entre 16 e 24 anos consideram a trajetória do país equivocada. O percentual diminui entre idades mais avançadas, ficando em 55% entre os que têm 60 anos ou mais.

Entre os que têm diploma de curso superior, 68% veem o país na direção errada. O número cai para 66% entre os que concluíram apenas o ensino médio e para 50% entre os que têm só o ensino fundamental.

No recorte por renda, 67% dos que ganham mais de cinco salários mínimos contestam o caminho do país. O grupo intermediário, dos que ganham entre dois e cinco pisos, tem o maior percentual de insatisfeitos: 69%. Entre os que têm renda familiar mensal de até dois mínimos, o número cai para 55%.

No recorte por tipos de ocupação dos entrevistados , os mais críticos são os empresários (76%). Entre empregados com carteira assinada, 69% consideram o caminho errado. Entre os desempregados que procuram emprego, 52%. **FP**

53%

dos beneficiários do Bolsa Família consideram a trajetória do país equivocada. Entre os entrevistados que não estão no programa, o percentual de insatisfeitos sobe para 64%

Eufrázio

Empresários veem 2025 com pessimismo após turbulência com pacote de corte de gastos

Avaliação é que escalada de juros, dólar e inflação pode afetar operações no país; presidente da Multilaser fala em 'estagflação'

Joana Cunha

SÃO PAULO Depois da turbulência desencadeada no cenário econômico pelo pacote do corte de gastos do governo Lula (PT), o empresariado ainda calcula as sequelas para 2025. Uma parte avalia que o ano já começa com o crescimento comprometido. Outra considera cedo para cravar diagnóstico. A avaliação geral é de cautela e receio diante da perspectiva de juros altos e inflação.

Pelas estimativas de Fabio Barbosa, presidente da Natura &Co, as consequências vão aparecer gradualmente ao longo do ano.

"Na primeira metade de 2025, até por inércia, a atividade econômica deve manter o bom ritmo de 2024. A partir de algum momento, em meados do ano, acredito em uma desaceleração por causa da perda de poder aquisitivo, que pode vir seja pela inflação um pouco mais alta, seja pela taxa de juros, ou seja, pela redução do impulso fiscal. O PIB [Produto Interno Bruto] termina o ano num ritmo mais fraco do que começa", afirma Barbosa.

Alexandre Ostrowiecki, presidente da Multilaser, prevê que a economia brasileira esteja rumando para a "estagflação" (combinação de estagnação com alta inflação). "A disparada do dólar mostra que não há mais espaço para o modelo atual de empurrar a economia com a barriga via gastança pública. O buraco nas contas públicas deve fechar em recorde, maior ainda do que durante a catástrofe da pandemia. Isso pressiona a inflação, gera desconfiança com a capacidade do Estado de honrar seus compromissos e aumenta a busca por dólares", diz o empresário.

Para Ostrowiecki, a pressão do dólar, que estimula a inflação, vai formar um ciclo vicioso, que acabará afetando todas as operações produtivas no país.

"Juros altos podem adiar o processo até certo limite, porém, sem um profundo e real ajuste nas contas do estado, os juros serão só um remédio amargo e incapaz de curar o paciente de sua enfermidade", diz ele.

Na análise de Maria Silvia Bastos Marques, que foi presidente do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), do Goldman Sachs, da CSN, além de participar de conselhos de administração, é preciso considerar que o Brasil está em um momento de expectativas desfavoráveis, em espiral ascendente de inflação, juros e câmbio, decorrentes da percepção de baixo comprometimento do governo com a redução de despesas, e aumento da dívida pública.



Alexandre Ostrowiecki, presidente da Multilaser, diz que pressão do dólar e inflação podem criar um círculo vicioso Adriano Vizoni - 19.nov.20/Folhapress

"Economia funciona com base em expectativas. Insegurança e volatilidade fazem com que pessoas e empresas tenham receio de consumir, investir, se endividar. Para haver crescimento sustentado é preciso ter investimentos e aumento da produtividade. O crescimento recente da economia brasileira se deu, em larga margem, pelo incentivo ao consumo. Com a economia em pleno emprego e juros altos, o crescimento não se sustenta", afirma.

Para interromper esse ciclo negativo, diz Bastos Marques, precisa acontecer um choque de confiança, o que, neste momento, seria um compromisso firme do governo federal em cortar um montante de despesas suficiente para assegurar uma trajetória descendente para a dívida pública nos próximos anos.

> **Nós já conhecemos, no governo Dilma, todo o custo da crença tresloucada de que o 'gasto é vida', como ela mesmo dizia. Isso é a fórmula do voo de galinha**
>
> **Flavio Rocha**
> presidente do conselho da Guararapes

O empresário Flavio Rocha, presidente do conselho da Guararapes, holding da Riachuelo, não vê disposição da gestão petista em controlar o gasto público.

"Nós já conhecemos, no governo Dilma, todo o custo da crença tresloucada de que o 'gasto é vida', como ela mesma dizia. Isso é a fórmula do voo de galinha", afirma Rocha, que defende a política da motosserra nos gastos públicos e redução do estado promovida por Javier Milei na Argentina.

O presidente do conselho da Raia Drogasil, Antonio Carlos Pipponzi, lamenta a escalada do dólar e dos juros, mas ressalva que é cedo para prever o pior.

"Com muitas incertezas no campo geopolítico, acho muito cedo considerar um ano condenado", afirma.

Edgard Corona, presidente da Smart Fit, também pondera: "Por natureza, sou otimista. A empresa tem planos de seguir investindo, mas pelo andar da carruagem, 2025 será desafiador", diz.

Segundo Laércio Cosentino, presidente do conselho da Totvs, o Brasil precisa repensar a busca do equilíbrio fiscal de forma consistente, priorizando gastos e o essencial da agenda social. Entre as medidas, ele cita a necessidade de reformas estruturais e a comunicação com o mercado, de modo a "unir o país em torno de uma agenda positiva, duradoura e sem surpresas".

colunistas da semana

DOM. Samuel Pessôa, Vinicius Torres Freire, Ana Paula Vescovi / Marcos Lisboa / Candido Bracher SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos, Eduardo Cucolo, Michael Viriato TER. Michael França / Cecilia Machado, Mauro Zafalon, Adriana Fernandes QUA. Bernardo Guimarães / Lorena Hakak, Vinicius Torres Freire, Jerson Kelman QUI. Cida Bento / Solange Srour, Vinicius Torres Freire, Rômulo Saraiva SEX. Bráulio Borges, Vinicius Torres Freire SAB. Marcos Mendes / Rodrigo Zeidan, Adriana Fernandes, Laura Muller Machado

PAINEL S.A.

Julio Wiziack
painelsa@grupofolha.com.br

O jogo começou

Apenas 15 casas de apostas de um total de 271 cumpriram as exigências da Secretaria de Prêmios e Apostas do Ministério da Fazenda e começam a operar nesta quarta (1). Para contornar a situação criada pelo próprio governo, que indicou somente seis certificadoras, o Ministério da Fazenda concedeu autorização provisória para 52 bets. As demais ainda terão de aguardar a análise do governo. Grandes marcas foram beneficiadas nesse processo pelas certificadoras, segundo a ANJL, a associação das bets. Como noticiou o Painel S.A., a associação cogitou ir à Justiça caso a situação não fosse resolvida.

CRIMES... Um terço dos correntistas de bancos (33%) relatou perdas com golpes, uma alta de 6% em relação a 2023. Deste total, 3% reportaram prejuízos acima de R$ 10 mil. Para os bancos, isso é um problema porque 14% já disseram ter mudado de instituição por não ter sido ressarcido. É o que mostra um levantamento da empresa de análise dados Fico, multinacional que opera em conjunto com instituições financeiras. Foram ouvidas 12 mil pessoas em 14 países, sendo 1.000 no Brasil.

...VIRTUAIS Os dados apontam ainda que 25% dos entrevistados foram alvo de em operações, em tempo real, na aquisição de bens, serviços ou investimentos nunca entregues. Pouco mais de 30% dessas operações eram inferiores a R$ 500.

UMA HORA A... Usuários da linha 4 do metrô, que liga a Vila Sônia à Luz, na região central, são os que mais ganham tempo (54 minutos) em relação ao mesmo trajeto feito por ônibus, segundo pesquisa encomendada pela CCR Mobilidade, que administra quatro vias na capital. Na linha 9 , que conecta o extremo sul da capital a Osasco, essa economia de tempo é de 44 minutos. Na linha 5, que liga Capão Redondo e Chácara Klabin, ela é de 42 minutos. Na 8, que sai da Barra Funda para Itapevi (interior de São Paulo), 31 minutos são poupados.

> **R$ 1 BILHÃO**
> A Embrapii financiou 610 projetos, que totalizaram R$ 1 bilhão, sendo 34% com recursos próprios. Ligada ao Ministério de Ciência e Tecnologia, ela é uma organização sem fins lucrativos que, por meio de um rede de parceiros privados, principalmente indústrias, seleciona projetos de pesquisa para inovações que melhoram a produtividade.

...MAIS DE SONO De acordo com a pesquisa, se o passageiro que utiliza a linha 4 fizesse o mesmo trajeto de ônibus, a viagem duraria 132 minutos ante 78 minutos com o metrô. No caso dos usuários da linha 9, seriam 126 minutos contra 82 minutos. O levantamento ainda indicou que 21% dos passageiros optaram por alugar imóveis próximos ao transporte. Esse grupo se concentra mais entre os usuários da linha 8 (28% das respostas), que passa por cidades do interior de São Paulo, e serve como única ligação ferroviária até a capital. A pesquisa foi feita pela Somar com 600 usuários das quatro linhas no final de novembro.

REFORÇO... O Programa de Parcelamento Incentivado (PPI) da prefeitura de São Paulo fechou a adesão de contribuintes que devem quase R$ 7 bilhões e praticamente metade se refere ao IPTU, o imposto predial. Lançado em abril, o programa permite o parcelamento em até dez anos para a quitação de débitos tributários e não tributários, ISS e multas. Ele é considerado pela prefeitura uma importante ferramenta para elevar a arrecadação municipal.

...DE CAIXA Segundo a Secretaria Municipal da Fazenda de São Paulo, a primeira etapa do programa, realizada entre abril e junho, garantiu R$ 6,3 bilhões em adesões. A reabertura do programa, em novembro, adicionou mais R$ 602 milhões. O programa paulistano segue aberto até 31 de janeiro de 2025.

com Diego Felix

Um acordão nacional para a dívida

Conta de juros está perto de recordes; veja como cresceu o endividamento

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

No último ano, o governo federal pagou o equivalente a 6,7% do PIB em juros da dívida. Em valores corrigidos pela inflação, são R$ 787,2 bilhões.

Essa conta jamais foi tão alta, desde 1997, a não ser em cinco meses de 2015 e 2016, quando o país passava pela Grande Recessão. De 1997 a 2014, a média foi de 4,1% do PIB. De 2015 a 2019, de 5,2%. A série de dados do Tesouro começa em 1997.

A conta de juros recente é uma aberração, mesmo para padrões brasileiros. Os motivos imediatos são dívida maior, com juros costumeiramente altos, e a perspectiva de crescimento sem limite da dívida pública, dados os grandes déficits primários.

A receita do governo é ora de 17,92% do PIB. A despesa primária, que não inclui a conta de juros, é de 19,81% do PIB. Mesmo sem a conta de juros, a receita, pois, não dá para cobrir a despesa primária (Previdência, servidores, saúde, educação, Bolsa Família etc.). A conta de juros é paga com mais dívida. A dívida que vence é também paga com dívida nova.

A despesa primária decerto anda inflada por umas contas extraordinárias recentes. O déficit primário de 2% do PIB deve ficar em breve perto de 1% do PIB. O problema ainda será enorme.

Dada a presente situação, a dívida crescerá sem limite, até se tornar quase ingovernável ou governável de modo sinistro (grande inflação, um "ajuste Milei"), a não ser que cresçamos no antigo ritmo chinês. Não é viável.

Dívidas podem ser reduzidas com grande inflação e miséria social. Ou com um plano crível de longo prazo que combine mais impostos com contenção de aumento de despesa primária

A solução parece ser reduzir a taxa de juros. É possível fazê-lo, na marra, causando grande inflação ou também fuga e retranca do capital, o que reduzirá o crescimento —uma "solução argentina". Ou pode ser que alguém tenha na gaveta uma grande inovação prática e teórica.

Resta a "alternativa Haddad", fazer com que a "direita" (ricos) aceite pagar mais impostos e a esquerda aceite contenção de despesa. Qual proporção de impostos e de contenção de despesa depende de embate político, viabilidade econômica e da natureza do crescimento das despesas.

Algumas despesas crescem tanto ou mais que receita e PIB. Sem aumento de carga tributária, digamos que a receita cresce no ritmo do PIB.

Por exemplo, a despesa com Previdência era de 5,9% do PIB ao fim de FHC 2 (2002). Atualmente, de 8,2% do PIB. Ora é necessário que a economia cresça uns 4% para que a despesa com Previdência não cresça mais do que PIB e receita (vai piorar). Não é viável.

A "dívida bruta do governo geral" (federal, quase toda, estadual e municipal) equivalia a 71,7% do PIB antes do início de Lula 3. Está em 77,3%.

A dívida foi em média de 55% do PIB entre 2006 e 2014. Deu salto na Grande Recessão, para 69,8% (final de 2016), chegando ao pico anterior de 77,1% em abril de 2019 (descontada a epidemia). Cresceu por causa de anos de PIB abaixo do nível de 2013, mais déficit, mais juros. Agora, a dívida aumenta como nunca e em anos de bom crescimento do PIB. Não é viável.

Dívidas podem ser reduzidas com grande inflação e miséria social. Ou com um plano crível de longo prazo que combine mais impostos com contenção de aumento de despesa primária. No Brasil de hoje, isso depende de profunda reforma previdenciária, de vinculações de despesa e receita, de revisão gigante do meio trilhão de benefícios tributários e de aumento de tributação de mais ricos.

É quase uma revolução social-fiscal. Depende de acordão nacional. Por ora, há apenas sabotagem nacional.



Galípolo em sabatina no Senado; ele assume como presidente do BC nesta quarta Lula Marques - 08.out.2024/Agência Brasil

Proximidade entre Lula e Galípolo é novo teste para autonomia do Banco Central

Relação com 'menino de ouro' reabre portas do Planalto ao novo presidente do BC; Campos Neto era 'persona non grata' no governo

Nathalia Garcia

BRASÍLIA A confiança do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em Gabriel Galípolo reabrirá as portas do Palácio do Planalto ao presidente do Banco Central, que assume o cargo nesta quarta (1). A relação de proximidade entre o chefe do Executivo e o "menino de ouro", como o petista o chamou, é vista como novo teste para a autonomia formal da instituição, em vigor desde 2021.

A presença de Galípolo nas reuniões sobre o pacote fiscal elaborado pelo ministro Fernando Haddad (Fazenda), em novembro, serviu como uma sinalização de que o novo chefe do BC terá participação ativa no governo Lula. Um encontro noturno no Palácio da Alvorada, em Brasília, teve peso importante no desenrolar das negociações.

No último dia 20, Galípolo e Lula gravaram um vídeo lado a lado, transmitindo um recado ao mercado financeiro. O registro foi feito durante a reunião ministerial no Palácio da Alvorada, embora o futuro presidente do BC não tenha aparecido na foto oficial.

No vídeo, Lula disse que jamais fará qualquer interferência no trabalho do BC —mesmo tendo criticado a autonomia do órgão reiteradas vezes desde que voltou ao poder. Ele lembrou Galípolo de que ele foi escolhido para o posto pela "relação de confiança" com o governo. De forma indireta, ainda criticou o atual presidente do BC, Roberto Campos Neto.

Para Alexandre Schwartsman, ex-diretor do BC e consultor da A.C. Pastore, essa postura acentua as desconfianças sobre as credenciais de Galípolo como presidente da instituição. "Mais uma vez, associam a autonomia do BC à 'generosidade' de Lula, ignorando que ela não emana do presidente, mas da lei", diz.

Economistas ouvidos pela Folha sob condição de anonimato consideram que a voz ativa de Galípolo nas decisões de Lula pode ajudar a trazer um maior alinhamento das políticas monetária e fiscal e efeitos positivos para a economia brasileira. No entanto, veem essa aproximação com o chefe do Executivo com desconfiança, podendo respingar sobre a credibilidade do BC autônomo.

Um agente econômico lembra que a participação mais ativa de Campos Neto no governo de Jair Bolsonaro (PL) contaminou a relação dele com a gestão petista e não descarta algo semelhante com Galípolo em caso de vitória da oposição em 2026.

Ao longo de seu mandato, Lula acusou Campos Neto de "trabalhar para prejudicar o país" e de ser um "adversário político e ideológico". O presidente do BC se tornou "persona non grata" no governo petista depois de ter sido um nome presente na agenda de Bolsonaro, com dezenas de reuniões bilaterais, mesmo após a lei de autonomia. Sob Lula, foram nove meses de beligerância até Campos Neto ser recebido no Planalto pela primeira vez, em setembro de 2023. Houve ali uma tentativa de reconstrução da relação, mas que acabou não prosperando ao longo de 2024.

Para o ex-presidente do BC e ex-ministro da Fazenda Henrique Meirelles —o mais longevo no comando da autarquia, cujo mandato durou de janeiro de 2003 a dezembro de 2010, durante os dois primeiros mandatos de Lula—, a proximidade em si não é um problema. Segundo ele, no entanto, é preciso que Galípolo continue sendo guiado por decisões técnicas e se não se deixe influenciar por pressões de Lula ou de outros membros do governo.

O ponto fundamental, segundo Meirelles, é o impacto sobre as expectativas de inflação —hoje distantes do centro da meta de 3%. O ex-presidente do BC alerta que as projeções podem se deteriorar ainda mais caso os formadores de preços entendam que uma decisão seja tomada com base nos desejos de atores políticos. Isso dificultaria o trabalho do BC no controle da inflação, podendo levá-lo a subir mais os juros como forma de compensação.

Neste dia 1º, Galípolo assume o comando do BC em meio a um ciclo de alta de juros, com a taxa básica (Selic) em 12,25% ao ano. Para 2025, mais duas altas de 1 ponto percentual já estão "contratadas". A partir de janeiro, o Copom (Comitê de Política Monetária) terá maioria de indicados pelo governo Lula, com sete dos nove membros.

Publicamente, Galípolo refuta ingerência, mantém um discurso duro e, até agora, alinhado com a gestão de Campos Neto. Em mais de uma ocasião, apresentou o BC como "o chato da festa". "Se você quer ser miss simpatia, não vá para o Banco Central", disse em evento em São Paulo.

Apesar do choque de juros, o ex-presidente do BC acredita que Galípolo não deve enfrentar "grandes atritos públicos", como seu antecessor, justamente por contar com o apoio de Lula. Isso, na visão dele, pode se refletir positivamente.

Meirelles vê o aceno feito por Lula no vídeo como positivo pela "situação particular" vivida na primeira transição pós-autonomia, mas reforça que a atuação autônoma do BC é "garantida por lei" e "independe da opinião do presidente da República".


Da esq. para a dir., Igor Rocha, Felipe Salto, Galípolo, André Perfeito e Guilherme Mello Arquivo pessoal

Turma de Galípolo na faculdade relata disputa por centro acadêmico

Economistas com altos postos no FMI, no governo e na Fiesp fazem parte da geração do novo presidente do BC na PUC-SP

Joana Cunha

SÃO PAULO Entre os milhares de alunos que o economista José Marcio Rego teve nos mais de 30 anos em que deu aula na PUC-SP, ele considera Gabriel Galípolo, que assume a presidência do Banco Central em 1º de janeiro, o mais destacado de todos. Mas pela mesma turma de faculdade de Galipolo, que tem hoje 42 anos, passaram outros expoentes de uma geração de economistas que ganhou relevo nos últimos anos.

Além de Guilherme Mello, atual secretário de Política Econômica do governo Lula (PT), outros nomes foram contemporâneos dele há duas décadas, como André Roncaglia, indicado pelo Ministério da Fazenda em agosto como diretor-executivo do Brasil no Fundo Monetário Internacional.

Também saíram desta geração da PUC, com alguma diferença de idade e em anos letivos variados, Igor Rocha, economista-chefe da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), e André Perfeito, ex-economista chefe da Gradual e da Necton e hoje sócio da consultoria APCE, com quem Galípolo ainda mantém amizade.

Aluno aplicado, segundo quem conviveu com ele em sala de aula, não foi nas cervejadas nem nos bares vizinhos da PUC, na rua Ministro Godói, que Galípolo deixou as memórias mais marcantes.

Com Mello, que era um ano mais novo, a convivência foi maior nos tempos de centro acadêmico, no movimento estudantil. "Nós éramos de chapas opositoras, mas ele sempre foi um sujeito capaz de construir pontes e ser respeitado nos dois campos. Era um interlocutor constante. Antes de participar do movimento estudantil, nós ajudamos a organizar a Semana de Economia da PUC-SP", diz Mello.

Segundo Roncaglia, a disputa pelo centro acadêmico ocorreu em 2002. Sua chapa com Mello e Perfeito venceu por reunir frente ampla, de centro-direita, cobrindo todos os cursos da faculdade de economia da PUC. A de Galípolo, mais à esquerda, se concentrava no curso de economia.

"Depois deste embate, perdi contato com o Gabriel e fui reencontrá-lo, mais tarde, no mestrado, onde tínhamos o mesmo orientador, o professor João Machado Borges Neto. Gabriel sempre foi questionador, com uma incomum destreza em debates e uma destacada facilidade em enxergar o fio da meada em vários temas de economia, história e filosofia. Tivemos debates acalorados sobre questões filosóficas. Aprendia muito com ele."

Para Perfeito, que era o mais veterano e foi presidente do Centro Acadêmico Leão 13, uma das características da turma, além do gosto pelo debate, era o engajamento na vida universitária.

Mello relata que eles participaram da primeira à terceira edições da Semana de Economia, o que fomentou contato mais próximo com amplo grupo de professores e economistas, entre eles, Luiz Gonzaga Belluzzo.

Era nítida a influência do convívio com Belluzzo e Rego sobre a trajetória intelectual de Galipolo, segundo Roncaglia.

"Gabriel sempre os citava em suas falas. O acesso a vários economistas de renome me parece ter sido crucial para catalisar a potência intelectual que ele já trazia consigo. O fato de ter acompanhado José Marcio Rego em várias das entrevistas publicadas no livro "Conversas com Economistas Brasileiros 2" e de compartilhar da intimidade palestrina com Belluzzo tornaram o estudo da economia uma prática diária, desde cedo, quando a maioria dos estudantes está tateando os campos do saber econômico", diz Roncaglia.

> **Gabriel sempre foi um questionador, com uma incomum destreza em debates e uma destacada facilidade em enxergar o fio da meada em vários temas de economia, história e filosofia**
>
> **André Roncaglia**
> diretor-executivo do Brasil no FMI e contemporâneo de Galípolo na PUC

> **Ele sempre foi muito engajado. Se interessa por física, psicologia e filosofia. Teve uma época que queria discutir estudos no departamento de física da USP**
>
> **Igor Rocha**
> Colega do novo presidente do Banco Central na PUC

Belluzzo, que é amigo de Lula desde os anos 1970. Conselheiro econômico do presidente, foi um dos principais padrinhos na trajetória de Galípolo. A proximidade com Rego, que organizava reuniões com economistas, se aprofundou ao longo da graduação.

"A gente fazia almoços com Belluzzo, com Pérsio Arida, pessoas das mais diferentes vertentes. E o Gabriel sempre foi pessoa de raciocínio rápido, inteligente, de trato fácil. Isso ajudou a construir uma visão rica e diversa dos fenômenos econômicos. Essa nossa geração da PUC deu origem a diversas pessoas que vieram a participar dos debates econômicos na esfera pública", diz Mello.

Perfeito avalia que há interpretação equivocada de que na PUC-SP prevalece a vertente heterodoxa da economia, com viés à esquerda —visão que repercutiu na esteira do anúncio de que Galípolo seria o escolhido de Lula para suceder Roberto Campos Neto.

Ele defende que a instituição lhes ofereceu o pluralismo que alimentou um perfil eclético e conciliador, que Galípolo manifesta, transitando por ambientes distintos, desde o mercado financeiro, passando pela academia, pelo governo José Serra (PSDB) em São Paulo em 2007 e chegando à gestão petista em 2023.

"A PUC-SP sempre foi mais heterogênea do que heterodoxa. Estudamos muito Keynes e Marx, mas também muito Friedman, muito manual de economia mais ortodoxo", diz Perfeito.

Após se graduar na PUC em 2004, onde também obteve o título de mestre em economia política, Galípolo lecionou na instituição. Foi professor de economia brasileira contemporânea, macro, economia para relações internacionais, introdução à ciência política, entre outras.

O mais novo da turma, Igor Rocha, 38, acompanhou a atuação de Galipolo nos anos seguintes.

"Eu fiquei muito tempo trabalhando com consultoria em infraestrutura e ele era um baita especialista reconhecido no setor. Fazia estruturação financeira, teve uma consultoria muito bem-sucedida e foi chamado para trabalhar no Banco Fator", diz o amigo.

No banco, onde foi presidente entre 2017 e 2021, Galípolo atuou na modelagem das privatizações da Cesp (Companhia Energética do Estado de São Paulo) e da Cedae (Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio).

Rocha ressalta outros temas de interesse do novo presidente do BC. "Gabriel sempre foi engajado. Se interessa por física, psicologia e filosofia. Teve uma época em que ele ia discutir estudos no departamento de física da USP", diz.

Galípolo tem mostrado o repertório adquirido. Em declarações nos últimos meses, citou nomes como o do físico dinamarquês Niels Bohr em metáforas econômicas para explicar a dificuldade de lidar com projeções futuras.

BC completa 60 anos com história de resistência de bancos e políticos

Nathalia Garcia

BRASÍLIA Há 60 anos, em 31 de dezembro de 1964, o general Humberto Castello Branco, 1º presidente da ditadura militar, sancionava a lei que transformou a Sumoc (Superintendência da Moeda e do Crédito) em uma autarquia federal denominada Banco Central.

Registros históricos mostram um passado de resistências e um longo processo de maturação até a criação tardia da autoridade monetária do país, que ainda hoje tem a sua autonomia em debate.

"O Jango [João Goulart] mandou para o Congresso um projeto de lei de criação do Banco Central ao qual o governo se opõe radicalmente. Eu queria que você fosse para Brasília parar esse projeto", disse Octavio Gouvêa de Bulhões, então ministro da Fazenda, ao economista Denio Nogueira.

"Eu só vou para a Sumoc se for para criar o Banco Central. Senão, não aceito ser nomeado diretor da Sumoc", respondeu Nogueira. Depois de conversar com Castello Branco, Bulhões trouxe o veredito: "Está bem. Vá criar o seu banco central."

O diálogo é narrado na coleção "História Contada", do Banco Central, em depoimento de Nogueira, que comandou o BC nos dois primeiros anos de existência.

"A evolução institucional até a criação do Banco Central é uma história de gradualismo", diz o economista Marcelo Lourenço Filho, que tratou da história do pensamento econômico brasileiro sobre o BC em seu mestrado na USP (Universidade de São Paulo).

Segundo ele, tentativas não prosperaram e houve atraso na criação do BC em comparação com os países vizinhos. "Se a gente elencar os motivos pelos quais o Banco Central demorou tanto para ser criado, o Banco do Brasil tem, sem dúvida, uma parcela nessa história, mas não é a única", diz.

O BB desempenhava funções típicas de banco central, como a gestão do equivalente na época a depósitos compulsórios. Em paralelo, atuava como banco comercial e de desenvolvimento, concedendo empréstimos e crédito subsidiado.

Os governos resistiam à criação de instituição que colocasse fronteira mais definida entre as políticas monetária e fiscal. Diante das dificuldades macroeconômicas que o Brasil enfrentava, como inflação e déficit público elevados, havia dúvidas se aquele seria o momento adequado para reformar o sistema financeiro.

Os bancos privados também não viam com bons olhos a criação de um órgão que pudesse disciplinar o sistema bancário no país.

Eufrázio

mercado

Dólares não são bem-vindos

Fim do requerimento de vistos aumenta empregos e salários; qual seria o custo?

Bernardo Guimarães

Doutor em economia por Yale, foi professor da London School of Economics (2004-2010) e é professor titular da FGV EESP

Vem chegando o verão, com o calor nas praias e o dólar a R$ 6. Contudo, visitantes dos Estados Unidos que quiserem escapar de seu inverno quase glacial precisam pedir visto para pular as sete ondas no Leblon e trazer seus valiosos dólares para o Brasil. Ou podem escolher passar o final do ano em Punta Cana, Montego Bay ou Cartagena.

Quase nenhum país da América Latina requer vistos de turistas norte-americanos —o Brasil e a Venezuela são raras exceções. A grande maioria não acha boa ideia dificultar a vinda de turistas.

Qual o tamanho desse impacto no turismo brasileiro? É difícil saber, mas é importante olhar os números.

A **Folha** noticiou que o Brasil recebeu 668 mil visitantes dos Estados Unidos em 2023. Parece muito pouco. A República Dominicana sozinha recebeu mais de 2 milhões.

O Brasil é mais de cem vezes maior, tem algumas das atrações mais icônicas do planeta e uma extensão de praias seis vezes maior que a República Dominicana. Ainda assim, recebe 30% dos visitantes desse nosso vizinho —que, aliás, era um país bem mais pobre e hoje já é mais rico que o Brasil. Claro, o Caribe é mais perto, mas nós não estamos longe e não há diferença relevante de fuso horário.

Críticos apontam que uma mudança foi tentada em 2019 e não fez tanta diferença. Esse argumento não faz sentido.

Em junho de 2019, americanos deixaram de precisar de visto para viajar ao Brasil. O número de visitantes dos Estados Unidos naquele ano foi 12% maior que em 2018. Depois, porém, veio a Covid-19, e em 2023, o governo Lula tornou o visto novamente obrigatório, então não houve tempo para ver o efeito da mudança.

Parte da nossa elite sente orgulho de impor esse custo aos norte-americanos. É importante lembrar que ele também cai sobre as pessoas de baixa renda

Esse aumento de 12% não capta o efeito que o fim do requerimento de vistos teria, não só por ser influenciado por diversos outros fatores (para mais e para menos) e porque o visto ainda era requerido em metade de 2019, mas porque leva muito tempo para termos novos voos, hotéis e a estrutura para receber turistas.

O efeito no curto prazo não pode ser grande —não há voo para trazer tanto turista, a passagem fica cara, melhor ir para Machu Picchu, deixar o Cristo Redentor para depois.

Com o tempo, sem o requerimento de vistos, o Brasil ocuparia mais espaço nesse mercado. Claro, não mudaria a situação completamente —por exemplo, o Brasil tem a fama (justificada) de não ser exatamente seguro para turistas— mas haveria mais voos, mais hotéis e restaurantes, mais pessoas recomendando o Brasil para seus amigos em Nova York.

Nossa economia veria uma demanda maior por serviços, o setor que mais emprega pessoas de baixa renda. No mercado de trabalho, isso se traduziria em mais empregos e maiores salários. No balanço de pagamentos, isso geraria uma maior entrada de moeda estrangeira e, consequentemente, um dólar mais barato.

Os Estados Unidos requerem vistos dos latino-americanos. O objetivo deles é conter o número de imigrantes que trabalham ilegalmente por lá. Esse ponto não se aplica a nós. Nós exigimos visto apenas para reciprocar as dificuldades que eles nos impõem.

Parte da nossa elite sente orgulho de impor esse custo aos norte-americanos. É importante lembrar que esse custo também cai sobre as pessoas de baixa renda que se beneficiariam muito por uma maior demanda pelo seu trabalho.

Brasileiros e europeus travam disputa diplomática sobre como taxar carbono de navios

Proposta da União Europeia para cobrar por emissões diminuiria PIB brasileiro e aumentaria o de países desenvolvidos, diz estudo da USP

FOLHA EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Pedro Lovisi



Navio com minério de ferro brasileiro, um dos principais itens exportados pelo país, atraca no porto de Meizhou Bay, na China Xinhua/Lin Shanchuan

SÃO PAULO A delegação do Brasil na Organização Marítima Internacional (IMO, na sigla em inglês) tenta desmobilizar uma proposta da União Europeia para taxar todas as emissões de gases de efeito estufa de navios, inclusive aqueles voltados para rotas nacionais. Na visão dos brasileiros, a medida encareceria os principais produtos de exportação do país, o que contribuiria para a queda do PIB (Produto Interno Bruto).

A IMO estipulou a meta de zerar de forma gradual as emissões marítimas até 2050. Até 2030, os navios precisarão cortar em 40% as emissões ante as de 2008.

Para viabilizar a redução, a IMO deve taxar as emissões de cada navio. O Brasil inicialmente foi contrário à taxação, mas foi voto vencido. Agora, tenta mobilizar um grupo de países em desenvolvimento para enfraquecer uma proposta que, na visão dos brasileiros, tende a aumentar o frete de suas mercadorias.

Uma decisão final deve ser tomada em abril. Antes disso, em fevereiro e março, as delegações dos países da IMO se reunirão em Londres para tratar sobre o tema.

A União Europeia quer que a IMO taxe todas as emissões, independentemente da meta estipulada. Nesse modelo, cada tonelada de CO_2 custaria entre US$ 100 (R$ 618) e US$ 350 (R$ 2.163), e o valor iria para um fundo para o desenvolvimento de tecnologias de descarbonização do setor. A proposta é apoiada também pelos pequenos estados insulares em desenvolvimento, um grupo de 39 ilhas bastante afetadas pelo aquecimento global.

Já o Brasil apresentou uma proposta para que a taxação ocorra apenas sobre as emissões excedentes à meta. Nesse cenário, em números fictícios, caso a meta da IMO fosse 100 toneladas por navio e a embarcação emitisse 110, a empresa deveria pagar apenas pelas 10 toneladas emitidas a mais. Essa proposta é hoje apoiada por cerca de dez países, entre eles a China e a Noruega.

O Brasil acredita que quanto mais conseguir mobilizar países contrários ao modelo europeu, mais o bloco ficará suscetível a negociações. Isso porque uma divisão em torno do tema seria prejudicial à credibilidade da IMO, que também trata sobre assuntos de segurança marítima.

Para isso, a delegação brasileira tem apresentado a países em desenvolvimento estudos sobre como a taxação integral das emissões afetaria suas economias. Um levantamento feito pela USP, por exemplo, apontou que as economias emergentes exportadoras de commodities seriam as mais prejudicadas, enquanto países desenvolvidos se beneficiariam.

Segundo o estudo, a taxação de US$ 50 por tonelada de CO_2 diminuiria o PIB real global em 0,04%.

Os países da África seriam os mais prejudicados, com uma redução de 0,087% no PIB das nações da porção oriental do continente, de 0,067% na porção ocidental, de 0,049% na porção sul e de 0,010% na porção norte.

Já os países das Américas Central e do Sul teriam redução de 0,016%, semelhante a das nações do sul e do sudeste da Ásia. Os europeus seriam os únicos favorecidos, com um aumento de 0,004% do PIB.

Essas diferenças se dão devido aos impactos que das taxações nas principais vendas. No caso do Brasil, como as principais exportações do país são para a China, os navios precisam navegar distâncias mais longas e emitem mais CO_2.

O encarecimento do frete, aliás, poderia alterar algumas cadeias globais, como a do minério de ferro. Hoje, o principal concorrente da Vale no mercado chinês são as mineradoras australianas e, à medida que o transporte da commodity do Brasil para a Ásia fica mais caro, os chineses podem optar por ampliar a compra do minério australiano.

0,04%

é quanto a taxação de US$ 50 por tonelada de CO_2 diminuiria o PIB real global, em relação a valores de 2014, segundo estudo da USP

40%

é quanto os navios precisarão cortar em suas emissões em relação às de 2008. A meta é zerar de forma gradual até 2050

Além disso, a taxação deve penalizar o transporte de mercadorias de baixo valor agregado, por se dar pela distância e não pelo preço do produto. Na forma como as discussões na IMO têm se encaminhado, até mesmo as rotas marítimas nacionais (cabotagem) devem ser afetadas, o que o Brasil também tem refutado.

"Na viagem curta, o navio está toda hora entrando e saindo do porto, o que exige tempo de espera, e o combustível queimado conta como emissões", diz Luís Resano, diretor-executivo da ABCA (Associação Brasileira de Armadores de Cabotagem).

O receio do setor é que o encarecimento da cabotagem faça com que empresas brasileiras optem por transportar suas mercadorias via caminhões, que não têm limites legais de emissões.

Agora, a delegação brasileira se prepara para buscar um acordo com os europeus e os países insulares. No caso dos últimos, o Brasil tenta encontrar uma forma de taxação que não seja onerosa para os países em desenvolvimento, mas que gere um fundo grande.

"Queremos uma medida que provoque a transição energética", afirma Flávio Mathuiy, assessor da Comissão Coordenadora do Brasil para os Assuntos da IMO. "Mas já identificamos que a questão central é o valor desse fundo." Em 2025, um novo ator entra na disputa: os EUA de Donald Trump, forte crítico de medidas que penalizam a economia global. Até agora, os americanos têm sido tímidos nesta questão.

Eufrázio

FRAZÃO Leilões — itaú

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, ... **ITAÚ UNIBANCO S/A** ... **DOUGLAS JOSÉ LOPES** ... [illegible] ... www.frazaoleiloes.com.br ... [illegible]

FRAZÃO Leilões — itaú

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, ... **ITAÚ UNIBANCO S/A** ... **CLAIR DENISE SANTIAGO** ... **WASHINGTON CORDEIRO** ... [illegible] ... www.frazaoleiloes.com.br ... [illegible]

BIASI Leilões — itaú

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

1º Leilão: dia 10/01/2025 às 14h30 2º Leilão: dia 20/01/2025 às 14h30

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (**JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício**) ... **ITAÚ UNIBANCO S/A** ... **CLEDNEY RIBEIRO TEODORO** ... [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

FRAZÃO Leilões — itaú

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, ... **ITAÚ UNIBANCO S/A** ... **LEONARDO ARAUJO DO ROSARIO** ... **IOVANA RIOS DA SILVA** ... [illegible] ... www.frazaoleiloes.com.br ... [illegible]

BIASI Leilões — itaú

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

1º Leilão: dia 10/01/2025 às 14h30 2º Leilão: dia 20/01/2025 às 14h30

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (**JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício**) ... **ITAÚ UNIBANCO S/A** ... **ELZA SOARES DE MOURA** ... [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI Leilões — itaú

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

1º Leilão: dia 10/01/2025 às 14h30 2º Leilão: dia 20/01/2025 às 14h30

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (**JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício**) ... **ITAÚ UNIBANCO S/A** ... **BIANCA GONÇALVES DO CARMO** ... [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI Leilões — itaú

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

1º Leilão: dia 10/01/2025 às 14h30 2º Leilão: dia 20/01/2025 às 14h30

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (**JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício**) ... **ITAÚ UNIBANCO S/A** ... **MARCOS MIRANDA CHAVES JUNIOR** ... **JULIANA MELO AZEVEDO** ... [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

Sindicato dos Trabalhadores na Movimentação de Mercadorias em Geral e dos Arrumadores de Santos, São Vicente, Guarujá, Cubatão, Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém, Peruíbe, Itariri, Pedro de Toledo, Miracatu, Ilha Comprida, Cananéia, Pariquera-Açu, Jacupiranga, Eldorado, Bertioga, São Sebastião, Ilhabela, Caraguatatuba e Ubatuba.

SINTRAMMAR

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA ELEIÇÕES SINDICAIS (08 de abril 2025 / 07 de Abril 2029)

Em fiel cumprimento ao disposto no Estatuto Social e no uso das atribuições que me são conferidas, pelo presente edital convoco eleições gerais a serem realizadas nos dias **18 e 19 de fevereiro de 2025**, objetivando a composição dos órgãos de direção e gestão deste **Sintrammar**, quando serão eleitos, por escrutínio secreto, os membros da Diretoria Administrativa, Conselho Fiscal, Delegados Representantes na Federação, Confederação e Central Sindical, titulares e suplentes, para o exercício do mandato no quadriênio abril 2025 - abril 2029, ficando à disposição dos votantes associados e em pleno gozo de seus direitos estatutários e regimentais urnas, conforme segue: **URNA 1 - fixa**, instalada na sede social do sindicato, em Santos, na Av. Conselheiro Nébias, 257, Vila Nova, das 08h30 às 12h e das 14h às 17h, **URNA 2 - fixa**, instalada no ponto de distribuição de serviços, em Santos, na Rua Viscondessa do Embaré, 20/26, Paquetá, das 08h30 às 12h e das 14h às 17h, **URNA 3 - fixa**, instalada no ponto de distribuição de serviços, em Vicente de Carvalho/Guarujá, na Rua Brigadeiro Eduardo Gomes Número, 263, Jardim Boa Esperança, das 08h30 às 12h e das 14h às 17h, **URNAS 4 e 5 - itinerantes**, percorrerão, das 08h30 às 12h e das 14h às 17h, as companhias retroportuárias e de logística, armazéns, fábricas e demais empresas no âmbito da base territorial e atividade profissional prevista na Lei 12.023/2009, qual seja: a de movimentação de mercadorias e cargas em geral em Santos, São Vicente, Cubatão, Praia Grande, São Sebastião, Bertioga, Guarujá e demais cidades abrangidas pelo sindicato.

De acordo com o art. 44, parágrafo 1º, fica aberto o **prazo de 10 (dez) dias corridos para o registro de chapas, contados a partir do dia 02/01/2025**, cujo requerimento deverá ser dirigido ao presidente da entidade, acompanhado de todos os documentos exigidos para os devidos fins, podendo ser assinado por qualquer um dos candidatos componentes da chapa, mediante protocolo e contrarrecibo na Secretaria do Sintrammar, em dias úteis, das 08h30 às 12h e das 14h às 17h.

Nos termos do art. 44, parágrafo 2º, a recusa de registro de chapa candidata será fundamentada por escrito no prazo de 48 (quarenta e oito) horas. Consoante ao art. 44, parágrafo 3º, as impugnações deverão ser feitas no prazo de 03 (três) dias úteis, contados a partir da publicação das chapas registradas.

Havendo a participação de chapa única o pleito realizar-se-á também na forma prevista nos artigos 46 e 55 e seus respectivos parágrafos.

Será considerada vencedora a chapa que obtiver o maior número de votos, restando à mesma tomar posse no dia 08 de abril de 2025.

Obs.: O presente edital será fixado na sede do sindicato, assim como as regras para eleição previstas no Estatuto Social.

Santos, 01 de janeiro de 2025

FRANCISCO ERIVAN PEREIRA
Presidente

seminários**folha** ★★★

Acesse o site **folha.com/seminariosfolha**

Os temas mais necessários e relevantes a um play de distância de você.

FOLHA — NÃO DÁ PRA NÃO LER.

mercado

Governo divulga lista de bets com aval para atuar no país

Pedro S. Teixeira

SÃO PAULO O Ministério da Fazenda publicou no Diário Oficial da União desta terça-feira (31) a relação das 137 marcas autorizadas a funcionar no mercado regulado de apostas, que será iniciado na quarta-feira (1º). Cada empresa autorizada pode operar até três bets.

Dos 103 pedidos avaliados pela Secretaria de Prêmios e Apostas (ligada à Fazenda), 15 (para 14 CNPJs) receberam aprovação, após cumprirem todos os requisitos impostos pela pasta. Mais 52 empresas receberam aval temporário, sob a condição de regularizar as pendências em 30 dias corridos.

No total, a Fazenda pode receber R$ 2,1 bilhões em outorgas destas primeiras 67 empresas, cada uma no valor de R$ 30 milhões.

Grandes empresas como a Betano (a mais acessada no país), as três marcas da Caixa e o cassino Caesars ficaram de fora das 15 marcas já licenciadas e receberam autorizações temporárias.

No total, 271 pessoas jurídicas solicitaram licença à pasta, das quais 103 tiveram os pedidos avaliados por terem feito a protocolização antes de 20 de agosto. As demais solicitações devem ser avaliadas em 150 dias.

Parte das empresas consideradas elegíveis para receber a outorga da Fazenda antes desta quarta manifestou dificuldade para conseguir entregar um documento chamado certificação. Trata-se de uma perícia feita por empresa independente para atestar a idoneidade da plataforma.

As casas de apostas alegam que um gargalo entre as seis certificadoras autorizadas pela Secretaria de Prêmios e Apostas (vinculada à Fazenda) impossibilita o cumprimento do prazo.

A partir desta quarta, os sites sem outorga da União estarão na ilegalidade, caso operem nacionalmente. As empresas ainda podem pleitear licenças estaduais para montarem operações de âmbito local.

Estados como Rio de Janeiro, Paraná, Paraíba e Maranhão cobram valores entre R$ 2 milhões e R$ 5 milhões pelo processo de licenciamento.

F VEJA A LISTA DAS BETS AUTORIZADAS NO BRASIL folha.com/xk3jlf4y

Eufrázio

Itamaraty se prepara para turbulência em ano com Trump, Brics e COP30

Governo Lula celebra êxitos alcançados na cúpula do G20 e com acordo assinado entre UE e Mercosul em 2024, apesar de atritos com Argentina, Venezuela e Israel

Guilherme Botacini

BRASÍLIA A diplomacia brasileira avalia 2024 como um ano positivo, principalmente pela cúpula do G20 no Rio e pela assinatura do acordo comercial entre o Mercosul e a União Europeia, embora atritos do governo Lula com outros países tenham tumultuado os planos do Itamaraty. Agora, a pasta se prepara para um 2025 com a previsão de mais turbulência no cenário global.

A eleição de Donald Trump nos EUA é a novidade inescapável do cenário internacional. O republicano afirma, desde a campanha, que vai criar e ampliar tarifas e jogar duro até mesmo com aliados europeus em acordos bilaterais e fóruns multilaterais.

Em dezembro, Trump elencou o Brasil entre os países que "cobram muito" em termos de tarifa e prometeu reciprocidade.

A fala do americano —e a relação pouco amistosa entre ele e o presidente Lula, que havia declarado preferir vitória de Kamala Harris— indica um 2025 em que a diplomacia brasileira terá de lidar tanto com os efeitos diretos deste novo momento da relação bilateral Brasil-EUA, quanto com os efeitos da política de Trump sobre a ordem global.

Um ponto de conflito em potencial está na cúpula do Brics em 2025, a quarta vez que o Brasil vai sediar o evento. Em 2024, o foro ocorreu na Rússia, e Lula não compareceu por questões médicas, após cair e bater a cabeça.

A cúpula do Brics, grupo que reúne China, Rússia, Índia e África do Sul, além dos recém-incluídos Egito, Etiópia, Irã, Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita, tem buscado ser um espaço relevante do que seus líderes chamam de nova ordem multipolar —ou seja, sem hegemonia de Washington.

Além disso, o grupo é espaço de discussão de países opostos ao Ocidente nas duas grandes guerras no Oriente Médio e na Ucrânia. No início do ano, Lula também viveu grande crise com Israel, ao comparar as ações de Tel Aviv em Gaza com o Holocausto, e foi classificado como "persona non grata" no país.

Uma das pautas na agenda do Brics é o reforço do uso de moedas locais de países do bloco para o comércio internacional, o que implica diminuir a influência do dólar. Trump já ameaçou aplicar 100% de tarifas sobre produtos de países do grupo se esse tipo de medida avançar.

"O Brasil vai ter de ser sagaz para articular diplomaticamente com a administração Trump aspectos que não desfavoreçam os produtos do nosso agronegócio, que são os principais alvos de importação por parte dos EUA", diz Rodrigo Amaral, professor de relações internacionais da PUC-SP.

Na política internacional, por outro lado, o Itamaraty tem pontos a celebrar: as conclusões do acordo entre UE e Mercosul e a realização da cúpula do G20, no Rio.

Ambos são vistos como êxitos também por diplomatas estrangeiros ouvidos pela **Folha**. No caso do G20, foram destaques a inclusão de menções às guerras na declaração final dos líderes, de negociação delicada, e a ampla adesão à Aliança Global contra a Fome e a Pobreza, bandeira do governo Lula para o evento.

Um dos pontos de apreensão do Itamaraty na cúpula e no ano como um todo foi a dúvida quanto à relação com o presidente argentino, Javier Milei. O ultraliberal esnobou o brasileiro ao visitar o país pela primeira vez sem encontrá-lo, e as ações da sua diplomacia ameaçavam travar discussões no G20.

Não foi, no entanto, o que ocorreu. As caras azedas na foto oficial do evento ficaram por isso mesmo. Apesar do distanciamento entre os líderes, imperou o pragmatismo entre as chancelarias, com avanços no setor energético.

Foi na Venezuela, vetor de dor de cabeça para a diplomacia brasileira em 2024, que ocorreu outro exemplo de cooperação com Buenos Aires, apesar dos atritos.

O Brasil assumiu a custódia da embaixada argentina em Caracas em meio à crise entre o governo Milei e o regime de Nicolás Maduro, que expulsou diplomatas argentinos após o contestado pleito que, segundo órgãos eleitorais controlados pelo chavismo, reelegeu o ditador. No local, estão asilados seis opositores do regime.

A relação histórica de governos petistas com o regime de Maduro azedou de vez neste ano, particularmente após o pleito venezuelano. O Brasil não reconheceu a vitória de Maduro (nem de Edmundo González, da oposição), e exige a divulgação das atas eleitorais, algo que o regime não fez.

O ano de 2024 havia começado diferente, com o Brasil participando da mediação do contencioso sobre Essequibo, região da Guiana que Caracas reivindica e trata como sua, embora não administre a área. O conflito centenário está, hoje, dormente.

Após a eleição, porém, a ditadura passou a criticar Lula, e com mais intensidade ainda o Itamaraty. A pasta chegou a ser acusada de ser vinculada ao Departamento de Estado dos EUA, e Celso Amorim, assessor de Lula que esteve em Caracas para a eleição, foi chamado de "mensageiro do imperialismo norte-americano".

Janeiro de 2025 carrega já o primeiro desafio do Itamaraty nesse sentido. A posse de Maduro está marcada para o dia 10, e o opositor, exilado na Espanha, diz que irá a Caracas assumir. O tratamento dado para a data pela diplomacia brasileira, que tenta manter um canal de diálogo apesar das rusgas, é delicado.

O ano deve terminar com a COP30, em Belém, evento que é a grande aposta internacional do governo Lula. Prevista para novembro, a conferência do clima precisa reverter resultados fracos de fóruns ambientais globais.

Um dos pleitos de países em desenvolvimento, Brasil incluso, é aumentar o financiamento para que as metas estipuladas pelo Acordo de Paris sejam alcançadas. Países desenvolvidos, no entanto, trabalham para incluir nações consideradas em desenvolvimento, como a China, entre os que são obrigados a contribuir.

O fator Trump terá peso nas negociações. É esperado que o republicano mais uma vez retire os EUA do Acordo de Paris, o que deve aumentar a pressão sobre os demais signatários do tratado.



Brasil vai analisar caixas-pretas de avião da Embraer

Autoridades brasileiras vão analisar as caixas-pretas do avião fabricado pela Embraer que caiu no Cazaquistão na semana passada, matando ao menos 38 pessoas. A previsão era de que o material chegasse a Brasília nesta terça-feira (31).

Em nota, a Força Aérea Brasileira informou que o Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos vai usar tecnologias avançadas, incluindo animação em realidade virtual, para investigar as informações.

Relatos de investigadores do Azerbaijão indicam que o avião foi abatido por um míssil antiaéreo russo.



Franceses participam de evento tradicional no último dia de 2024

Pessoas com trajes antigos, como manda a tradição, festejam chegada de novo ano em praia de Cabourg, no norte do país Lou Benoist/AFP

ALEMANHA

'Donos de redes sociais' não decidirão eleições, diz premiê Olaf Scholz na TV

BERLIM O premiê da Alemanha, Olaf Scholz, afirmou em pronunciamento na TV que "donos de redes sociais" não decidirão a eleição na Alemanha. Sem citar Elon Musk, que adotou a legenda de extrema direita local, o social-democrata pediu aos alemães, nesta terça (31), que "não se deixem enganar uns pelos outros".

No último fim de semana, o bilionário publicou artigo no Die Welt, um dos jornais mais importantes do país, declarando que somente a AfD, ligada a neonazistas, conseguiria tirar a Alemanha do "caminho da mediocridade". A publicação gerou forte reação do universo político alemão.

As eleições para o Parlamento do país estão marcadas para 23 de fevereiro. Foram antecipadas depois que a coalizão de governo montada por Scholz ruiu. José Henrique Mariante

Eufrázio



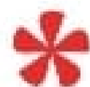
Crianças se aquecem em área destruída no campo de refugiados de Bureij, na Faixa de Gaza Eyad Baba · 30.dez.24/AFP

Esperança se refugiou na Justiça internacional em ano marcado por crimes de guerra

Análise

Com Conselho de Segurança politicamente imobilizado e incapaz de conter conflitos pelo mundo, cresce protagonismo de tribunais sediados em Haia

João Paulo Charleaux
Jornalista, analista e escritor especialista em questões ligadas aos conflitos armados e ao direito da guerra



Diante de fragilidades das Nações Unidas, foram dois órgãos judiciais de Haia que deram passos para impor algum constrangimento aos criminosos de guerra: o Tribunal Penal Internacional, que julga pessoas, e a Corte Internacional de Justiça, que julga países

Os crimes de guerra cometidos em Gaza, no Líbano e na Ucrânia em 2024 não deixam dúvidas sobre a insuficiência das estruturas que foram criadas após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) para evitar o uso da força nas relações internacionais. Nenhuma dessas instâncias, a começar pelo Conselho de Segurança da ONU, foi capaz de impedir, interromper ou pelo menos mitigar o efeito devastador que os conflitos armados produziram.

O primeiro fracasso foi no Líbano, onde a ONU mantém desde 1978 uma força de paz, a Unifil (Força Interina das Nações Unidas no Líbano, na sigla em inglês), cujas duas missões mais importantes seriam: prevenir o contrabando de armas e munições para o Líbano e desmilitarizar o sul do país. Já são 46 anos de fracasso em ambas as missões, cujo resultado contribuiu para a reescalada do conflito entre Israel e Hezbollah em 2024.

O segundo fracasso foi o da Síria, onde a ONU criou em 1974 a Undof (Força de Observação de Desengajamento das Nações Unidas), cuja missão era prevenir o que aconteceu neste ano: a militarização e a ocupação das Colinas de Golã, renovadas e aceleradas em novos moldes por Israel.

O terceiro fracasso foi na Ucrânia, onde o Conselho de Segurança nem sequer conseguiu aprovar uma resolução contundente quanto às agressões russas à soberania do país invadido, o que dirá despachar uma força de paz para a região, ainda que nos moldes das fracassadas Unifil, do Líbano, e Undof, da Síria.

Diante de fragilidades nos campos político e militar das Nações Unidas, foram dois órgãos judiciais sediados em Haia, na Holanda, que deram passos à frente para impor algum constrangimento aos criminosos de guerra: o Tribunal Penal Internacional, que julga pessoas, e a Corte Internacional de Justiça, que julga países.

O protagonismo dessas duas instâncias judiciais não é tão rápido, tão perfeito, nem tão justo quanto o mundo requer. Ainda assim, eles constituíram-se nos meios mais oportunos para aumentar o custo das violações atribuídas a líderes políticos e a comandantes militares nos grandes conflitos em curso.

Ainda em janeiro de 2024, a Corte Internacional de Justiça começou a julgar Israel pelo crime de genocídio na Faixa de Gaza. O processo movido pela África do Sul não trouxe apenas a possibilidade de que Israel venha a enfrentar o alto custo de uma sentença judicial desfavorável no futuro; ele trouxe também um altíssimo custo moral imediato para um governo que depende de respaldo internacional, inclusive na forma de armas e munições enviadas por aliados estrangeiros, para manter as ações que realiza nos territórios palestinos.

Do Tribunal Penal Internacional saiu em novembro uma inesperada ordem de prisão contra o primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, e seu agora ex-ministro da Defesa, Yolav Gallant, por crimes cometidos contra os civis em Gaza.

Líderes do Hamas foram, vivos ou mortos, objetos de ordens semelhantes expedidas pelo mesmo tribunal e, além de todos eles, também o presidente da Rússia, Vladimir Putin, teve de passar o ano de 2024 calculando seus passos para fugir da prisão, que havia sido pedida em 2023 pela mesma instância judicial, por crimes cometidos na Ucrânia.

Não é uma retrospectiva que busque estabelecer uma competição entre o Conselho de Segurança e as cortes mencionadas. Na verdade, todo esse sistema —que começou a ser construído há 125 anos, na Primeira Conferência da Paz de Haia de 1899, e ganhou impulso renovado após a Segunda Guerra, com as Convenções de Genebra de 1949— deveria funcionar em sintonia, mas não é o que aconteceu em 2024, quando as cortes mostraram mais vontade e capacidade de proteger as pessoas do que as instâncias políticas.

2024 foi ruim para a democracia global

História explica como as nossas ações hoje podem ser decisivas para o futuro

Rui Tavares
Historiador, deputado na Assembleia de Portugal e ex-deputado no Parlamento Europeu; autor de 'Agora, Agora e Mais Agora'

O que teria sido a história se Hitler tivesse pagado como devia pelo seu golpismo, e Mussolini, pelo patrocínio à violência? É impossível prever as consequências. Mas ao menos alguém teria cumprido com o seu dever

Por estes dias há cem anos, Adolf Hitler foi libertado da prisão muito antes de cumprir a pena de cinco anos a que tinha sido condenado por uma tentativa fracassada de golpe de Estado. E mesmo nos parcos nove meses em que esteve preso, o líder nazista usufruiu de condições excepcionais: uma cela espaçosa e arejada, a possibilidade de receber visitas e o acesso ao secretário a quem ditou "Mein Kampf", o livro que faria dele um homem rico.

Depois de tanto mimo, a esperança das autoridades era que Hitler saísse grato e respeitoso, e foi isso que disseram à imprensa de então. Em 21 de dezembro de 1924, o jornal americano The New York Times publicava o título: "Hitler Domado pela Prisão". Prosseguia: "o seu comportamento durante a prisão convenceu as autoridades de que ele, como a sua organização [...], já não devem ser temidos".

E terminava com uma profecia que só nos pode fazer sorrir —"Acredita-se que se retirará para a vida privada e que regressará à Áustria, o país do seu nascimento". Uma guerra mundial, um holocausto e milhões de mortos nos fazem mais sabedores do que os nossos antepassados de 1924.

Não foi só na Alemanha que 1924 foi o ano em que, se as ameaças ao Estado de Direito tivessem sido levadas mais a sério, muita história maldita poderia ter sido evitada. Na Itália, Mussolini já estava no poder. Tinha até conseguido reforçar a sua posição em eleições fraudulentas nas quais teve apoio de partidos tradicionais, de conservadores a progressistas, num chamado listão — "il listone" — de candidatos a deputados. Só socialistas e comunistas ficaram de fora, e só um solitário socialista, chamado Giacomo Matteotti, teve a coragem de denunciar as violências e abusos dos fascistas num discurso parlamentar em 30 de maio de 1924.

Onze dias depois, Matteotti estava morto, e toda a gente percebeu que era Mussolini que estava, de uma maneira ou de outra, por detrás de seus assassinos. Por um momento, a indignação popular foi de tal ordem que foi possível acreditar que o rei Vitorio Emmanuelle 3º iria demitir Mussolini e fazer cair o seu governo. Em vez disso, o rei hesitou e manteve o líder fascista no poder.

O que teria sido a história se Hitler tivesse pagado como devia pelo seu golpismo, e Mussolini, pelo seu patrocínio à violência e aos assassinatos políticos? Claro que é impossível prever todas as consequências. Mas ao menos alguém teria cumprido com o seu dever. E quando isso acontece, a democracia e os direitos humanos têm um pouco mais de esperança. Há gente que sonha mais e sofre menos; a humanidade vale sempre a pena.

Cem anos depois, 2024 foi um ano em que correu mal quase tudo o que havia para correr mal à democracia, ao Estado de Direito e aos direitos humanos no mundo. A China, a Rússia e os Estados Unidos são governados por autoritários nacionalistas; eles e seus imitadores, como Netanyahu, continuam a infligir um desumano tratamento a milhões de pessoas, da Ucrânia à Palestina. Os mais ingênuos acreditam que as ambições de autoritários não levarão ao resultado a que sempre levaram.

Cem anos depois de 1924, não temos o luxo da ingenuidade. Mas ao menos sabemos que todas as nossas ações são decisivas. Levemos essa certeza para o ano que agora começa.

DOM. Sylvia Colombo SEG. Bianca Santana QUA. Rui Tavares QUI. Lúcia Guimarães SAB. Igor Patrick

Eufrázio

Com orçamento recorde, Nunes quer cumprir as metas de Bruno Covas

Linhas de BRTs na zona leste e construções de CEUs e de piscinões estão entre as prioridades do prefeito para São Paulo

Carlos Petrocilo

SÃO PAULO Reeleito prefeito da cidade de São Paulo pelos próximos quatro anos, Ricardo Nunes (MDB) conta com um orçamento recorde para pavimentar a sua gestão, depois de assumir a administração do município em decorrência da morte de Bruno Covas (1980-2021).

Para o ano de 2025, Nunes lista como prioridades a inauguração de cinco CEUs (Centros Educacionais Unificados), cinco UPAs (Unidade de Pronto Atendimento) e cinco UBS (Unidades Básicas de Saúde).

À **Folha** o prefeito ainda se comprometeu entregar, ao longo do mandato, o complexo de túneis Sena Madureira, a ligação viária Pirituba/Lapa, a duplicação da ponte Interlagos, dos BRTs (Bus Rapid Transit) da Radial-Leste e da Aricanduva, o VLT do Centro, as extensões das avenidas Marquês de São Vicente e da José Aristodemo Pinotti (em São Miguel Paulista), além de dez piscinões em locais afetados pelas enchentes.

Com R$ 125,7 bilhões em receitas em 2025, Nunes terá o maior orçamento da história. O valor é 12% maior que o aprovado para 2024, que foi de R$ 111,8 bilhões. Em 2021, no primeiro ano da gestão Nunes, as receitas foram de R$ 68 bilhões (R$ 87 bilhões, em valores atualizados).

Na campanha eleitoral, como a **Folha** mostrou, o emedebista apresentou plano de governo para 2025 a 2028 tomado por generalidades como "expandir" a rede de saúde e "escalar" seu programa de moradias. Não há, por exemplo, nem neste plano nem na PLOA (projeto de lei orçamentária) do ano que vem propostas específicas para a cracolândia.

Parte destas obras, como os CEUs, piscinões e os BRTs, estavam previstas entre as 86 promessas do Programa de Metas da prefeitura estabelecido para o quadriênio de 2021 a 2024 e, na época, editado por Covas, que morreu em maio de 2021.

Desde quando assumiu o paço municipal, Nunes promoveu mudanças no programa, desistindo de algumas propostas, e não conseguiu cumprir ao menos 15 metas até o final de dezembro. Entre as promessas não cumpridas no primeiro governo estão a de entregar 12 CEUs —somente cinco ficaram prontos.

Outras duas prioridades de Nunes para 2025, as inaugurações do primeiro Centro para Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (Centro TEA) e da Casa de Cultura Cidade Ademar, também constam no programa, mas com as obras ainda em andamento.

Nunes diz, agora, que serão entregues "mais três centros TEA" no seu segundo mandato.

Ao reeditar o Programa de Metas em abril de 2023, Nunes retrocedeu, por exemplo, ao trocar o verbo "implantar" por "viabilizar" corredores de ônibus no modelo BRT na avenida Aricanduva e na Radial Leste.

A própria gestão admitiu que dificilmente conseguiria entregar as obras até 2024. "Tais intervenções geram impactos sociais e demandam tempo para cumprir as exigências legais, por exemplo, avaliação dos locais e diálogo com a comunidade, de modo a minimizar possíveis transtornos", disse a Secretaria de Comunicação.

Levantamento feito pela Rede Nossa São Paulo mostra que os moradores na zona leste, onde ficam a avenida Aricanduva e a Radial Leste, levam três horas por dia, em média, para se locomover na capital.

Quanto aos piscinões, Covas havia se comprometido a fazer 14 deles, e a gestão Nunes entregou somente cinco. Na revisão do programa, a administração substituiu a construção de piscinões por 230 obras no sistema de drenagem. "Estou com oito piscinões em obras, devemos concluir dez no novo mandato", diz o prefeito.

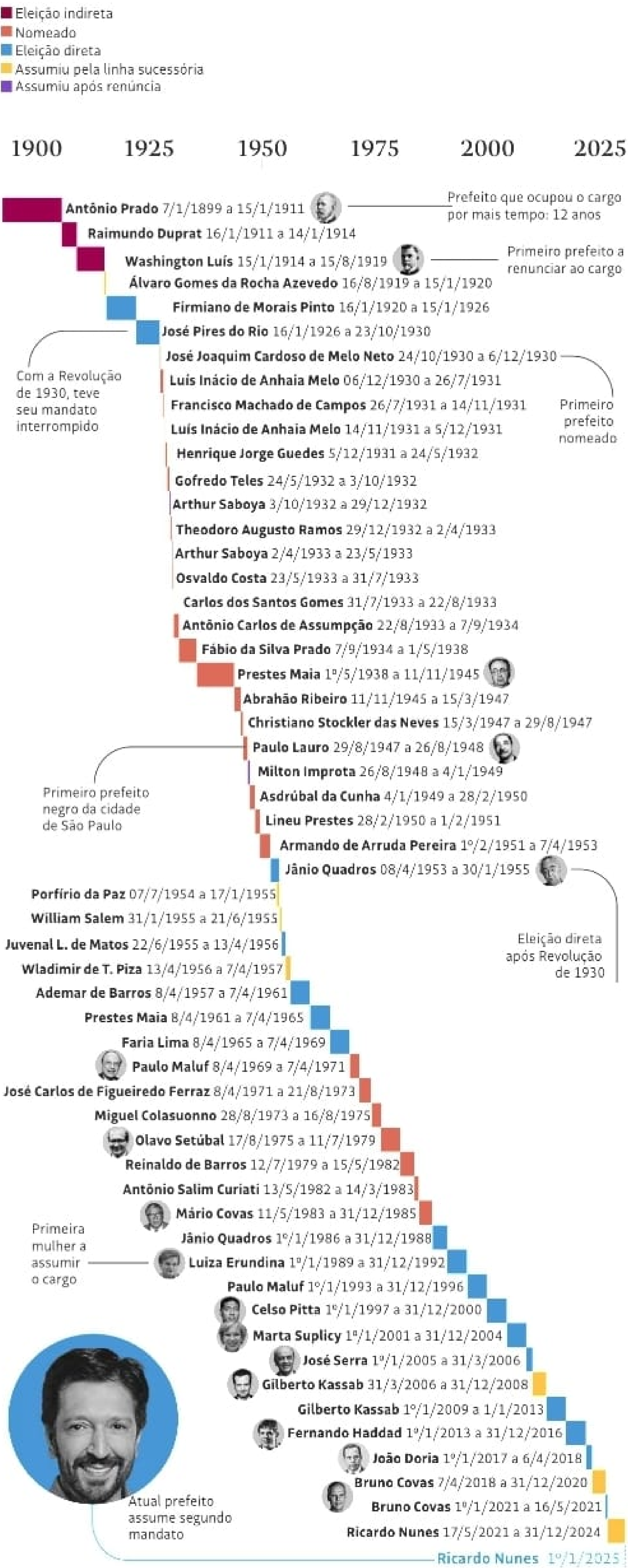
As obras para o BRT Radial Leste começaram em novembro e devem custar R$ 386 milhões. A conclusão está prevista para fevereiro de 2026.

Com 9,8 km de extensão, ele conectará o terminal Parque Dom Pedro 2º à estação Penha e, de acordo com a prefeitura, deverá contemplar quase 400 mil pessoas por dia. "Teremos o primeiro BRT da cidade de São Paulo. Depois virá o VLT do Centro, um conjunto de ações de mobilidade na nossa cidade", afirma Nunes.

Já o BRT Aricanduva ainda está em fase de licitação e, de acordo com o PLOA de 2025, com investimentos de R$ 468 milhões. O BRT Aricanduva, diz a prefeitura, terá 13,6 km de extensão, indo da Radial Leste até o Terminal São Mateus, na zona leste.

Continua na pág. A19

Veja quais foram os prefeitos que já governaram a cidade de São Paulo



Fonte: Assembleia Legislativa de SP

Continuação da pág. A18

Os gastos com a construção dos BRTs devem ser bancados pela pasta de Mobilidade e Trânsito, cujo orçamento para o ano que vem será de R$ 11,1 bilhões. É a terceira secretaria com mais receita, atrás apenas de Educação (R$ 22,9 bilhões) e Saúde (R$ 21,6 bilhões).

Quase metade do orçamento da pasta de Mobilidade e Trânsito está comprometida com os subsídios pagos às empresas de ônibus como forma de compensação tarifária.

"O valor [R$ 6,5 bilhões] também contempla gratuidades instituídas no município para a redução de desigualdades e a ampliação de acesso universal a espaços e serviços públicos, com tarifa zero aos domingos e a expansão do benefício a públicos específicos nos outros dias da semana", diz a gestão na proposta orçamentária.

A verba para Educação teve uma queda se comparada com os R$ 25,8 bilhões de 2024. A pasta está à frente de dois dos maiores desafios para o prefeito em seu segundo governo, o de ampliar a alfabetização de crianças matriculadas em São Paulo e o de melhorar a avaliação da rede municipal no Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação), que é o principal indicador de qualidade da educação básica do país.

Na proposta orçamentária, Nunes prevê 75% (R$ 19,4 bilhões) para educação infantil (R$ 11,1 bilhões), básica (R$ 1,8 bilhão) e ensino fundamental (R$ 6,5 bilhões). Outros 15% da Educação estão reservados para previdência básica.

"Os esforços estão concentrados na ampliação das vagas nas regiões periféricas, onde há muita demanda, e considerando que a permanência das crianças pequenas na creche melhora sensivelmente sua qualidade de vida e seu desenvolvimento", escreveu o prefeito no caderno do Orçamento.

"Já para o ensino fundamental, há previsão de R$ 15 milhões em investimentos na construção, ampliação, reforma e requalificação de escolas."

No ranking Criança Alfabetizada, do Ministério da Educação, São Paulo ocupa a 21ª posição entre as capitais, com apenas 37,9% dos alunos do 2º ano alfabetizados. A meta prevista pelo MEC é de 44,3%.

No Ideb 2023, a rede paulistana teve queda nos anos iniciais do ensino fundamental, de 5,7, em 2021, para 5,6 no ano passado. Em 2019, antes da pandemia, a média era 6. Com os resultados do ano passado, São Paulo não atingiu a meta e ficou abaixo da média nacional das escolas públicas nesta etapa.

Nos anos finais do ensino fundamental, a rede municipal ficou estagnada em relação a 2019.

"Realmente a gente precisa melhorar a questão do ensino inicial", admitiu Nunes em setembro de 2024, na sabatina realizada pela **Folha**/UOL durante a corrida eleitoral à prefeitura.

Renovada, Câmara de SP promete fazer barulho e empatar planos de prefeito

Legislativo paulistano contará com 20 novos vereadores e, pela primeira vez desde 1997, não terá Milton Leite (União)

Carlos Petrocilo

SÃO PAULO Com a chegada de políticos da extrema direita que fazem sucesso nas redes sociais e opositores mais atuantes, a próxima legislatura da Câmara Municipal de São Paulo deverá caminhar para embates ideológicos ainda mais polarizados no próximo quadriênio (2025 a 2028).

Aposta do PL de Jair Bolsonaro e amigo do deputado federal Nikolas Ferreira, o vereador eleito com mais votos na capital paulista, Lucas Pavanato (PL), promete uma "bancada de direita barulhenta em pautas ideológicas relacionadas a gênero, educação, infância".

Do outro lado, o petista João Ananias vislumbra uma "oposição, pelo menos, mais combatente" com a chegada dos colegas de partido Dheison e Nabil Bonduki, assim como a cicloativista Renata Falzoni (PSB).

"Teremos vereadores mais comprometidos com alguns temas importantes para a cidade como a mobilidade, meio ambiente e a questão urbanística", diz Nabil, sobre si próprio e sobre Renata e Marina Bragante (Rede), que defendem as bandeiras de mobilidade e ambiente.

A mudança em 20 das 55 cadeiras de vereadores também tende a dificultar os planos do prefeito Ricardo Nunes (MDB). Ele se gaba por ter aprovado todos os projetos enviados ao Legislativo.

A principal baixa nesta seara será a de Milton Leite (União Brasil), que como presidente da Casa desde 2021 manobrou os colegas em decisões favoráveis ao Executivo. Tido pelos pares como manda-chuva da política paulistana, Leite assumiu o cargo de vereador em 1997 e preferiu não concorrer ao pleito de 2024.



O prefeito Ricardo Nunes Gabriela Biló - 29.nov.24/Folhapress

Já o vereador Ricardo Teixeira (União Brasil), escolhido entre seus colegas de partidos e com o aval de Nunes para suceder Leite na presidência, terá a habilidade de articulação colocado à prova.

Como acordado entre os vereadores do União, Teixeira deverá ficar na presidência somente em 2025. Haverá um rodízio para que os demais vereadores da sigla ocupem a presidência ao longo dos quatro anos.

Nos bastidores, Leite, vice-presidente do União, articulou para emplacar o seu apadrinhado, Silvão na presidência. Um gesto visto como tentativa de Leite para manter sua influência na administração municipal.

Nunes ainda terá maioria em sua base, sendo que 36 dos 55 vereadores eleitos são de partidos da coligação do prefeito — sete do MDB, do União e PL; seis do Podemos, quatro do PP, três do PSD e dois do Republicanos.

Para boa parte dos projetos de lei, basta o apoio de maioria absoluta (28 dos 55 vereadores). Mas para casos que exigem maioria qualificada, como a reforma da Previdência municipal e a revisão do Plano Diretor, são necessários 37 votos, dois terços da Casa.

36
dos 55 vereadores eleitos em São Paulo são de partidos da coligação do prefeito Ricardo Nunes

17
é o total de eleitos por siglas de oposição para a nova legislatura que começa neste mês

Ainda há uma incógnita sobre a relação entre Nunes e os vereadores de partidos da sua base, mas que acenaram ou apoiaram o candidato pelo PRTB, Pablo Marçal, na eleição deste ano.

É o caso de Adrilles Jorge (União Brasil), Janaina Paschoal (PP), Rubinho Nunes (União Brasil), Sargento Nantes (PP) e Zoe Martínez (PL).

Nunes se refere com frequência aos apoiadores de Marçal como "traidores". Aos mais próximos, costuma dizer que mantém diálogo com seus opositores, mas evita o contato com quem o traiu.

O PP chegou a indicar Nantes para uma secretaria municipal, mas Nunes rejeitou a ideia.

Vereadores mais experientes apostam que há dúvidas quanto ao comprometimento aos projetos do Executivo entre os novos colegas de base, como os influenciadores bolsonaristas Lucas Pavanato (PL), Sargento Nantes (PP) e Zoe Martínez, assim como o veterinário Murillo Lima e a ex-deputada Janaina Paschoal (PP).

"Vou ajudar o Nunes no que for bom para a cidade, mas em hipótese nenhuma vou votar, por exemplo, em privilégios [à classe política] que aumentam o gasto público", afirma Pavanato.

Janaina Paschoal também promete independência em meio aos acordos de bancadas. "Se me convencer de que o projeto do governo é ruim, vou votar contra. [Com relação aos acordos entre partido e governo] Vou te confessar, tenho dúvida se nasci para política."

A oposição, formada por PT, PSOL, PSB e Rede, terá um vereador a mais, 17 no total. As bancadas do PSB, PSOL e do PT continuam, respectivamente, com dois, seis e oito representantes.

A novidade é a chegada de Marina Bragante, primeira vereadora do Rede Sustentabilidade no Legislativo paulistano e que lidera a Bancada do Clima.

O PSOL terá a ativista Amanda Paschoal, a quinta mais votada na capital. Ambientalista e educadora popular, Amanda é travesti e ativista LGBTQIA+.

Dono da maior bancada na capital, o PT costuma fazer oposição branda ao prefeito.

Quarto mandato de Eduardo Paes tem desafio de integrar a capital com o bolsonarismo majoritário no Grande Rio

Yuri Eiras

RIO DE JANEIRO No início de dezembro, o deputado federal Altineu Côrtes (PL-RJ), líder do PL na Câmara e presidente estadual da legenda, foi o anfitrião de um almoço em São Gonçalo, a 31 km do Rio de Janeiro, que reuniu os principais nomes da direita fluminense, incluindo o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

Além do governador Cláudio Castro (PL), o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) e representantes de outros partidos, como o presidente nacional do União Brasil, Antonio de Rueda, circularam ao menos uma dezena de prefeitos eleitos e reeleitos que tentam aglutinar o bolsonarismo à própria imagem.

Estavam lá o prefeito eleito de Caxias, Netinho Reis (MDB), o prefeito reeleito de São Gonçalo, Capitão Nelson (PL), e o prefeito eleito de Belford Roxo, Márcio Canella (União).

À exceção da capital, onde Eduardo Paes (PSD) foi reeleito no primeiro turno, grande parte da região metropolitana do Rio de teve vitória da direita, com bolsonaristas entre a maioria.

22
foi o número de prefeitos eleitos pelo PL de Jair Bolsonaro entre os 92 municípios do estado do Rio

Políticos próximos a Paes, ainda que o considerem hábil no diálogo com diferentes, admitem que a comunicação com as prefeituras vizinhas é um desafio para o quarto mandato e que prefeitos locais podem tentar emplacar rivalidade com Paes, de olho no cenário estadual para a eleição de 2026. Paes afirmou mais de uma vez que não será candidato a governador, mas base e oposição consideram a possibilidade.

Dos 92 municípios do estado, o PL ganhou 22 prefeituras. O partido de Bolsonaro também é maioria na região metropolitana.

Eufrázio



Arlei Lopes Batista, pastor de igreja inclusiva que já palestrou a favor da 'cura gay' Karime Xavier/Folhapress

Jesus morreu para salvar, não para condenar, diz pastor de igreja inclusiva

Arlei Lopes Batista, 48, vice-diretor de escola, chegou a palestrar em defesa da 'cura gay' antes de conhecer denominações cristãs que não descriminam fiéis LGBTQIA+

CONVERTIDOS

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO Arlei Lopes Batista, 48, encontrou guarida numa igreja evangélica inclusiva depois de décadas vividas numa denominação tradicional, que via a homossexualidade como pecado. Durante esse período, ele foi, inclusive, palestrante em defesa da chamada "cura gay".

Em depoimento à **Folha**, ele fala sobre a descoberta de um evangelicalismo que não discrimina a comunidade LGBTQIA+.

*

Durante parte da infância, fiquei entre a Igreja Católica, porque morava com os meus avós. Fiz a primeira comunhão, a crisma.

Meus pais eram empresários de parques de diversões. Fui morar com eles por volta dos 10 anos. Minha mãe faleceu quando eu tinha 12. Aí começa todo um processo de mudança na minha vida.

Saio [de casa] por conta de violência familiar [da parte do pai]. Vou para a casa de uma prima. A filha dela era da igreja onde fiquei por quase 30 anos. O pastor acabou me adotando. Chego nessa família pastoral com uns 14 anos. Ali construí minha base bíblica. Só que é uma herança que depois me custou muito.

Eu já tinha vivenciado [minha homossexualidade]. Todos [os membros da igreja] sabiam. O discurso era de que era errado e tal, era pecado. Eu tinha que renunciar à homossexualidade. Fazia oração, jejum.

Lembro que, se era atraído por alguém na rua, me martirizava por conta do desejo. Tinha que sublimar. Foi um período de muita angústia. Batia na minha cabeça quando ia dormir. Eu achava que ia ficar louco, né?

Estava muito depressivo, ia me jogar na frente do ônibus. Chorei e disse: "Deus, se o Senhor existe mesmo, me ajuda". Depois de alguns minutos, senti como se algo estivesse empurrando aquela tristeza para fora de mim.

Chego na igreja e acabo falando mais das minhas dores. Ali tenho um lugar de acolhimento, uma comunidade que me ouve. Em nenhum momento eles forçaram a algum processo de reorientação sexual.

Tive algumas relações sexuais [com homens] nessa época, todas confessadas ao pastor. Era um processo de alívio para aquele sentimento de culpa, e o barco continuava.

Fui tendo acesso a livros de pessoas que renunciaram à homossexualidade e construindo um viés de renúncia. Nessa fase, conheço uma moça da igreja. Ficamos 22 anos casados e adotamos três filhas —não porque não podíamos ter, foi por opção mesmo.

Nunca me vi como bissexual. Entendo hoje, olhando para trás, que a amizade, o companheirismo e o toque em si faziam com que eu tivesse as relações sexuais [com a esposa]. Sempre me vi como homossexual, mas que renunciava à sua sexualidade por conta da igreja.

Nisso fui crescendo na igreja, me tornei obreiro, depois presbítero, depois pastor.

No meio-tempo, ainda tive o que nós chamávamos de quedas. Não deixava de ser adultério, porque eu estava casado. Só que nunca foi escondido. Ela sempre se colocou nesse papel de "vou te ajudar a se libertar".

Na leitura fundamentalista [da Bíblia] que fazíamos, era pecado e não tinha o que fazer. Então eu tinha que matar a minha carne, levar a minha sexualidade para a cruz e não vivê-la da forma que eu nasci para viver.

Encontrei várias pessoas que também estavam tentando renunciar à sexualidade. Criei um grupo na internet, de amor, aceitação e perdão. A gente passou de umas cinco pessoas para virar mais de 700.

Por dez anos, fiz parte do Exodus Brasil [rede evangélica que defendia ser possível a "cura gay"].

Tinha grupo que colocava os meninos em como se fossem casas de recuperação. No meu ministério, não trabalhamos com esse fundamentalismo tão opressor. De certa forma, o que eu fazia era mostrar a graça de Deus para meninos e meninas que queriam renunciar à sexualidade por conta da fé. Era uma mistura de psicanálise e teologia.

Eu me tornei palestrante do Exodus. O primeiro seminário de sexualidade da igreja do Silas Malafaia fui eu quem fiz. Minha ex-esposa estava até junto, ela e nossa filhinha adotiva, que devia ter um ano e pouquinho.

Até o dia em que, no aeroporto de Viracopos, eu estava tomando meu café e veio uma pessoa. No fim daquela conversa, me deu o número do telefone. Passei a gostar afetivamente dele. Aquilo ficou no meu coração. Não consegui mais ter relação sexual com minha esposa nem ministrar sobre sexualidade.

O casamento parou ali, mas a gente empurrou por um tempo. Ficamos quase quatro anos sem ter nenhuma relação.

Na crise, encontrei a igreja inclusiva [que não descrimina a comunidade LGBTQIA+] e passei a sentir a presença de Deus naquele lugar.

Entra aí uma nova crise. Peraí, como que uma igreja evangélica tem público gay? Tudo o que eu vivi não era verdade?

Fui para uma última reunião do Exodus. Perguntei o que os líderes tinham para refutar a teologia afirmativa. Para minha surpresa, nenhum deles tinha, de forma robusta, conhecimento sobre ela.

Essa teologia trata a leitura bíblica de forma histórico-crítica. Quando o texto bíblico fala "não se deite um homem com outro", estou olhando para ele de forma literal. A teologia afirmativa reconhece o fator histórico, considera em que época aquilo foi escrito. Se eu fizer uma leitura literal da Bíblia, então vou ser a favor da escravidão, por exemplo.

Voltei querendo conhecer mais profundamente a teologia afirmativa. Só que me decepcionei com a igreja que eu estava conhecendo naquele momento. Pastores casados deram em cima e, para mim, foi um choque. Era uma questão mais moral, tipo, se já está casado, por que precisa de uma outra pessoa?

Fui para Curitiba com uma psicóloga que fazia "cura gay". Ela tentou fazer uma modelagem. Eu tinha que andar com o marido dela, tinha que capinar, porque ele estava fazendo horta. Meu pai [o pastor] pagava para eu estar lá.

Eu não podia nem usar a internet. Fiquei dez dias e fui embora. Voltei para o casamento.

O que me fez deixar a igreja fundamentalista foi ela [a ex]. Disse assim: "O que estou fazendo? Não posso acabar com a vida dela". Ela era uma pessoa jovem que poderia casar novamente.

Fui indo numa outra, onde me fortaleci em relação à afirmação [da homossexualidade]. Aí o conheci [Daniel, seu marido]. Depois de um tempo, a gente foi para a Betesda, uma igreja heteronormativa que virou afirmativa.

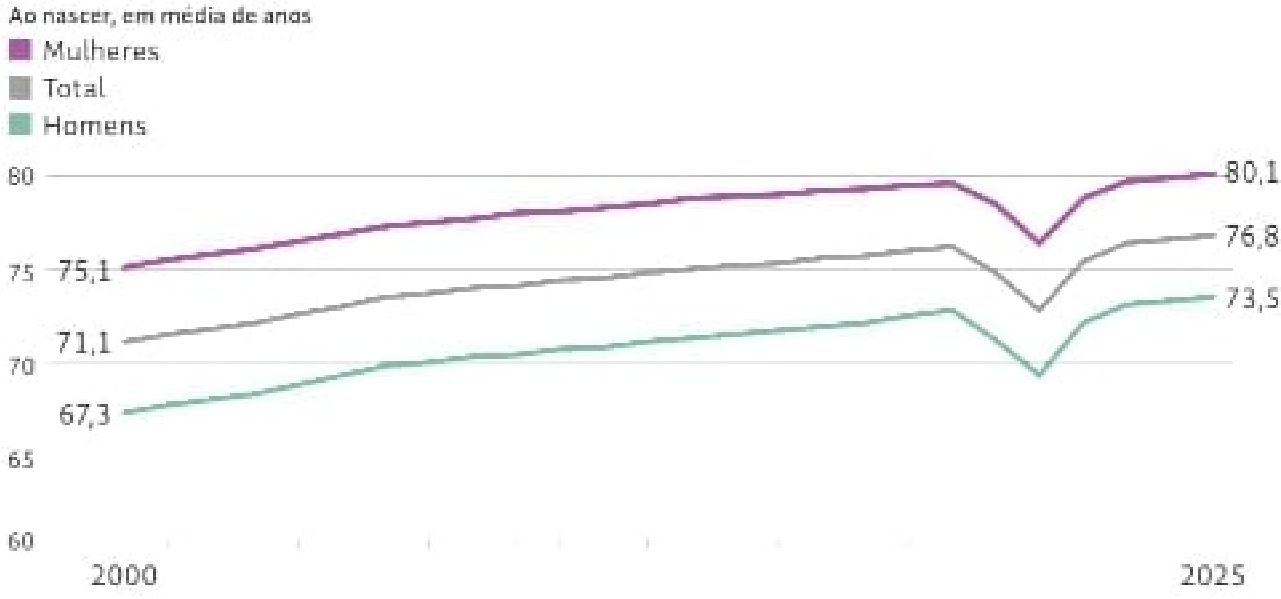
Fomos neste ano para a Igreja Batista Soul Livre porque vimos a necessidade de um auxílio maior para a nossa comunidade LGBTQIA+, para ajudar essas pessoas a continuar com fé em Deus de uma forma saudável, sem fundamentalismo.

Não acredito mais nesse Deus punitivo. Jesus Cristo morreu para salvar o mundo, não para condenar.

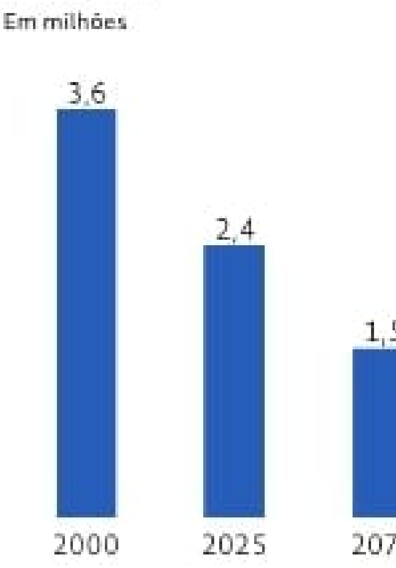
"O que me fez deixar a igreja fundamentalista foi ela [ex-mulher]. Disse assim: 'O que estou fazendo? Não posso acabar com a vida dela'. Ela era uma pessoa jovem que poderia casar novamente

Entenda a série

A **Folha** questionou um evangélico, um católico, um muçulmano, uma umbandista e uma hare krishna sobre os motivos que os levaram a trocar de crença. As respostas, em formato de depoimento pessoal, estão sendo publicadas na série Convertidos.



Fonte: projeções do IBGE



Quem nascer em 2025 deve viver mais, ter menos irmãos e ver mais idosos

Expectativa de vida para os que chegam neste ano deve alcançar 76,8 anos na média do Brasil, segundo o IBGE

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO As crianças que nascerem no Brasil em 2025 terão uma expectativa de vida maior do que gerações anteriores. Também devem contar com menos irmãos e conviver com uma parcela maior de idosos na população ao longo das próximas décadas.

É o que indicam as projeções populacionais mais recentes do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), atualizadas no último mês de agosto para o período de 2000 a 2070.

Segundo o órgão, uma criança que nascer no país em 2025 terá expectativa de viver, em média, até os 76,8 anos. É mais que o estimado para os nascidos em 2000, quando a previsão estava em 71,1 anos, em 2010 (74,4) e em 2019 (76,2), no pré-pandemia.

A alta na expectativa de vida foi interrompida durante a crise sanitária, mas voltou a crescer, alcançando 76,4 anos em 2023, 76,6 em 2024 e os 76,8 anos em 2025.

"As projeções são de uma tendência de aumento da expectativa de vida em relação aos anos anteriores", diz Márcio Minamiguchi, gerente de Projeções e Estimativas Populacionais do IBGE.

"Na média, a gente espera que uma criança que nasça em 2025 tenha uma vida um pouco mais longa do que uma criança que nasceu em 2024 ou que nasceu em 2023, e assim por diante. Do ponto de vista individual, seria algo nessa linha", acrescenta.

Em 2070, a expectativa deve chegar a 83,9 anos no Brasil. No caso das mulheres, a média tende a ultrapassar os 80 anos. A previsão para elas é de que o indicador cresça de 79,9 anos em 2024 para 80,1 anos em 2025.

Para os homens, a previsão é de aumento de 73,3 anos em 2024 para 73,5 anos em 2025. O IBGE já apontou em mais de uma ocasião que mortes de jovens por causas externas ou violentas, como homicídios e acidentes de trânsito, impactam mais a população masculina, o que afeta a esperança de vida desse grupo.



Recém-nascido em hospital de São Paulo; criança que nascer no Brasil neste ano de 2025 terá expectativa de viver, em média, até os 76,8 anos Lalo de Almeida · 27.mai.19/Folhapress

Para quem nascer em 2025, outra tendência é a possível convivência com uma população cada vez mais idosa.

Em 2070, pessoas de 60 anos ou mais devem ser 37,8% dos habitantes no país, com 75,3 milhões.

Isso indica crescimento ante 2025, quando a proporção de idosos deve ser de 16,6%, ou 35,4 milhões. Para se ter uma ideia, o percentual era de 8,7% em 2000.

Já crianças e os adolescentes de 0 a 14 anos devem perder participação. Em 2070, tendem a ser 12% da população, ou 23,8 milhões. A projeção para 2025 é de 19,5% (41,6 milhões). O percentual era de 29,9% em 2000 (52,3 milhões).

"Se a gente pensar do ponto de vista das crianças, a tendência é de que vão ter menos irmãos, menos primos", aponta Márcio.

"As famílias tendem a ser muito mais de tios e avós e menos aquela coisa de um monte de primos e irmãos", acrescenta.

Um dos indicadores desse cenário é a taxa de fecundidade, que era de 2,32 filhos por mulher no Brasil em 2000. O número deve atingir 1,53 em 2025.

A taxa, diz o IBGE, tende a seguir em declínio, recuando a 1,47 em 2030. O ponto mais baixo da série até 2070 é esperado para 2041 (1,44). A projeção para 2070 está em cerca de 1,5.

Estima ainda que o país terá 2,4 milhões de nascimentos em 2025, nível inferior ao de 2000, que era de quase 3,6 milhões. Em 2070, deve ficar abaixo de 1,5 milhão.

As informações também sinalizam que as mulheres estão adiando a gravidez. A idade média da maternidade era de 25,3 anos em 2000, passou para 27,7 anos em 2020 e deve chegar a 31,3 anos em 2070.

A expectativa de vida é calculada em uma média para o país. Há, porém, algumas diferenças regionais.

No Sul, a expectativa de vida ao nascer em 2025 é de 77,5 anos, o maior nível do Brasil. Sudeste (77,1) e Centro-Oeste (77) vêm na sequência. Nordeste (76,4) e Norte (76,1) aparecem depois.

Márcio diz esperar "uma certa convergência" nos números de esperança de vida nos estados ao longo dos anos, mas pondera que indicadores como a probabilidade de morte na infância variam de acordo com as condições socioeconômicas de cada localidade.

Ano que começa terá dois feriadões; veja datas oficiais e pontos facultativos

BRASÍLIA O governo Lula (PT) divulgou as datas oficiais dos feriados de 2025 e os dias de ponto facultativo para o serviço público.

Haverá dois feriados prolongados, com a Paixão Cristo (18 de abril) e Tiradentes (21 de abril) celebrados numa sexta e numa segunda, respectivamente. O segundo período em que será possível emendar será 19 e 20 de junho, com feriado de Corpus Christi na quinta e ponto facultativo na sexta.

Três feriados cairão em dias de domingo: Independência (7 de setembro), Nossa Senhora Aparecida (12 de outubro) e Finados (2 de novembro).

Veja a lista de feriados e pontos facultativos em 2025

JANEIRO

1º **quarta-feira** Confraternização Universal | feriado nacional

MARÇO

3 **segunda-feira** Carnaval | ponto facultativo

4 **terça-feira** Carnaval | ponto facultativo

5 **quarta-feira** Quarta-feira de Cinzas | ponto facultativo até as 14h

ABRIL

18 **sexta-feira** Paixão de Cristo | feriado nacional

21 **segunda-feira** Tiradentes | feriado nacional

MAIO

1º **quinta-feira** Dia Mundial do Trabalho | feriado nacional

JUNHO

19 **quinta** Corpus Christi | ponto facultativo

SETEMBRO

7 **domingo** Independência do Brasil | feriado nacional

OUTUBRO

12 **domingo** Dia de Nossa Senhora Aparecida | feriado nacional

28 **terça-feira** Dia do Servidor Público | ponto facultativo, a ser comemorado dia

27 **segunda** no caso dos servidores federais

NOVEMBRO

2 **domingo** Finados | feriado nacional

15 **sábado** Proclamação da República | feriado nacional

20 **quinta-feira** Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra | feriado nacional

DEZEMBRO

24 **quarta-feira** Véspera do Natal | ponto facultativo após as 13h

25 **quinta-feira** Natal | feriado nacional

31 **quarta-feira** Véspera do Ano-Novo | ponto facultativo após as 13h

Eufrázio

ambiente



Homem busca se refrescar do forte calor nas ruas de Madri, na Espanha Ana Beltran/Reuters

Ano de 2024 supera 1,5°C de aquecimento da Terra e acende alerta climático

Marca é simbólica por ser o limite estabelecido no Acordo de Paris; cientistas alertam para necessidade de corte nos combustíveis fósseis

Giuliana Miranda

RIO DE JANEIRO Prestes a ser confirmado como o ano mais quente da história da humanidade, 2024 será também o primeiro a terminar com média de temperatura acima de 1,5°C em relação aos níveis pré-industriais.

Esse limite é considerado pelos cientistas como o teto para impedir as piores consequências do aquecimento global, como o desaparecimento de países insulares, sendo também o valor preferencial pactuado pela comunidade internacional no Acordo de Paris, de 2015.

O resultado escaldante registrado em 2024 significa então que o planeta já rompeu definitivamente a barreira de 1,5°C e as metas do acordo?

Segundo o observatório Copernicus, da União Europeia, ainda não. Para considerar que o limite foi definitivamente violado, seriam necessários vários anos com os termômetros acima desse patamar. Muitos cientistas, contudo, afirmam abertamente que já não se pode limitar o aquecimento do planeta a esses níveis.

"É mais do que óbvio que segurar o aquecimento em 1,5°C já não é mais possível", afirma à **Folha** o físico Paulo Artaxo, professor da USP (Universidade de São Paulo) e membro do IPCC (painel de especialistas do clima da ONU).

"Com muito esforço, particularmente dos países desenvolvidos e dos países produtores de petróleo, nós podemos limitar o aquecimento a uma média global de 2°C, o que seria altamente desejável", avalia ele, chamando a atenção para a importância da próxima conferência do clima da ONU, a COP30, que acontecerá em Belém, no Brasil, em novembro de 2025.

Para conseguirmos isso, diz, a COP30 tem de colocar a agenda de mitigação de emissões de gases de efeito estufa em primeiro lugar. "A diplomacia brasileira vai ter que trabalhar muito nessa direção", opina.

O último relatório do Pnuma (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) afirmou que ainda é tecnicamente possível cumprir a meta de 1,5°C, embora isso esteja ficando cada vez mais difícil, exigindo um corte expressivo nas emissões nos próximos anos. Nas condições atuais, a Terra se encaminha para um aumento de até 3,1°C.

Na avaliação da pesquisadora Thelma Krug, que foi vice-presidente do IPCC e por 13 anos participou da força-tarefa do órgão sobre gases-estufa, a comunidade internacional ainda pode se mobilizar para manter viva a ambição do Acordo de Paris.

"É importante dizer que o fato de superarmos temporariamente o 1,5°C não significa que já ultrapassamos a barreira do Acordo de Paris. Ainda há esperança de limitar o aumento da temperatura média global a 1,5°C até o fim do século. O problema é que as coisas estão ficando muito mais difíceis", diz.

> **É mais do que óbvio que segurar o aquecimento em 1,5°C já não é mais possível**
>
> **Paulo Artaxo**
> físico, professor da USP e membro do IPCC (painel de especialistas do clima da ONU)

A cientista destaca que a humanidade ainda está longe de fazer a única coisa que pode garantir a interrupção da trajetória de aquecimento do planeta: derrubar a utilização de combustíveis fósseis, que são responsáveis por cerca de 80% das emissões globais.

"A lógica é simples: aumento de emissões implica aumento de concentração de gases, que, por sua vez, implica aumento de temperatura", ressalta Krug.

Os dados mais recentes, referentes a 2023, indicam que o planeta bateu um novo recorde de emissões: 57,1 gigatoneladas de CO_2 equivalente. Isso representa um aumento de 1,3% em relação a 2022 e um crescimento acima da média na década anterior à pandemia de Covid-19 (2010-2019), que foi de 0,8%.

"A ciência já deixou muito claro, desde antes do Acordo de Paris, que precisamos cortar as emissões de forma rápida e ambiciosa. Infelizmente, essa rapidez não está acontecendo", afirma Krug.

"É verdade que setores como agricultura e uso da terra, sobretudo o desmatamento, contribuem para as emissões, mas isso nem se compara ao impacto da queima de combustíveis fósseis. E há um agravante: a agricultura e o uso da terra são setores vivos, altamente vulneráveis às mudanças climáticas. Não adianta reduzir o desmatamento ou emissões agrícolas se isso não vier acompanhado de uma redução drástica dos combustíveis fósseis", completa.

Desafios matemáticos para encerrar 2024

Um amigo me apontou que 2025 é um quadrado perfeito (quando foi a última vez?)

Marcelo Viana
Diretor-geral do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, ganhador do Prêmio Louis D., do Institut de France

Ao final deste incrível ano de gloriosas conquistas, nada melhor para relaxar, curtir e se preparar para os desafios de 2025 do que os nossos tradicionais desafios matemáticos de fim de ano! Não há gabarito: a graça está em se divertir na busca das soluções, se possível na companhia da família e dos amigos. Espero que gostem!

1. Nesta época festiva, Miguel prepara rabanadas de vinho, deliciosa especialidade de sua avó portuguesa. Começa por colocar meio litro de vinho e meio litro de água, separadamente, em copos idênticos. Logo retira uma colher de líquido do primeiro copo (vinho), coloca no segundo copo (água) e mistura bem. Em seguida, retira uma colher de líquido do segundo copo e coloca no primeiro. A essa altura, há mais vinho no copo da água ou água no copo do vinho?

2. Dois navios saem ao mesmo tempo do Rio de Janeiro para Nova Yorque, onde fazem escalas de uma semana antes de regressarem, sempre seguindo a mesma rota. A Santa Cruz navega a 40 km/h durante toda a viagem. Já a Flor do Mar vai a 30km/h na ida, mas na volta acelera para 50 km/h. Qual chega primeiro ao Rio de Janeiro?

3. Há três candidatas à presidência do Glorioso Alguidares: Ana, Bia e Céu. Todos os 48 membros do clube votam, listando as três candidatas na sua ordem de preferência. Fica eleita a que for listada mais vezes em primeiro lugar, com as indicações em segundo lugar servindo para quebrar um eventual empate. A maioria coloca a Ana na frente da Céu e também há mais eleitores que colocam a Bia na frente da Céu do que ao contrário. Ainda assim, a Céu é eleita presidente. Como é possível?

> **Um amigo me apontou que 2025 é um quadrado perfeito ($2025=45^2$), o que não acontecia há muito tempo (quando foi a última vez?). Tomara que isso queira dizer que teremos um ano perfeito!**

4. Crise dramática na clínica: os frascos com as coletas de sangue de João e Maria foram misturados e enviados para análise sem identificação! São seis frascos, com capacidades de 7, 11, 15, 21, 25 e 28 centilitros. Um deles estava vazio (qual?), os demais completamente cheios. Sabemos que o volume de sangue recolhido do João é exatamente o dobro do volume de sangue coletado da Maria. A equipe do laboratório apela aos leitores desta coluna, com sua bem conhecida proficiência em matemática, para que ajudem a decifrar quais frascos são de sangue do João e quais da Maria!

5. Lara, aventureira contumaz e nossa leitora assídua, está em apuros na selva equatorial: foi picada por mosquitos venenosos e morrerá se não tomar rapidamente um compromido do antídoto. Felizmente, ela viaja prevenida: tem um comprimido no acampamento 1 e dois no acampamento 2. Infelizmente, a farmácia misturou o antídoto com placebo, que é indistinguível mas não faz nada: cada comprimido que ela trouxe tem chance de 50% de ser inócuo! Aliás, o farmacêutico avisou que pelo menos um dos dois comprimidos que estão no acampamento 2 é de placebo. Nos poucos minutos que lhe restam de vida, Lara só consegue alcançar um dos acampamentos! O que ela deve fazer: correr para o acampamento 1 e tomar o comprimido que está lá, ou para o acampamento 2 e engolir os outros dois comprimidos? Ou será que dá no mesmo?

Um amigo me apontou que 2025 é um quadrado perfeito ($2025=45^2$), o que não acontecia há muito tempo (quando foi a última vez?). Tomara que isso queira dizer que teremos um ano perfeito! Um feliz ano da matemática para todos!

DOM. Reinaldo José Lopes SEG. Marcelo Leite, Mensageiro Sideral TER. Alvaro Machado Dias QUA. Marcelo Viana SEX. Suzana Herculano-Houzel SÁB. Marcia Castro

Eufrázio

Quenianos mantêm domínio e voltam a vencer São Silvestre

Agnes Keino e Wilson Too triunfam na tradicional prova paulistana

SÃO PAULO A queniana Agnes Keino, de 36 anos, e o queniano Wilson Too, de 33, foram os vencedores da Corrida Internacional de São Silvestre de 2024. Na 99ª edição da tradicional prova de rua de São Paulo, nesta terça-feira (31), voltou a prevalecer a qualidade dos atletas africanos, que têm sido soberanos na competição.

O Brasil não tem um ganhador desde 2010, quando Marílson Gomes dos Santos triunfou entre os homens —a última mulher do país a obter a primeira colocação foi Lucélia Peres, em 2006. Desta vez, os melhores brasileiros da disputa foram Núbia de Oliveira, terceira na prova feminina, e Johnatas Cruz, quarto na masculina.

"A gente mostrou nossa força. Fui terceira e estou feliz pelo resultado. A gente trabalhou muito para chegar até aqui", disse a baiana de 22 anos, que espera galgar posições no pódio. "A gente pode sonhar, sim, que uma brasileira pode voltar a vencer a São Silvestre. Dá para sonhar mais, pode ter certeza."

Como de hábito no último dia do ano, atletas profissionais e amadores se juntaram para a largada na avenida Paulista. Também como de hábito, parte dos 37,5 mil inscritos percorreu com fantasias o trajeto de 15 km.

As mulheres largaram às 7h40. Agnes Keino e a compatriota Cynthia Chemweno se estabeleceram na frente e foram inicialmente seguidas de perto pelas brasileiras Núbia de Oliveira e Pedrina Silva Vieira. Logo elas se distanciaram das demais, antes de Keino sobressair e abrir vantagem também sobre Chemweno.

A atleta completou o trajeto em 51min26, assegurando a sétima vitória seguida do Quênia e a 17ª em sequência de competidores da África na prova feminina. Na masculina, coube a Wilson Too, com 44min22, dar o segundo triunfo consecutivo ao Quênia e o 13º em série de esportistas do continente africano.

Os homens partiram às 8h05. O queniano Wilson Mutua estabeleceu um ritmo fortíssimo —e insustentável— no início. Estava claro que não suportaria por muito tempo e já ficou para trás na marca do terceiro quilômetro, perto do estádio do Pacaembu, onde Too assumiu a liderança para não mais perdê-la.

Cada um dos vencedores levou R$ 59.700. A prova, que neste ano distribuiu um total de R$ 281.900, agora tem 37 vitórias de atletas do Quênia desde sua primeira edição aberta a não brasileiros, em 1945. O recordista Paul Tergat é responsável por cinco desses triunfos, entre 1995 e 2000.

Ele só não ganhou mais a corrida do que a portuguesa Rosa Mota, campeã seis vezes consecutivas, de 1981 a 1986. O brasileiro com mais títulos na fase internacional é o tricampeão Marílson Gomes dos Santos. O Brasil tem, desde 1945, 11 vitórias no masculino e seis no feminino.



Agnes Keino e Wilson Too foram claramente superiores aos concorrentes Carla Carniel/Reuters



Confira o pódio de cada prova

FEMININA
- Agnes Keino (QUE)
- Cynthia Chemweno (QUE)
- Núbia de Oliveira (BRA)
- Anastazia Dolomongo (TZN)
- Tatiane Raquel da Silva (BRA)

MASCULINA
- Wilson Too (QUE)
- Joseph Panga (TZN)
- Reuben Poghisno (QUE)
- Johnatas de Oliveira Cruz (BRA)
- Nicolas Kiptoo (QUE)

Lotação é obstáculo para os corredores comuns

Opinião

Felipe Machado Maia
Editor-adjunto de Economia

O clima é de festa. De um lado, o homem-aranha ajusta o número de peito. Do outro, uma pessoa vestida de padre se prepara para correr 15 km segurando uma minichurrasqueira. A Corrida Internacional de São Silvestre é uma celebração do esporte, inclusive amador, e da própria cidade de São Paulo. Mas tem ficado cada vez mais difícil, efetivamente, correr no evento.

Em sua 99ª edição, nesta terça-feira (31), a prova teve 37,5 mil inscritos, um recorde. Para dar conta de tamanho fluxo, a nova organizadora prometeu uma largada em ondas, espaçadas de acordo com a velocidade planejada pelo participante. Mas, na comparação com o ano passado, foi difícil notar a diferença.

No guia do atleta, o horário de largada de todo o pelotão geral era o mesmo, às 8h05, com a informação de que poderia haver variação de dez minutos para mais ou para menos. Na Maratona do Rio deste ano, uma prova com menos de 10 mil concluintes, o pelotão geral largou com uma diferença de cerca de meia hora.

Já na saída, após a euforia da largada, quem estava no pelotão verde (previsão de terminar a prova entre 75 e 90 minutos) deu de cara com um muro de gente na região em que está instalado o palco da festa de Réveillon da Paulista, antes do túnel que liga a avenida à Doutor Arnaldo. A saída era caminhar e esperar ou fazer uma selfie.

A sensação de empurra-empurra, com pisões ocasionais no calcanhar de quem vinha à frente, manteve-se até cerca de metade da prova, já no centro de São Paulo. No meu caso, o momento de maior liberdade de movimento foi na praça da República. Um alívio.

Para o corredor amador, a São Silvestre não é exatamente uma prova de velocidade, de busca por quebra de recordes. É uma festa, com gente fantasiada, amigos reunidos: uma confraternização de fim de ano da comunidade em que uma das principais atrações é a própria cidade e a população.

Ao contrário de grande parte das corridas na capital paulista, em que os participantes são levados a longos trajetos pela inóspita e vazia 23 de Maio (em que se pode, efetivamente, correr), a prova idealizada pelo jornalista Cásper Líbero tem gente na torcida por quase todo o tempo.

Na sempre desafiadora subida da avenida Brigadeiro Luís Antônio, cada grito de apoio de completos desconhecidos é de uma ajuda difícil de mensurar. Mas até ali, na ladeira, era preciso tomar cuidado com cotoveladas antes de seguir em frente. Rumo à histórica centésima edição, a São Silvestre poderia procurar formas de liberar o trânsito.

Nova invasão portuguesa

Chegada de José Boto ao Flamengo poderá contribuir para o nosso futebol

Tostão
Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Em 2025, continuarei indo ao banco, pagando as pequenas contas em dinheiro, frequentando a banca onde compro jornais e converso fiado, conversando no telefone, prática em desuso como tantas outras. Continuarei caminhando diariamente para fortalecer o corpo e a alma. Desejo também amar mais as pessoas que amo.

Pretendo ainda ver mais jogos dos campeonatos Brasileiro e Italiano. A fama de retranca das equipes italianas, mesmo sendo eficientes, é coisa do passado. Os principais times jogam um futebol moderno, ousado, de compactação, de pressão para recuperar rapidamente a bola e de muita troca de passes.

Na final da Copa de 1970, a Itália atuou contra o Brasil com quatro defensores que faziam marcação individual em todo o campo, além de um zagueiro atrás dos quatro para fazer a cobertura. É uma estratégia diferente da usada hoje quando há uma linha de cinco defensores. O zagueiro da sobra em 1970 não era também um líbero, como falam. Os líberos atuavam atrás dos quatro defensores, mas, quando o time recuperava a bola, tornavam-se meio-campistas.

Antes da final do Mundial de 1970, Zagallo e nós jogadores combinamos que eu atuaria atrás dos quatro defensores e à frente do zagueiro de sobra para evitar que ele saísse na cobertura. Combinamos também que, quando Jairzinho se deslocasse da ponta direita para o centro e fosse acompanhado pelo lateral adversário, o lateral Carlos Alberto Torres avançaria e ocuparia esse espaço pela direita. Assim saíram o gol de Carlos Alberto e o de Gerson, que driblou o marcador e finalizou livre de fora da área, pois o zagueiro de sobra, impedido por minha presença, não saiu na cobertura. Foi uma conquista do talento individual e da estratégia.

Ele, por ser um profissional, não um diretor escolhido pelos amigos do clube, poderá contribuir bastante para a evolução do nosso futebol, impregnado pelo jeitinho brasileiro, pelas trocas de favores

Todos os treinadores são pragmáticos, pois querem vencer, independentemente das variadas estratégias. Os treinadores, os jogadores, a imprensa esportiva, os torcedores e todos os profissionais envolvidos com o futebol deveriam fazer um esforço para unir a beleza do jogo, o prazer de ver o espetáculo, com a eficiência.

Os principais times do mundo são os que, com poucas exceções, possuem os melhores jogadores. Mas, para eles brilharem, precisam da importante presença dos treinadores, no comando, no planejamento e na execução das estratégias.

Neste momento de chegadas e partidas, alguns times têm melhorado, e outros têm piorado com as contratações de jogadores e treinadores.

O técnico Cuca, contratado pelo Atlético-MG, será um reforço ou um problema? Ele, com sua esquisitice e instabilidade emocional, costuma sair dos clubes de uma maneira inesperada, embora tenha feito excelentes trabalhos em sua carreira. Além disso, muitos torcedores e torcedoras vão protestar por causa das gravíssimas acusações de estupro no passado.

A contratação pelo Flamengo do experiente e austero diretor técnico português José Boto foi saudada pelo clube e pela imprensa como a chegada de um craque. Ele, por ser um profissional e não um diretor escolhido pelos amigos do clube, como é frequente no Brasil, poderá contribuir bastante para a evolução do nosso futebol, impregnado pelo jeitinho brasileiro, pelas trocas de favores, pela adulação e pelos privilégios.

DOM. Tostão, Juca Kfouri SEG. Juca Kfouri
TER. Sandro Macedo QUA. Tostão QUI. Juca Kfouri
SEX. No Corre/O Mundo é uma Bola SAB. Marina Izidro

O que esperar para 2025

Colunistas da Folha compartilham expectativas sobre acontecimentos do Brasil e do mundo para este ano



Thiago Amparo
Minha previsão é que em 2025 a polícia brasileira, parafraseando a escritora Conceição Evaristo, vai combinar de nos matar e a gente vai continuar a combinar de não morrer.

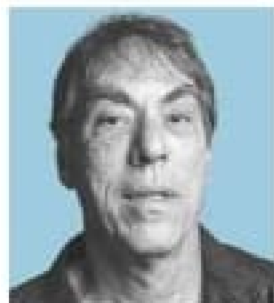


Fábio Zanini
O ano novo é 2025, mas pode chamar de "2026 menos 1". Tudo estará direcionado para uma campanha presidencial em que deve imperar a incerteza. Lula terá saúde (e popularidade) para disputar? Tarcísio de Freitas ficará mesmo restrito ao governo de São Paulo?

Na Justiça, será um ano de alta dramaticidade, com a denúncia contra Bolsonaro e aliados e provavelmente o julgamento no STF. São grandes as chances de o ex-presidente passar o próximo Natal na prisão.

Na Câmara a temperatura tende a baixar, com a troca do mercurial Arthur Lira pelo polido Hugo Motta. No Senado, o professoral Rodrigo Pacheco sai e chega Davi Alcolumbre, centrão raiz.

Mas o cabo de guerra com o Executivo por causa das emendas seguirá inabalável. Aqui sem chance de errarmos.



Demétrio Magnoli
1) O futuro é ainda mais incerto que o passado; 2) Trump usará tarifas como sanções geopolíticas, em nome do seu America First, provocando oscilações na economia global. O Brasil, que insiste em não buscar o equilíbrio fiscal, não se preparou para as tempestades; 3) face à impotência dos europeus, a Casa Branca imporá uma paz cartaginesa à Ucrânia; 4) Netanyahu vencerá sua guerra —e Israel perderá seu bem mais precioso, que é a legitimidade histórica; 5) nos EUA e aqui, os partidos desistirão do falido discurso identitário, que continuará a ecoar, como voz de um cadáver, nas universidades e na imprensa.



Solange Srour
Com o aumento substancial do prêmio de risco nos ativos domésticos, como a taxa de câmbio, as taxas de juros altas em todos os prazos e o valor das ações, os efeitos não devem demorar: uma queda acentuada no dinamismo da atividade econômica e uma alta expressiva da inflação são prováveis. Sem um ajuste fiscal mais sólido, 2025 será marcado por dificuldades. O senso de urgência no início do ano é indispensável.



Vinicius Torres Freire
O Brasil decide se terá candidatos a presidente para um novo ciclo político ou se ainda ficará na República fundada em 1985 e afundada desde 2013. Os EUA decidem se jogam o mundo em crise econômica, política e militar como a dos anos 1920 e 1930 ou se reduzem Donald Trump à irrelevância que ele merece. Não falaremos de escolas de crianças pobres ou de SUS. Como previsto em 2023.



Lúcia Guimarães
A eleição de 2024 jogou não só os EUA, mas também seus aliados e adversários, num caminho de incerteza com potenciais erupções de instabilidade global. O gabinete de Trump, com exceção do secretário do Tesouro, é uma trupe de despreparados. A partir de janeiro, eles devem mostrar seu ímpeto desmontar estruturas de governo. E o poder de Elon Musk vai definir a Presidência Trump, se o próprio patriarca não se cansar.



Sylvia Colombo
Os primeiros agitos sociais e eventuais embates violentos vão ocorrer nos Andes, já no início do ano.

O mão-de-ferro Daniel Noboa, até aqui presidente tampão do Equador (eleição em fevereiro), precisa reafirmar-se num país dominado pelo crime organizado. Também nas alturas dos Andes, Evo Morales, se continuar irresponsável, pode meter seu povo em um enfrentamento fratricida antes mesmo da eleição (agosto).

Na Argentina, Milei vai às legislativas com sede de apoio para seus projetos mais ambiciosos, como a dolarização, mas esticando até onde pode a popularidade.



Marcelo Leite
A crise do clima seguirá sem solução em 2025. Secas, enchentes, deslizamentos, incêndios e ondas de calor voltarão a se repetir sem que governos nacionais consigam obter consenso sobre quem vai pagar os trilhões necessários para evitar o pior. Em outras palavras, a COP30 em Belém será um novo fracasso.



Antonio Prata
Espero que o sucesso de "Ainda Estou Aqui" faça o audiovisual brasileiro sair do atoleiro em que patinou nos últimos anos. O governo passado tentou assassinar as artes por asfixia e o governo atual tenta revitalizá-la com remédios tão bem intencionados quanto equivocados. (Longe de mim querer equiparar os dois presidentes. Tentativa de assassinato é muito mais grave do que erro médico. É que aqui, no caso, eu tô mais preocupado é com a sobrevivência do paciente).



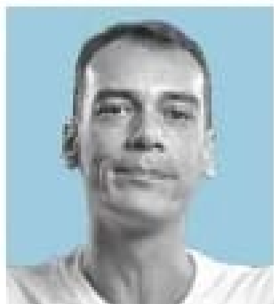
Gabriel Vaquer
Na TV, o ano deve ser melhor do que aquele que passou. "Vale Tudo", o remake, deve pegar pela curiosidade e pelo fator 60 anos da Globo. Imagino um SBT mais inconstante do que nunca. No mundo esporte, tenho certeza que o torcedor vai se confundir em como ver seu time na TV. Ah, e claro: prevejo um Brasil ainda de péssimo humor. E sem um programa decente para fazer rir na TV.



Flávia Boggio
Com o aquecimento global, a Terra vai registrar temperaturas ainda mais altas em 2025. Além de todas as tragédias climáticas, alguns utensílios e hábitos ficarão obsoletos. O aparelho de fondue, por exemplo, que já ficava no fundo do armário nas três estações, será aposentado para sempre.



Mirian Goldenberg
Será o ano da "Revolução da Bela Velhice". Mulheres e homens de todas as idades estarão juntos na luta pelo respeito à autonomia, saúde e felicidade dos mais velhos. Em vez de brigar com o passar dos anos, de sentir medo e vergonha de envelhecer, iremos enxergar a beleza da nossa velhice perfeitamente imperfeita. Viva a "libertação grisalha"!

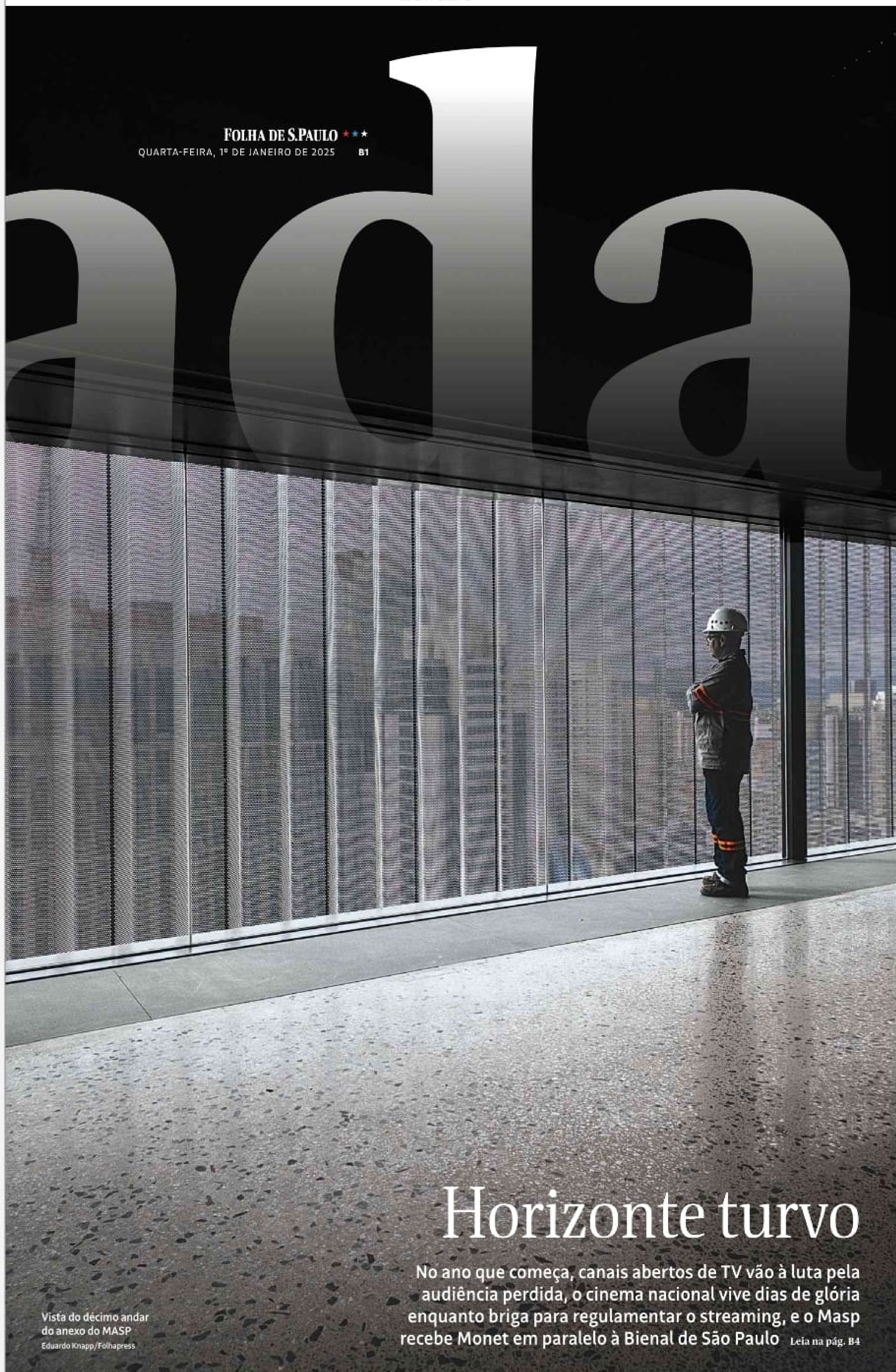


Bruno Gualano
Prevejo novas dietas da moda, treinos da moda, suplementos da moda. Também mais chips da beleza, lifting facial, lifting de seios, lifting de bumbum, lifting do corpo todo, lipoaspiração e cirurgias íntimas (meu palpite de best-seller para 2025). Esses produtos se provarão uma bobagem diante da ciência e do bom senso. E, ao final deste novo ciclo, você precisará perder só mais dois quilinhos.



Isabelle Moreira Lima
Vamos olhar com mais atenção para os vinhos brasileiros, assim como para os de pequeno produtor e os de regiões antes inexistentes (aquecimento global bombando). Devemos beber menos, mas torço para que bebamos melhor. O grande vilão será o preço.

Eufrázio



FOLHA DE S.PAULO
QUARTA-FEIRA, 1º DE JANEIRO DE 2025 B1

ada

Horizonte turvo

No ano que começa, canais abertos de TV vão à luta pela audiência perdida, o cinema nacional vive dias de glória enquanto briga para regulamentar o streaming, e o Masp recebe Monet em paralelo à Bienal de São Paulo Leia na pág. B4

Vista do décimo andar do anexo do MASP
Eduardo Knapp/Folhapress

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br


Dimitri Peskov Alexandr Slabodin


Fernando Haddad Marlene Bergamo/Folhapress


Guilherme Boulos Marlene Bergamo/Folhapress

“

Se uma potência nuclear ajudar outro país a atacar o nosso território, isso pode ser razão para o uso das armas nucleares

Dmitri Peskov,
diplomata e porta-voz do presidente russo Vladimir Putin, recebeu a coluna em seu gabinete em Moscou (30.nov.2024)

“

Não tem para quem dar a batata quente. Então temos que resolver

Fernando Haddad,
ministro da Fazenda, ao comentar sobre o ajuste fiscal do governo Lula (14.out.2024)

“

Se esquerda virar centro será um suicídio histórico

Guilherme Boulos,
deputado federal pelo PSOL, em entrevista depois da derrota nas eleições municipais de São Paulo (4.nov.2024)

Grandes guerras

O ano de 2024 foi marcado por acirradas disputas municipais que geraram rachas na esquerda e no bolsonarismo, por desafios fiscais do governo Lula, pela luta por medalhas em Paris e por conflitos mundiais. Personagens centrais falaram à coluna


Silas Malafaia Reprodução

“

Que porcaria de líder é esse?

Silas Malafaia,
pastor, criticando o comportamento de Jair Bolsonaro (PL) ao não apoiar aliados nas eleições municipais de 2024 (8.out.2024)

“

Investi tudo num sonho

Humberto Campana,
designer, fala sobre a inauguração do Parque Campana, em Brotas (2.nov.2024)

“

O [futebol do] Brasil está numa decadência

Raí,
ex-jogador de futebol, em entrevista à coluna em Paris (11.ago.2024)

“

A verdade sempre aparece

Patrícia Poeta,
apresentadora, após polêmicas com Manoel Soares (22.jun.2024)

“

Só hétero, cis e branco reclama da maior diversidade na TV

Fabrício Boliveira,
ator, reage às falas de Thiago Fragoso sobre uma suposta falta de espaço para homens brancos em novelas (19.out.2024)

“

Egos ditam hoje o caminho do SBT

Luciano Callegari,
executivo e ex-manda-chuva do SBT, sobre os rumos da emissora após a morte de Silvio Santos (31.ago.2024)


Raí Mathilde Missioneiro/Folhapress


Patrícia Poeta Eduardo Knapp/Folhapress

“

O funk trouxe liberdade, e pessoas periféricas ficaram milionárias

Ice Blue,
integrante do Racionais MC's, depois de assumir vice-presidência da produtora de funk GR6 (29.jun.2024)

“

Descobriram agora que o negro é capaz, talentoso e bonito

Djavan,
cantor e compositor (1º.jun.2024)

“

Não me sentia dentro do padrão da sociedade. A partir do momento em que eu aprendi a me amar, isso virou uma chavinha

Beatriz Souza,
judoca, falou à coluna após garantir a primeira medalha de ouro ao Brasil nos Jogos Olímpicos (4.ago.2024)

“

Desta vez é para sempre, está bom demais

Marcos Caruso,
ator, sobre sua união com o técnico de enfermagem Marcos Paiva (9.mar.2024)

Preço do livro e fuga de leitores marcam o início de 2025 para o mercado editorial

Setor lida com problema do desinteresse do público enquanto facilita acesso a livrarias e veta os descontos maiores aos lançamentos



Obra 'Fluxus', de Jukhee Kwon Artsy/Reprodução

Maurício Meireles

SÃO PAULO Não tem jeito. O ano de 2025, para o mercado editorial, precisa ser um ano de busca de soluções —após anos de sucessivas crises, que resultaram em números catastróficos para o setor.

Para refrescar a memória, o Brasil perdeu, segundo a pesquisa Retratos da Leitura, quase 7 milhões de leitores nos últimos cinco anos; e o faturamento das editoras, mostraram dados da Nielsen, teve uma queda real de 43% desde 2006. Não é pouco.

Com o ano que começa, se encerra uma década marcada por grandes obstáculos —uma crise econômica, a redução de compras governamentais e a derrocada das livrarias Cultura e Saraiva, entre outros abacaxis cascudos.

Há ainda uma crise maior, não só do Brasil. Na competição com novas formas de entretenimento, o livro costuma levar a pior.

Soluções são complexas e envolvem muitas frentes. Uma das principais em que o mercado editorial aposta é a implantação da lei do preço fixo do livro no Brasil, a Lei Cortez, que tramita no Congresso e tem aprovação incerta, apesar do apoio do governo.

Normas do tipo existem desde o século 19 na Europa e, hoje, estão em vigor em alguns dos maiores mercados leitores do mundo. Essas leis proíbem que as livrarias deem descontos grandes em títulos por determinado período depois do lançamento. No Brasil, esse desconto máximo seria de 10%, por até um ano.

A polêmica sobre os descontos antecede a chegada da Amazon ao Brasil, mas se acirra com o rápido crescimento da empresa no comércio de livros do país.

Os defensores da lei afirmam que descontos como os da empresa americana, no fim das contas, deixam os livros mais caros.

"Quando uma varejista generalista força editores a darem mais desconto, ele obriga as editoras a subirem o preço de capa. Com isso, sobe o preço para a livraria", diz Diego Drummond, vice-presidente da Câmara Brasileira do Livro, a CBL, e sócio da Faro Editorial. "A conta que faço é que vai dar para diminuir o preço se a lei passar."

O que pode ser um problema para muitas editoras é que, na prática, o preço do livro já caiu 36,4% em termos reais desde 2006. E o desafio, na última década, tem sido fazer os valores de capa pelo menos acompanharem a inflação —sem, com isso, espantar os leitores. Como diminuir o preço nesse contexto?

A CBL e a ANL, a Associação Nacional de Livrarias, por exemplo, se amparam em estudos como um publicado no Journal of Competition Law & Economics, mostrando que países com lei do preço fixo tiveram vendas mais altas, sem efeito no preço —ou com crescimento de preço menor do que em nações sem regras.

Mas o Brasil seria um caso inédito. Lá fora, os países que limitam descontos nos livros têm em vigor leis criadas antes da existência da Amazon, e ainda têm um mercado leitor mais robusto.

Além disso, há outro ponto para o mercado discutir na área em 2025 —a Lei Cortez limita descontos em lançamentos, mas estes vêm perdendo espaço ao longo dos anos entre os mais vendidos.

A Nielsen mostrou que, em 2023, os lançamentos foram responsáveis por 15% do faturamento das editoras. No passado, esses títulos já foram quase um terço do total. Nesse cenário, que diferença faria proibir descontos?

"Os lançamentos vão ficando cada vez menos importantes porque as pessoas estão deixando de comprar nas livrarias e, por isso, não descobrem o que é lançado", diz o livreiro e editor Alexandre Martins Fontes, presidente da ANL, defendendo que a lei poderia reverter esse fenômeno.

Na pesquisa Panorama do Consumo de Livros, realizada pela Nielsen Bookdata, 60,3% dos entrevistados que fizeram compras online elencaram o preço como principal motivo para escolher aquele canal de vendas —e 64% compraram com desconto.

Quanto o livro custa também é importante para quem comprou em pontos físicos. Segundo a pesquisa, 22,3% elencam o preço como principal motivo para escolher o lugar onde fizeram sua última compra e 43% aproveitaram um desconto —embora 41% tenham adquirido títulos com preço cheio.

Mas o preço não é o único problema a ser equacionado, inclusive na formação de novos leitores. Só 5% deles o mencionam como motivo para não ter lido mais livros no ano, segundo a Retratos da Leitura —a principal razão é a falta de tempo, de acordo com 46%.

Já entre os que não leem, só 1% afirma que o motivo é o fato de o livro ser caro. Nos primeiros lugares, surgem a falta de tempo, para 33%, não gostar de ler, para 32%, e a falta de paciência —13%.

"O preço aparece lá embaixo entre as dificuldades para leitura", afirma Zoara Failla, coordenadora do levantamento. "Na pesquisa do mercado [a Panorama do Consumo de Livros], o preço aparece em primeiro, mas esse é aquele consumidor de livro, para quem o preço passa a ser importante."

O que os dados indicam como desafio para 2025 e os anos seguintes é uma base leitora —e consumidora— baixa. A Nielsen mostrou que, no ano passado, só 16% da população brasileira com mais de 18 anos tinha comprado um livro. É pouco, mas também indica uma demanda reprimida.

"Existem duas possibilidades para o mercado —trabalhar com esses 16% de consumidores ou pensar em estratégias para ampliar essa base", diz Mariana Bueno, coordenadora de pesquisa econômica da Nielsen. "No curto prazo, alcançando pessoas que têm capacidade leitora e não consomem. No longo, a ampliação depende de políticas públicas."

O percentual de leitores é bem distribuído pelo Brasil. Mas no Norte e no Nordeste está concentrado o maior percentual de pessoas que dizem não ter acesso a pontos de venda —33% e 32%.

Além disso, se a maioria —55%— prefere comprar na internet, ainda é grande o número —40%— dos que preferem fazer sua escolha passeando por estantes físicas.

Não será tarefa simples resolver o imbróglio do setor livreiro. Não faltará trabalho em 2025.

Eufrázio

ilustrada



A cantora Lady Gaga, que pode se apresentar no Rio de Janeiro, na praia de Copacabana, em 2025

Cultura em 2025 terá renovação na TV, remakes no cinema e brigas na política

Canais abertos buscam recuperar audiência, regulamentação de serviços de streaming se arrasta, Lady Gaga e Gilberto Gil fazem shows e Bienal de São Paulo coroa calendário

Davi Krasilchik e Lara Paiva

SÃO PAULO Embora os últimos 12 meses tenham consolidado a retomada de alguns setores, o ano de 2025 começa à sombra de atritos entre o governo e a cultura e deve por à prova uma série de tentativas de renovação na área.

Na televisão brasileira, emissoras tiveram de se remanejar diante de perdas notáveis. O SBT se prepara para o seu primeiro ano sem Silvio Santos, morto em agosto. Diante das câmeras, Patrícia Abravanel deve garantir um protagonismo maior no canal, enquanto sua irmã Daniela Beyruti continua a presidência que assumiu após a morte de seu pai.

A executiva deve viver uma prova de fogo depois de demitir Raul Gil, um dos apresentadores mais populares do país, e dar um programa a Virginia Fonseca, influenciadora digital que nunca havia comandado um palco de TV.

As ações de Beyruti sintetizam um SBT em drástica mudança. O canal ainda perdeu em 2024 um dos seus maiores nomes, a apresentadora Eliana, que foi para a Globo. O novo ano deve ser decisivo para ela, que até agora fez pouco na casa nova, tendo apresentado um programa de vendas da Black Friday e um capitulo de Natal do reality The Masked Singer.

A líder Globo também vai viver um teste com seu próximo BBB, o primeiro sem o comando de Boninho —que assinou com o SBT, conforme dizem nos bastidores.

Outra provação será o remake da novela "Vale Tudo", que terá a tarefa complicada de agradar aos fãs saudosistas e superar a desastrosa audiência de "Mania de Você, que desapontou público e emissora.

Enquanto isso, o ano pode ter mais capítulos do imbróglio vivido pela TV Cultura, que viu cortes de orçamento impostos pelo governo de Tarcísio de Freitas, do Republicanos, sobre a sua gestora, a Fundação Padre Anchieta.

No streaming, as apostas são mais seguras. A Netflix, por exemplo, deve voltar com "Wandinha" e a temporada final de "Stranger Things", série mais esperada de 2025. A HBO, por sua vez, abre o ano com o sucesso "The White Lotus" e segue com uma nova temporada de "The Last of Us".

As ações de Daniela Beyruti à frente do SBT levam a grandes mudanças. A Globo também vai viver um teste com seu próximo BBB, o primeiro sem comando de Boninho. Outra provação será o remake da novela 'Vale Tudo', que terá de agradar aos fãs e superar o grande fracasso de 'Mania de Você'

O cinema deve apostar ainda mais em sequências e remakes ao longo do ano que vem. A Disney fará novos "Branca de Neve", "Lilo & Stitch", "Quarteto Fantástico" e um novo "Capitão América".

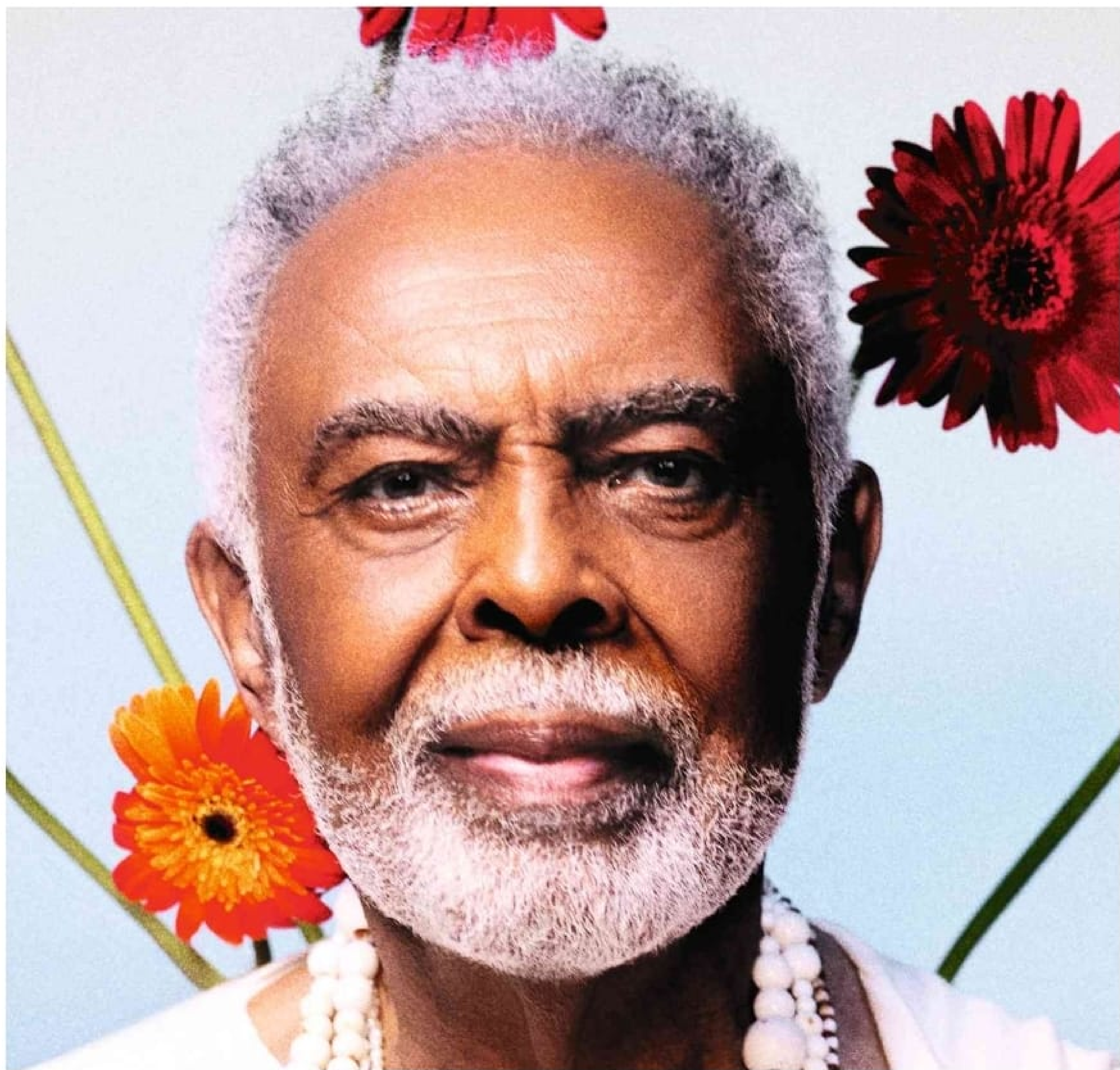
No Brasil, o sucesso de "Ainda Estou Aqui" e o aparente entusiasmo com "O Auto da Compadecida 2" podem recuperar a valorização do público pelo cinema nacional ou provar casos isolados.

O cinema brasileiro também será demarcado por debates. Embora seja a hora de averiguar o desempenho da Cota de Tela, que garante espaço nas salas, o principal será a regulamentação do streaming.

A insatisfação também contempla outras áreas, e a pressão generalizada deve se amplificar sobre o Ministério da Cultura.

Continua na pág. B5

Eufrázio



O cantor Gilberto Gil, que participará da última turnê de sua carreira em 2025 Fotos Divulgação

Continuação da pág. B4

As mudanças na Lei Aldir Blanc, por exemplo, que altera o repasse de um montante fundamental para estados e municípios, mostrarão os verdadeiros efeitos.

Outra celeuma, em São Paulo, vem do fechamento das Oficinas Culturais pela secretaria estadual da Cultura, que afeta linguagens que vão do teatro às artes plásticas.

Esta última área traz a Bienal de São Paulo como destaque, que remete à poesia de Conceição Evaristo com o tema "Nem Todo Viandante Anda Estradas - Da Humanidade como Prática" e reforça a atenção à diversidade.

O camaronês Bonaventure Soh Bejeng Ndikung, diretor da Haus der Kulturen der Welt, em Berlim, na Alemanha, atua como diretor artístico. A edição de 2025 acontece a partir de setembro, e a curadoria se divide entre obras de artistas negros e indígenas e discussões sobre o Oriente Médio e heranças coloniais, por exemplo.

O Masp se destaca pela abertura de seu novo edifício ao público em março, onde estão previstas exposições de acervo. No edifício original, o mesmo mês inaugura uma mostra do pintor impressionista Claude Monet, que segue o ciclo curatorial do museu para 2025, "Histórias da Ecologia".

Adiada pela catástrofe climática do Rio Grande do Sul, a 14ª Bienal do Mercosul acontece em março em Porto Alegre. O carioca Raphael Fonseca lidera a exposição sob o tema "Estalo", que discute a iminência de tragédias.

Na ausência da Bienal de Veneza, que retorna em 2026 sob a curadoria de Koyo Kouoh, primeira africana a liderar a mostra italiana, o calendário ainda traz a Bienal de Arquitetura de São Paulo e sua parente em Veneza, a Bienal de Charjah, nos Emirados Árabes Unidos, e a Bienal de Istambul.

Já na esfera musical, há expectativa para a confirmação de um show da cantora Lady Gaga no Rio de Janeiro, aos moldes do que fez Madonna em Copacabana.

Outros destaques se dividem entre novas edições de festivais como o Lollapalooza, com nomes internacionais como Olivia Rodrigo e Justin Timberlake, e o The Town, com a banda Green Day e a cantora Katy Perry.

Entre os principais artistas, o calendário ainda terá shows de Shakira, que se apresenta no Rio de Janeiro e em São Paulo em fevereiro, e a última turnê do veterano da tropicália Gilberto Gil, que começa em Salvador em março.

Mas o clima também é de pessimismo, e faltam turnês superproduzidas como a de Taylor Swift, finalizada no ano passado. Festivais como o Primavera Sound, que cancelou a edição de 2024, também seguem sem novidades, e os preços dos ingressos devem subir.

Nas artes cênicas, a décima Mostra Internacional de Teatro de São Paulo está prevista para março. Outro destaque é o Teatro Cultura Artística, reaberto em 2024, que deve se manter no centro da música clássica em São Paulo.

No Theatro Municipal de São Paulo, as obras de destaque são a reestreia de "O Guarani", de Carlos Gomes, "Don Giovanni", de Mozart, "Macbeth", de Giuseppe Verdi e a ópera "Les Indes Galantes", de Jean-Philipe Rameau.

As artes plásticas trazem a Bienal de São Paulo como destaque, que tem como curador o camaronês Bonaventure Ndikung e se divide entre obras de artistas negros e índigenas e discussões sobre o Oriente Médio e heranças coloniais

O Masp se destaca pela abertura de seu novo edifício ao público em março, onde estão previstas exposições de acervo. O prédio original recebe no mesmo mês uma mostra de Claude Monet, das mais esperadas do ano

Na Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, o maestro suíço Thierry Fischer dedicará atenção especial a Tchaikóvski. A Osesp ainda destaca regentes mulheres e obras de compositoras feminina, em temporada que busca maior diversidade sonora.

O mercado editorial, por sua vez, promete uma agenda movimentada. A definição do Rio de Janeiro enquanto capital mundial do livro em 2025, pela Unesco, deve dar mais fôlego à Bienal do Livro, prevista na cidade para junho. O evento deve conflitar com a Feira do Livro, que acontece nessa mesma época em São Paulo

Entre outras tendências, a "cozy literature", com títulos aconchegantes, e a "romantasia", que incorpora elementos de fantasia aos romances do público jovem, devem permanecer entre os mais vendidos. Ainda se destacam o primeiro livro em uma década de Chimamanda Adichie, "A Contagem dos Sonhos", e o novo romance da vencedora do Nobel de Literatura em 2024, Han Kang.

Artista reflete sobre a origem da vida ao pintar os diversos horários do dia

Antonio Ballester Moreno, espanhol que participou da 33ª Bienal de São Paulo, cria cenários sintéticos com cores vívidas e enfatiza a beleza comum da natureza

Obra 'Azul Rosa', do artista Antonio Ballester Moreno, exposta na galeria Gomide&Co, em São Paulo Divulgação

Lara Paiva

SÃO PAULO Em mais de mil colagens, o artista espanhol Antonio Ballester Moreno experimenta formas e cores para retratar a natureza. As tonalidades vibrantes, por vezes fantasiosas, criam paisagens de um mundo simples, regido pelos contrastes entre claro e escuro, mar e céu, noite e dia.

Depois de dois meses dedicado a esse trabalho, recluso numa propriedade no interior da Espanha, Ballester Moreno voltou a seu ateliê em Madri e traduziu essas ideias em 13 telas de acrílica sobre juta, uma fibra têxtil vegetal, todas em grande formato.

A superfície lisa e plana das cores, então, contrasta com a qualidade rústica do material em que ele pinta. A série está na mostra "Água (Verde)", em cartaz na galeria Gomide&Co, em São Paulo.

"O nome se refere ao momento em que algas se desenvolvem em água perene, a primeira vida na vida na terra", afirma o artista. "Essa equação é poderosa, um momento simples da evolução só com água e luz, mas que origina tudo. O azul é a água, o amarelo, a luz. Quando se misturam os dois surge o verde, que é a vida."

Ballester Moreno explora a natureza comum a todos. Sobre um fundo branco, "Amarillo" apresenta um sol canário, por exemplo. Cinco de suas obras são nomeadas de acordo com horários do dia, como "Verde 7h" ou "Azul Verde Negro 8h", e as paisagens suscitam sensações com sua candura.

"Vemos isso na Espanha, em São Paulo ou até no Alasca", afirma o artista, que defende uma arte democrática. "Não estou interessado em arte se for só pela elite ou para um punhado de gente. Busco diferentes níveis de compreensão. Se eu estiver com uma criança e ela compreender meu trabalho, me sinto ótimo", diz.

Esse interesse também pautou sua estreia no Brasil, em 2018, quando foi convidado para ser um dos artistas e curadores da 33ª Bienal de São Paulo. Com o tema "Afinidades Afetivas", sob comando geral do também espanhol Gabriel Pérez-Barreiro, Ballester Moreno organizou um universo artístico baseado na cultura e na biologia.

Uma das obras expostas, "Vivan los Campos Libres" era uma instalação composta por pinturas. Em seu núcleo estavam inúmeros cogumelos de barro, plantados um ao lado do outro no espaço do prédio da Bienal de São Paulo, com as amplas janelas emoludrando a natureza do parque Ibirapuera.

Os cogumelos, feitos em oficinas com alunos de escola e funcionários da Fundação Bienal de São Paulo, carregam uma metáfora da existência humana. Por serem feitos à mão, nenhum é idêntico ao outro, e todos trazem consigo a marca única de quem os moldou.

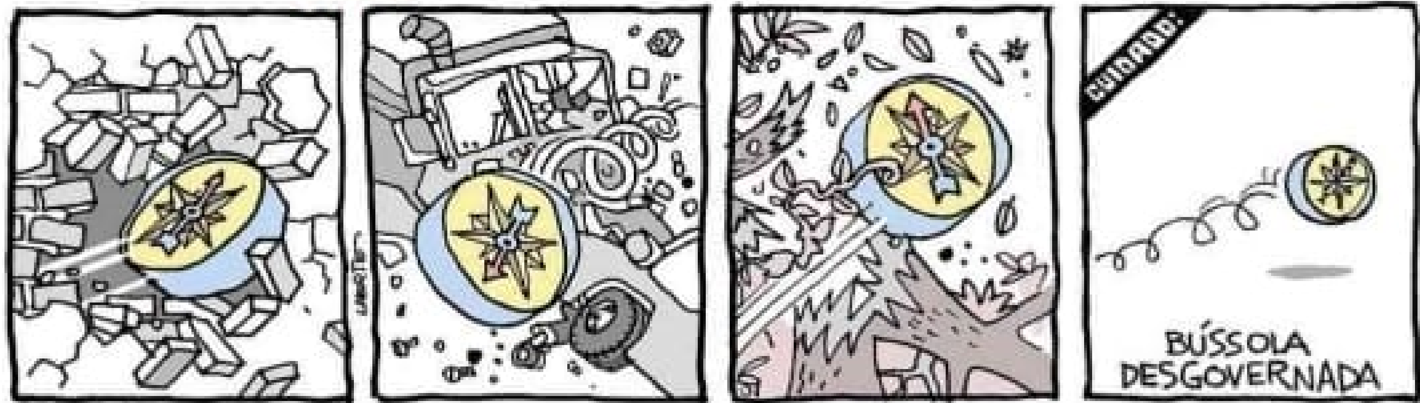
"Na Bienal, meu trabalho foi mais analítico. Agora tento ser mais sintético", diz o artista. "Naquela época eu comecei a trabalhar com [o mote das] paisagens, e continuei desenvolvendo até hoje."

Antonio Ballester Moreno

ONDE Gomide&Co - av. Paulista, 2.644, São Paulo. **QUANDO** De seg. a sex., das 10h às 19h; sáb., das 11h às 17h. Até 1º de fevereiro. **CLASSIFICAÇÃO** Livre. **PREÇO** Grátis

QUADRINHOS

Piratas do Tietê Laerte



Bicudinho Caco Galhardo



Níquel Náusea Fernando Gonsales



Não Há Nada Acontecendo André Dahmer



Viver Dói Fabiane Langona



Péssimas Influências Estela May



Vida Besta Galvão Bertazzi



SUDOKU texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

		4			5			8
8			9	4				
9		1		7				
	1					4	5	
4								9
	2	5					1	
				9		5		2
				2	4			6
7			5			3		

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

2	7	4	1	3	5	9	6	8
8	5	6	9	4	2	7	3	1
9	3	1	8	7	6	2	4	5
6	1	9	2	8	7	4	5	3
4	8	7	3	5	1	6	2	9
3	2	5	4	6	9	8	1	7
1	4	8	6	9	3	5	7	2
5	9	3	7	2	4	1	8	6
7	6	2	5	1	8	3	9	4

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. A letra que sucede o i / Interjeição que indica algo que se acha espacialmente mais perto de quem fala **2.** Modificar **3.** Função, papel / Cabo de reboque **4.** O continente com Nauru e Vanuatu **5.** Unidade funcional mais elementar do rim / A UF de Anápolis e Caldas Novas **6.** Estação de Tratamento de Água / Jogar **7.** A última nota da escala musical / (O Gato de) História infantil **8.** Falecido no primeiro mês de vida **9.** A capital europeia onde se fala o espanhol / Sigla do principal órgão do esporte nacional **10.** Fertilizado **11.** Abertura inicial do tubo digestivo dos animais / Um fruto da caatinga **12.** Período que principia com um fato marcante / São dois na bicicleta **13.** Muito curvo.

VERTICAIS

1. Relativo ao "império do Sol nascente" / Famosa marca de biscoitos **2.** (Ind. gráf.) Operário que trabalha no alisamento do papel **3.** Trabalho / Ensinar os preceitos de urbanidade e cortesia a **4.** Mesa sagrada para a celebração da missa / (Quincas) Romance de Machado de Assis **5.** Intervenção cirúrgica de ressecção de um ou mais tendões musculares / (Quím.) Platina **6.** Índice de Eficiência / Que se tem por natureza / O animal de estimação de Fred Flintstone **7.** Senhorita / Roer (madeira) **8.** Suprema divindade chinesa / Usado / O que transforma triar em tributar **9.** Aquele que toma a palavra em público / Não agudo.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1					■				
2		■							
3						■			
4								■	
5							■		
6				■					
7			■						■
8	■								
9						■			
10								■	
11					■				
12				■					
13		■							

HORIZONTAIS: 1. Jota, Isto, **2.** Alterar, **3.** Parte, Toa, **4.** Oceania, **5.** Néfron, GO, **6.** ETA, Tacar, **7.** Si, Botas, **8.** Neomorto, **9.** Madri, COB, **10.** Adubado, **11.** Boca, Imbu, **12.** Era, Pneus, **13.** Retorto. **VERTICAIS: 1.** Japonês, Mabel, **2.** Acetinador, **3.** Tarefa, Educar, **4.** Altar, Borba, **5.** Tenotomia, Pt, **6.** IE, Inato, Dino, **7.** Srta, Carcomer, **8.** Tao, Gasto, But, **9.** Orador, Obtuso.

Evangelizar ou pregar para convertidos?

Lula ignora que o debate público é uma guerra de guerrilhas, disputada a todo momento

Wilson Gomes

Professor titular da Universidade Federal da Bahia e autor de 'Crônica de uma Tragédia Anunciada'

Dentre as razões alegadas por Lula para mudar a comunicação governamental está a convicção de que, sendo o maior comunicador do seu partido, caberia a ele falar mais sobre as ações do governo, participar de programas e conversar com jornalistas em entrevistas coletivas.

Não serei eu a subestimar o impacto de entrevistas, falas e citações de Lula na imprensa e na mídia em geral. Assim como nunca subestimei o corpo a corpo de Bolsonaro no "cercadinho do Alvorada", as lives das quintas-feiras, sua presença digital ou participações em podcasts, que pautaram o jornalismo e os "trending topics" da conversa social.

Mas o fato é que Lula e boa parte da esquerda operam com um modelo de comunicação centrado no jornalismo e nos meios de massa, predominante no século 20, mas que foi transformado (e transtornado) pela fragmentação e "balcanização" digital da política. Isso complica ainda mais o papel de Lula na estratégia de comunicação do governo, considerando que o debate público hoje é uma guerra de guerrilhas, disputada trincheira a trincheira, o tempo todo.

Fazer comunicação governamental em tais circunstâncias exige atenção a questões que este governo parece ignorar. Atrevo-me a sintetizar isso em algumas regrinhas simples.

Entenda o público a quem se dirige. Não julgue, entenda. Na convulsão política de hoje, a sociedade está dividida em públicos singulares e diversos. Os interesses de uns podem ser inconciliáveis com os de outros, mas negligenciar um segmento — como os petistas fazem com "o mercado", "a elite", o agro ou os conservadores— é abrir campo para o adversário. Apostar tudo em um único público, como os pobres (Lula) ou os identitários progressistas (Janja), é um risco enorme em uma sociedade partida. Negligenciados viram ressentidos, e ondas de ressentimento decidem eleições.



Ariel Severino

Entenda o público a quem se dirige. Não julgue, entenda. Na convulsão política de hoje, a sociedade está dividida em públicos singulares e diversos. Os interesses de uns podem ser inconciliáveis com os de outros, mas negligenciar um segmento é abrir campo para o adversário

Produza mensagens ajustadas a cada público. Poucas e coerentes. O que se diz à base petista não se diz à Faria Lima, e insistir na retórica identitária esperando que o cristão conservador a aceite é ingenuidade. Uma vez definido o que se quer comunicar, vem a fase da disseminação, que no mundo digital exige repetição, coerência e sensibilidade aos contextos.

Coerência é fundamental. Discursos contraditórios ou dispersos serão explorados pelos adversários e confundem os públicos. Não pode haver uma estratégia para a Secom e outra para cada ministério, muito menos Lula e Janja falando o que lhes vem à cabeça, gerando barulho e obrigando a comunicação oficial a gastar energia explicando bobagens e mitigando estragos.

Escolha entre confirmar os crentes ou evangelizar os descrentes. Bolsonaro apostou em radicalizar sua base e confiou que o antipetismo faria o resto. Quase deu certo. Lula parece adotar estratégia semelhante, enfocando sua "opção preferencial pelos pobres". O identitarismo de Janja traduz isso como "opção preferencial pelas vítimas", enquanto, na visão de Gleisi Hoffmann, é mais uma "aversão preferencial pelo capitalismo e pelo imperialismo". De todo modo, trata-se de uma pregação para os mais fervorosos entre os convertidos.

Olhe para fora da bolha. Petistas, lulistas, funcionários públicos e identitários de esquerda não irão a lugar algum —sabem que, sem Lula, suas chances políticas são nulas. Por outro lado, os donos do dinheiro, o agronegócio, os conservadores religiosos, os empreendedores e "os que se viram" não são alcançados pela retórica da opção preferencial pelos pobres e precisam ser disputados. Além disso, há os brasileiros independentes —que não foram marcados pelo bolsonarismo nem são petistas convictos—, de 30% a 40% do eleitorado, e que estão para jogo.

Se a aposta for na coerência ideológica, na afirmação da própria superioridade moral e na pregação para convertidos, a comunicação do PT deve continuar falando para os identitários do Leblon e os anticapitalistas de Gleisi Hoffmann. Bolsonaro trilhou esse mesmo caminho. Até a aposta moral é a mesma: se houver justiça neste mundo, merecemos ganhar. Falhou, mas vai ver que funciona desta vez.

No fim, é tudo uma questão de prioridades. Ou Lula convence a sociedade de que governa para todos —inclusive para aqueles que a esquerda tradicional e os identitários progressistas detestam— ou terá trabalho no próximo campeonato eleitoral. A convicção de que merece ganhar já está em uso. E se não vencer? Bem, será culpa do mercado financeiro, das fake news, dos pobres de direita, de quem normalizou a extrema direita ou, enfim, da comunicação, que não soube divulgar os feitos do governo.

SEG. Luiz Felipe Pondé TER. João Pereira Coutinho QUA. Wilson Gomes QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres SEX. Djamila Ribeiro SAB. Mario Sergio Conti

MULTITELA

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com

Documentário sobre vida de um viajante do tempo tem sua estreia na Netflix

O Homem que Quer Viver Para Sempre

Netflix, 12 anos

Bryan Johnson é um homem determinado a desafiar o tempo. Para tanto, ele adquiriu práticas controversas, como os 54 suplementos que toma por dia, e tem uma rotina de bem-estar cheia de sacrifícios. O documentário "O Homem que Quer Viver Para Sempre" revela as consequências da incansável busca pela juventude eterna que impacta não só sua vida, mas também as pessoas que estão ao redor.

A Hora do Silêncio

Prime Video, 16 anos

Joel Kinnaman vive o detetive Frank Shaw, que perde a audição num acidente. Ele pensa em deixar a polícia, mas seu parceiro Doug o convence a ficar e Frank vira intérprete de linguagem de sinais, com a tarefa de proteger Ava, surda que testemunha um assassinato.





A História de French Montana

Paramount+, 14 anos

A inspiradora história do rapper marroquino French Montana, que se mudou aos 13 anos para o bairro do Bronx, em Nova York, sem falar inglês e, aos 17, já estava em busca de uma carreira na indústria musical para conquistar o sucesso com as suas próprias mãos

Charlie em Ação

Adenalina Pura, 16 anos

Neste thriller de Phillip Noyce, o assassino profissional Charlie Swift está em busca de vingança depois que o chefão que ele considerava como um pai é brutalmente assassinado. Charlie, papel de Pierce Brosnan, enfrenta o submundo do crime com apoio de Marcie, viúva de uma das vítimas, vivida por Morena Baccarin.

Que Falta Você Me Faz

Netflix, 16 anos

Minissérie britânica sobre uma investigadora, Kat Donovan, que era noiva do grande amor de sua vida —até o dia em que ele desapareceu. Onze anos depois, conferindo perfis em um aplicativo de namoro, ela vê o rosto dele e, investigando o que aconteceu, resolve o assassinato do própio pai.

Viagem + Vinho

Modo Viagem, a partir de 19h48, 12 anos

Três episódios exploram o enoturismo de Marrocos, Chile e Espanha. No primeiro, a apresentadora Camila Guebur viaja a Maknès; no segundo, vai até Pucón, aos pés do vulcão Villarrica; e, por fim, visita a Bodega Marqués de Riscal, localizada em Bilbao.

Jurassic World: Domínio

TV Globo, 22h25, 12 anos

Quatro anos depois da destruição da ilha Nublar, os dinossauros vivem e caçam ao lado de seres humanos. Esse frágil equilíbrio vai determinar, de uma vez por todas, se os humanos são os predadores dominantes, agora que vivem ao lado das criaturas mais temíveis da história. No elenco do filme, estão os atores Chris Pratt, Bryce Dallas Howard e Laura Dern.

CINEMA

'Ainda Estou Aqui' e 'O Auto da Compadecida 2' levam milhões aos cinemas em todo o país

SÃO PAULO "O Auto da Compadecida 2" superou 1 milhão de espectadores desde o seu lançamento há uma semana e se tornou a maior estreia nacional nos cinemas do ano passado.

A continuação das histórias de João Grilo e Chicó, eternizados por Matheus Nachtergaele e Selton Mello, também obteve a maior bilheteria de lançamento de um filme nacional desde o início da pandemia de coronavírus. Enquanto isso, "Ainda Estou Aqui", com Selton Mello e Fernanda Torres e dirigido por Walter Salles, continua escalando bilheterias Brasil afora. O filme, aposta brasileira para o Oscar, alcançou nesta segunda-feira 3 milhões de espectadores em oito semanas desde a estreia.

FOLHA DE S.PAULO ★★★
QUARTA-FEIRA, 1º DE JANEIRO DE 2025 B9

Hobbies podem aliviar o estresse e melhorar a qualidade de vida em 2025

Atividades que fogem da rotina ajudam no bem-estar geral e a ganhar habilidades



Ilustração Catarina Pignato

Vitória Macedo

SÃO PAULO O trabalho muitas vezes acaba sugando as nossas energias. E mesmo cercados por facilidades como a possibilidade de trabalhar ou pedir um delivery do celular, coisas que supostamente nos trariam mais tempo livre, não temos tempo pra nada. Algumas pessoas, no entanto, começaram a reorganizar o dia a dia e mudar essa perspectiva. Para isso usam os hobbies, que ajudam a desestressar e aproveitar melhor a rotina, dizem.

Um hobby é uma atividade sem pressão por performance ou planejamento, algo que promove regeneração. "É algo que a pessoa faz porque gosta, não por obrigação, nem por ser produtivo. É pelo prazer e satisfação pessoal", explica Rodrigo Huguet, psiquiatra da Rede Mater Dei de Saúde.

"Uma vida focada apenas em trabalho leva ao estresse e ansiedade."

Marco Aurélio Maywald, 27, encontrou esse propósito na fotografia. O fascínio surgiu ao visitar uma exposição de fotos em preto e branco no Sesc anos atrás. Embora interessado, ele não tinha condições de comprar uma câmera digital e ficou anos apenas desejando.

Há cerca de cinco meses, encontrou uma câmera analógica acessível em uma feira de antiguidades e começou a fotografar. O processo inclui buscar filme, tirar fotos, esperar o filme acabar, revelar e aguardar dias pelo resultado, sem a certeza de como as fotos ficaram —o que exige atenção e paciência.

Fotografar contrasta com sua rotina como advogado, em que lida com investigações de corrupção e programas de integridade, marcados pela urgência e pelo uso intensivo de telas. "No meu trabalho, tudo é urgente, tudo é pra ontem. Fotografar me permite pausar a realidade naquele instante."

A fotografia despertou em Marco Aurélio o interesse por outras formas de expressão, como pintura e teatro. "Descobri um lado artístico em mim que eu não conhecia."

Engana-se quem pensa que um hobby precisa ser útil. O importante é reservar um tempo para si, sem a obrigação constante de produzir algo. Dá até pra ser medíocre.

A psicóloga Débora Genezini, coordenadora dos ambulatórios da Oncologia D'Or em São Paulo, diz que as atividades feitas por prazer contrastam com valores atuais, em que uma rotina cheia de afazeres virou sinônimo de competência e sucesso. "Todo excesso, seja para mais ou para menos, é insalubre."

Essa percepção pode causar ansiedade, insônia e desequilíbrio. Áurea Amaral, 50, sentiu isso na rotina atribulada do mercado corporativo, onde lidava com pressão por vendas e metas. "É mentalmente exaustivo."

Continua na pág. B10



O advogado Marco Aurélio Maywald tem a fotografia como seu hobby principal Zanone Fraissat/Folhapress

Hobbies podem aliviar o estresse e melhorar a qualidade de vida em 2025

Continuação da pág. B9

Dois anos atrás, ela teve uma experiência positiva ao fazer uma leitura de tarot e resolveu comprar um baralho para aprender. Hoje, lê as cartas para si mesmo e pessoas próximas.

"Para mulher é sempre mais pesado, porque não é só o trabalho, é toda a carga que a gente carrega. A gente precisa usar uma válvula de escape", diz.

Estudos mostram que ter algum hobby é uma forma de equilibrar a saúde mental diante de uma intensa vida profissional. Um artigo publicado no International Journal of Environmental Research and Public Health mostrou que pessoas que trabalham longas horas semanais e têm hobbies tem mais benefícios na saúde mental em relação àquelas que não têm.

Pesquisa publicada na Nature Medicine, que compilou os resultados de cinco estudos que acompanharam cerca de 93 mil pessoas com 65 anos ou mais, mostrou que pessoas daquela faixa etária com hobbies tinham menos sintomas de depressão e maior satisfação com a vida.

O analista de dados José Carlos Guerra, 37, vê na dança uma fonte de energia. Já tinha gosto pela prática e, em agosto, começou aulas de jazzfunk. Ele considera a prática uma maneira de sair da zona de conforto e aprender algo novo. "Eu me reenergizo."

Trabalhando com dados em uma empresa de sistemas de ensino, percebeu que se concentrar apenas no trabalho torna sua qualidade de vida vulnerável. "Quando o trabalho vai bem, você é o super-homem. Quando o trabalho não vai muito bem, você acaba sendo muito derrubado", diz.

> **Quando o trabalho vai bem, você é o super homem. Quando o trabalho não vai muito bem, você acaba sendo muito derrubado**
>
> **José Carlos Guerra**
> Analista de dados

Andreza Faria, 29, encontra leveza ao colorir livros após plantões hospitalares. Embora sempre tenha gostado de ter hobbies, eles eram voltados para telas, como videogames. "Mas o hobby fora da tela era uma coisa que tava me faltando", conta.

Em 2023, começou a colorir com lápis e, em agosto desse ano, influenciada pelo TikTok, passou a usar marcadores. "Em geral, eu chego muito cansada. Praticamente todo dia trabalho 12 horas. Então é o momento de relaxar a cabeça, esquecer tudo o que você passa no dia." Ela passou a gravar vídeos colorindo e começou a monetizar com as visualizações que recebe.

Esse tipo de atividade também reconecta as pessoas com a criança interior, diz a psicóloga Genezini. "A vida acelerada e tecnológica nos afasta da nossa essência primária da criança. Reconectar-se com ela é saudável, libertador e necessário."

SEM BAGUNÇA

Saiba como organizar a casa para começar o novo ano

Vitória Macedo

SÃO PAULO A bagunça deixada pelas festas de fim de ano pode se tornar um problema. Mas a limpeza, seja para preparar a casa ou arrumar o ambiente para começar o novo ano, não precisa ser motivo de estresse.

"É muito mais lógico fazer uma limpeza básica antes de uma festa e uma mais pesada depois", diz Carolina Ferraz, pesquisadora da USP (Universidade de São Paulo) sobre bagunça e organização nas casas brasileiras.

Além da rotina acelerada, a expectativa estética impulsionada por TV e redes sociais cria uma sensação de desordem. Por isso, a personal organizer Cora Fernandes afirma que para 2025 é hora de se adaptar ao que já se tem. "Você deve focar os detalhes que fazem diferença e lembrar que sempre é tempo de se organizar."

A especialista sugere começar com uma triagem. Reavalie a utilidade de objetos com perguntas como: "Este objeto me ajuda ou atrapalha?" e "Ele ainda tem espaço na minha vida atual?". Em seguida, foque na funcionalidade do espaço. "Se certos pontos da casa estão mais bagunçados do que outros, provavelmente algo não está funcionando bem para você", diz Fernandes. Procure também soluções práticas e personalizadas. Se não gosta de dobrar roupas, por exemplo, pendure-as em cabides.

Ferraz também recomenda envolver a família na organização, além de evitar que objetos desnecessários entrem em casa."-Compramos sem perceber e acabamos soterrados", diz. Por fim, não se culpe pela bagunça nem sacrifique encontros e momentos alegres por uma casa impecável. "Quando morrermos, as pessoas lembrarão das risadas, não da casa limpa", diz Ferraz.

NÃO TEM CABIMENTO

'Faz 10 dias que não te vemos na academia'

A cobrança para fazer um treino é como um lembrete do próprio fracasso

Ana Carolina D. e Joana L.

Joana e Ana Carolina, sob pseudônimos, falam sobre anorexia, bulimia e outros transtornos alimentares e de imagem

"Você não vai acreditar, faz 10 dias que não te vemos. Para atingir os resultados dos seus treinos é preciso persistir."

Abri esse email no meio de dezembro incrédula. É claro, rede de academias, que há dez dias não me via. Estive com cólica, em meio a episódios de ansiedade e letargia. O sono desregulado. Sem apetite. Preciso dizer que fiquei sem energia? Algo acontece no espectro depressivo pelo qual transito neste ano que se acaba. Mas, além disso, impõem-se os prazos, os textos, a casa, o cuidado com aqueles pela qual sou responsável. A vida.

Escrever sobre o impacto que um email pode ter parece até mentira, às vezes. É parte do marketing de qualquer empresa, está "tudo certo" (tento me convencer, pensando que para alguém sem transtorno esse email pode ser outra coisa). Mas para quem lida com um transtorno alimentar, a cobrança para atingir os objetivos de um treino é como um lembrete do fracasso.

Afinal, há dez dias não piso na esteira. E o que é fracasso maior do que não correr atrás do corpo perfeito? Sou uma mulher jovem. Preciso desse corpo. Já estou atrasada. Isso é o que diz parte dos meus pensamentos.

Mas como preciso afastá-los, gasto muito tempo analisando quais tipos de investimento no meu bem-estar farei. Às vezes horas, o que me paralisa. Acaba o dia e eu não fiz nada além de considerar.

Como já contei aqui, quando me sinto muito mal com minha imagem, evito ações compensatórias. É que comer e purgar, comer e restringir, comer e fazer exercícios à exaustão, são sintomas do meu transtorno alimentar. Então passei dez dias lendo, para emprestar ideias de outros personagens. Brincando com os cachorros, para encontrar risadas sinceras dentro de mim. Estudando, para garantir o lembrete de que meu cérebro pode me levar a outros lugares. Dez dias, enfim, desviando o pensamento daquilo que me aprisiona.

> **Fiz outras coisas, mas coloquei o movimento em segundo plano. Me alonguei, caminhei, passeei com os cachorros**

Em alguns momentos fui capturada pelo desejo de contar calorias, evitar alimentos, me comprometer a correr 40 minutos por dia até o fim deste mês (vale dizer que eu nem corro). "Ainda dá tempo de emagrecer", pensei todos os últimos dias desde o fim de outubro. Mas fui conscientemente me permitindo "fracassar" nesse objetivo e suas implicâncias absurdas, optando por lidar, então, com a ideia de ser uma tragédia de décadas.

Fiz outras coisas, mas coloquei o movimento em segundo plano. Me alonguei, caminhei, passeei com os cachorros. Mas não tem novidade: vou ter que pisar em 2025 sem o "corpo do verão".

Para isso foi preciso não me exercitar sob influência dos ímpetos compensatórios, resistir às dietas malucas que o Instagram me ofereceu de bandeja, como quem não quer nada, e também comer os chocolates que meu corpo pediu durante a TPM. Porque não seriam eles os culpados de algum ganho de peso significativo.

Não seria sair deste ano com menos peso que me livraria das ideias de que eu ocupo tanto espaço e ainda assim, sou tão pequena no mundo.

Veja quantas obviedades. Mas, afinal, você não vai acreditar, há décadas tento me convencer. Para atingir o resultado, é preciso persistir.

Identificou algum sintoma ou transtorno apontados nos textos? Procure apoio psicológico. Quer conversar com a gente? Escreva para blognaotemcabimento@gmail.com

QUA. Vida de Alcoólatra, Não tem Cabimento

Metas de ano novo devem ser realistas e planejadas no detalhe para evitar frustrações

Especialistas sugerem evitar planos generalistas, como parar de fumar e emagrecer, pois podem ser vilões para alcançar objetivos

Bárbara Blum

SÃO PAULO Ano novo, vida nova. É comum que a virada de um ano para o outro inclua uma listas de metas. E elas costumam ser variadas: correr uma maratona, perder 10 kg, parar de fumar, aprender um novo idioma. Podem ser grandes ou pequenas. O que elas costumam ter em comum, e que chama a atenção de especialistas, é uma vontade repentina de mudar de hábitos ou comportamentos.

Isso, segundo Pedro Bacchi, psiquiatra no Hospital das Clínicas de São Paulo e responsável pelo Programa de Mulheres Dependentes de Drogas, é algo que precisa ser repensado. "A mudança é gradual", ele diz, e "estabelecer esse tipo de meta pode ser uma armadilha para a sua própria capacidade de mudar".

O que acontece é que, se a meta não é alcançada, vai embora o sentimento que ele chama de autoeficácia, ou seja, a sensação de que uma pessoa é capaz de mudar por vontade própria.



Ilustração Catarina Pignato

Um exemplo são as metas relativas ao emagrecimento. Para Daniela Masson, diretora da Associação Brasileira de Nutrição, estes objetivos costumam frustrar aqueles que não fazem planos realistas. "Sabemos que não existe um milagre que acarrete numa perda de peso rápida", diz.

Segundo a nutricionista, a proposta de mudança de comportamento não pode estar distante da realidade do indivíduo. "Tudo que é muito radical acaba sendo impraticável em um curto período de tempo, levando à desistência."

Metas vagas, como perder peso ou comer melhor, soam para Masson como resultados e consequências, não como objetivos. "Esse tipo de objetivo, normalmente, não faz com que as pessoas o atinjam."

O que deve ser feito, ela diz, é compreender que sem mudança dificilmente será possível atingir uma meta. "Agora, se o novo ano significa mudança de comportamento, isso sim pode ter como consequência a redução de gordura, o ganho de massa muscular e a melhora nos exames bioquímicos."

A ideia de parar de fumar opera numa lógica parecida. Segundo Bacchi, é importante entender que as pessoas têm ambivalências —e mesmo quem diz querer parar de fumar, pode também querer continuar.

"É importante se dar conta também de que existem aspectos positivos naquele comportamento, caso contrário, não o faríamos."

Entender os pontos positivos e negativos de fumar —e os positivos e negativos em parar de fumar— são bons pontos de partida para entender melhor o cenário geral. Outro aspecto crucial no processo de abandonar o cigarro é entender o propósito de vida do fumante —e como parar de fumar, por exemplo, pode ajudar.

Bacchi diz que as motivações para largar o cigarro podem ser desde ter uma pele mais bonita até poder acompanhar o crescimento de um neto. "O importante é encontrar o propósito e alinhá-lo com a mudança desejada."

No processo de parar de fumar, o psiquiatra afirma que o planejamento envolve uma estratégia de redução gradual. Depois da redução, estabelece-se uma data para parar de fumar. "Adesivos de nicotina e medicamentos podem ajudar", diz.

Ele chama a atenção para uma metodologia específica de mudança de hábitos, a Smart (da sigla em inglês para as palavras específico, mensurável, alcançável, relevante e temporizável).

Nesse método, a ideia é que os objetivos correspondam aos pilares da sigla, ou seja, que sejam específicos, alcançáveis, mensuráveis, relevantes e que caibam num cronograma bem definido.

As metas de ano novo, que costumam ser generalistas, com um cronograma vago e difíceis de alcançar, são quase antíteses do método Smart, considerado uma das formas mais eficazes de fazer mudanças no estilo de vida.

Para quem quer mudar a dieta, Masson recomenda a criação de ambientes mais saudáveis, "que permitam melhores escolhas alimentares".

"É muito importante conviver com pessoas que também escolham alimentos de verdade como a base da sua alimentação, pois servem de rede de apoio e incentivo constante", afirma.

Ela recomenda ainda a inclusão de outros hábitos saudáveis na rotina, como atividades físicas, redução no consumo de álcool e higiene do sono. A ideia é que, aos poucos, hábitos e comportamentos mais saudáveis ganhem espaço no dia a dia. "Sem sentir culpa quando faz algo esporádico que não esteja nesse contexto", aconselha a nutricionista.

O processo de autojulgamento, ela diz, pode culminar em recaídas que dificultam o comportamento saudável. "Nunca mais comer um doce ou beber uma taça de vinho não significa ter uma vida saudável."



Por que ter metas em 2025?

- Especialistas afirmam que estabelecer uma meta é o primeiro passo para alcançar um objetivo
- Mesmo que não sejam concretizadas em sua totalidade, são importantes para promover mudanças que seriam deixadas de lado caso a meta não tivesse sido feita
- Além disso, trata-se de um processo terapêutico que tem como base a reflexão, uma vez que é necessário pensar no passado e organizar as ações futuras.

Habilidade para dizer mais não do que sim

Resoluções não vão à prática porque não nos colocamos em primeiro lugar

Joanna Moura

É publicitária, escritora e produtora de conteúdo. Autora de "E Se Eu Parasse de Comprar? O Ano Que Fiquei Fora da Moda".

Eu nunca vi um fim de ano com tanta retrospectiva. Sem medo de entregar a idade, admito que sou da época em que só tinha uma, aquela clássica que saia da televisão e ocupava a sala de casa, virando pano de fundo de reuniões de fim de ano e combustível para as conversas em família e entre amigos ali naquelas horas que antecedem o início de um novo ano.

Agora, para onde se olha, tem gente olhando para trás. Nos podcasts, nas redes sociais, no noticiário, nas páginas de fofoca: memes que marcaram o ano, pessoas que mais se destacaram, celebridades que se divorciaram, os piores desastres naturais. Tem retrospectiva para todo gosto.

Talvez tenha sido meu ano —que, confesso, não irá entrar para o top 5 anos da minha vida— mas eu relutei em adotar essa trend. Decidi logo no início de dezembro que usaria a virada do ano para olhar para frente, ao invés de pelo retrovisor, mas falhei miseravelmente.

Há pouco mais de uma semana, enquanto fazia uma limpa no celular, dei de cara com um arquivo intitulado 2024. Tratava-se da lista ambiciosa de resoluções que compilei a poucos dias de adentrar o ano que se encerra agora.

Ao final da lista, me aguardava a constatação de que, para o ano que vem, nem precisava me dar ao trabalho de criar uma lista nova. Bastava atualizar o título da anterior, alterando o último dígito do ano. As metas para 2025 seguiam as mesmas, tamanho foi o fracasso em realizar qualquer uma delas no ano que passou.

Para onde foram esses 365 dias? O que fizemos nesse tempo que parece tanto, mas que não foi suficiente para comportar nossos planos?

Olho ao meu redor e vejo tantas mulheres sofrendo com essa mesma frustração. Entra ano e sai ano sem que nós consigamos cumprir o que nos prometemos. Sendo obrigadas a olhar para trás com culpa diante da nossa própria retrospectiva.

Mais um ano que se passa e não conseguimos chegar lá naquele Olimpo onde gostaríamos de estar. E repetimos para nós mesmas: "esse ano vai!" mesmo sabendo que é bem provável que aquele lugar esteja agora um pouquinho mais longe do que estava na virada do ano que passou.

E a pergunta que resta é: para onde foram esses 365 dias? O que fizemos nesse tempo que parece tanto, mas que não foi o suficiente para comportar nossos planos?

Foi conversando com outras mulheres que me caiu essa ficha. Nossa aparente inabilidade de colocar em prática nossas resoluções está diretamente relacionada à nossa incapacidade de nos colocar em primeiro lugar.

Passamos o ano colocando as metas dos outros na frente das nossas, priorizando o bem-estar, o sucesso, os sonhos dos outros e não os nossos, dizendo sim para os outros e não para nós.

Resolvi, portanto, deletar a lista. Para 2025, minha única meta é me colocar um pouco mais em primeiro lugar.

Semana passada, ouvindo música enquanto arrumava a mala para a nossa viagem de fim de ano, tocou aquela do Lulu Santos que diz:

"Eu vejo um novo começo de era
De gente fina, elegante e sincera
Com habilidade para dizer mais sim do que não"

Lulu claramente não é mulher e, portanto, me autorizo a discordar de seus versos. Para 2025, desejo para todas nós a habilidade de dizer mais não do que sim.

Ou, pelo menos, mais não para os outros e mais sim para nós mesmas.

equilíbrio

Apesar de você, amanhã há de ser outro dia

Aprendi com Clarice que muitas vezes é o próprio 'apesar de' que nos empurra para frente

Mirian Goldenberg

Antropóloga e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é autora de "A Invenção de uma Bela Velhice"

Comecei 2024 com Clarice Lispector, mergulhada nas suas crônicas, cartas e entrevistas. Clarice nasceu no dia 10 de dezembro de 1920 e morreu no dia 9 de dezembro de 1977, um dia antes de completar 57 anos. Estou lendo "Todas as Cartas". Como já conhecia as primeiras cartas da década de 1940, iniciei minha leitura das 960 páginas pela última carta, de novembro de 1977, que Clarice escreveu para Lygia Fagundes Telles.

"Lygia, você é tão doce e escreve tão bem. Fiquei muito contente com o fato de Rachel de Queiroz entrar na ABL. Se eu tivesse poder, daria a segunda vaga a Dinah Silveira de Queiroz que conseguiu para a mulher brasileira um lugar ao sol. Embora eu não deseje a morte para ninguém, sugiro que a terceira vaga seja preenchida por Lygia Fagundes Telles. Estão achando que sugiro mulheres demais? Não, é que a Academia Brasileira de Letras tem uma grande dívida para com as mulheres. E se Nélida Piñon estivesse na Academia, esta sofreria uma modificação revolucionária, pois Nélida tem coragem para renovar. Antes de terminar, quero dizer que, apesar do grande respeito que tenho pela Academia, eu jamais aceitaria entrar nela."



Claudia Liz

O desejo de Clarice se realizou. A primeira mulher eleita para a ABL (Academia Brasileira de Letras), em 4 de novembro de 1977, foi Rachel de Queiroz; Dinah Silveira de Queiroz foi eleita em 10 de julho de 1980; Lygia Fagundes Telles em 24 de novembro de 1985 e Nélida Piñon em 27 de julho de 1989, a primeira mulher a assumir a presidência da ABL, no biênio 1996-1997.

Em dezembro sempre faço um balanço do que aconteceu de bom e de ruim no ano que passou. Em 2024, meu balanço de momentos tristes incluiu a morte de um amigo querido; a doença grave de uma amiga de infância; minhas próprias doenças que se acumularam com a idade; perrengues no trabalho; medos, ansiedades, angústias e insônias. Sem falar das guerras, desastres ambientais, crises políticas e econômicas etc.

[Neste ano] terminei de escrever, com minhas lágrimas de saudade, um livro em homenagem aos meus amigos nonagenários, especialmente ao meu melhor amigo Guedes, de 98 anos, que me ensinou a ter coragem

Apesar de ter sido um ano muito difícil, também fiz um balanço dos bons momentos, começando pela homenagem que recebi no Dia Internacional da Mulher: ser escolhida como a primeira representante da Mônica 60+, pela Turma da Mônica do Mauricio de Sousa.

Teve mais. No Dia do Idoso, 1º de outubro, concluí meu relatório de pós-doutorado em psicologia social sobre "Envelhecimento, autonomia e felicidade", que vou transformar em um novo livro sobre os caminhos para construir uma "bela velhice".

E terminei de escrever, com minhas lágrimas de saudade, um livro em homenagem aos meus amigos nonagenários, especialmente ao meu melhor amigo Guedes, de 98 anos, que me ensinou a ter coragem. A ideia do livro nasceu no dia 8 de maio de 2015, quando, na minha progressão para professora titular da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Roberto DaMatta disse que meu memorial era uma espécie de "confissões de uma antropóloga". Talvez seja o livro mais bonito que já escrevi. Talvez...

Termino o ano com Clarice: "Uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora da minha própria vida".

Apesar de, eu quero saúde, amor e coragem para rir mais de mim mesma. É querer muito?

Como não perder as esperanças no amor após diversas frustrações?

Opinião

Ao invés de esperar que alguém te salve no futuro, reserve um tempo para rever o passado e se convide a contar novas narrativas de seus melodramas; é possível ver poesia onde só havia dor

Carol Tilkian

Psicanalista e professora da Casa do Saber

Pergunta: "Como não perder as esperanças no amor depois de várias experiências frustrantes?"

Talvez o primeiro nó que tenhamos que desfazer é exatamente esse apego a uma esperança que mais espera do que age; que se sente parte da arca de Noé dos últimos românticos (ou seria um Titanic prestes a naufragar?), sem se dar conta de que a forma como ele narra a própria história —a tal sequência de experiências frustrantes— talvez seja o redemoinho mais perigoso que o mantém num ciclo autodestrutivo de vitimismo, insegurança e ansiedade para que alguém o tire dali.

Digo que no amor, ao contrário da nossa vida profissional, nossa experiência depõe contra nós. Isso porque usamos nosso repertório de desencontros como gabaritos para identificar roteiros melodramáticos e fugir dos possíveis personagens cafajestes. Buscamos tais repetições numa tentativa de controlar o incontrolável e, com isso, forçamos correlações entre histórias completamente desconexas simplesmente porque nos parece mais confortável interpretar os dois dias de silêncio de Ricardo, seu atual ficante, como o prenúncio da traição de Beto, seu namorado abusivo de 2019. Mais do que sermos felizes, queremos mesmo é ter razão e nos proteger.

Como você conta a sua história e a sua história amorosa? Percebo que parte da compulsão à repetição já apontada por Freud diz menos sobre o tal "dedo podre" e o "só atraio gente lixo" e mais sobre a simplificação na forma como elaboramos nossas experiências vividas. Será mesmo que todos esses ex-amores foram prioritariamente frustrantes? Em vez de classificarmos cada término como um fracasso, e cada frustração como uma derrota, talvez possamos vê-los como parte do aprendizado.



Coluna Amor Crônico responde dúvidas de leitores

Publicada às quartas-feiras no site da **Folha**, a coluna Amor Crônico, assinada pela psicanalista e pesquisadora Carol Tilkian, responde questões de leitores sobre relacionamentos. Para mandar sua dúvida, escreva para coluna amorcrônico@amorespossíveis.love

O que fica de quem não ficou? Quais foram seus ganhos, suas descobertas? O que você se permitiu fazer, para quais experiências se abriu? O psicanalista Erich Fromm diz que o amor é uma arte e que, como toda arte, quanto mais a gente pratica, melhor a gente fica. Ou seja, nem tudo se perde quando a gente perde a conchinha fixa.

Meu convite a esse coração cansado e esperançoso seria, então: ao invés de esperar que um novo alguém te salve no futuro, reserve um tempo pra rever o seu passado e se convide a contar novas narrativas de seus melodramas. Ao encontrarmos o romance, a comédia e a poesia onde antes só víamos dor, estamos elaborando os lutos e saindo da repetição do ressentimento. E com esse mesmo olhar propositivo e criativo, te convido a, aí sim, se abrir para o presente. Mas se abrir com um coração que mais sente do que entende. Abandone a busca por padrões e a prepotência de achar que suas relações passadas são guias para evitar tragédias. A tragédia aqui é você em busca de certezas para dar o próximo passo.

BEBIDA

Pesquisadores alertam para riscos do consumo de álcool de 'alta intensidade'

THE NEW YORK TIMES As férias oferecem uma desculpa para se reunir com os entes queridos, se soltar e se deliciar: pratos cheios de comidas e, para alguns, muito álcool.

Pesquisadores estão cada vez mais focados em um padrão mais perigoso de uso de álcool, que eles chamam de consumo de alta intensidade: oito ou mais bebidas alcoólicas seguidas, para mulheres; e dez ou mais, para homens.

Especialistas que estudam os efeitos do álcool disseram que vale a pena distinguir entre consumo excessivo e consumo de alta intensidade.

Consumir oito ou dez drinques em um curto período de tempo pode produzir uma concentração de álcool no sangue de mais de 0,2%, "o que aumenta significativamente o risco de ferimentos, overdose e morte", disse George F. Koob, diretor do Instituto Nacional de Abuso de Álcool e Alcoolismo. Para comparação, um consumo regular (quatro ou cinco drinques) normalmente resulta em uma concentração de cerca de 0,08%.

Os bebedores de alta intensidade também são mais propensos a sofrer um apagão.